Série Apologética

Volume II

Espiritismo
Islamismo
Santo Daime
Seicho-no-ie
Adeptos do nome YEHOSHUA

ICP Editora

Copyright © 2001 by ICP - Instituto Cristão de Pesquisa
Diretor executivo: Antônio Fonseca
Editor: Jamierson Oliveira
Coordenadores Teológicos: Alberto Alves da Fonseca, Natanael Rinaldi
Preparação e revisão de textos: João Guimarães, Edna Guimarães
Diagramação e fotolitos: Spress
Capa: Valdir Guerra

[2001]
Todos os direitos reservados em língua portuguesa por ICP editora
Av. Ipiranga, 877 - 7° andar
Sala 75 - Centro - SP
Telefax (0xx11) 3337-2055
www.icp.com.br / editora@icp.com.br

OBSERVAÇÃO:

Não diminua o tamanho do papel e a fonte usada neste e-book, pois este documento contém tabelas que poderão ficar quebradas, e caracteres hebraicos e gregos incorporados à fonte Times New Roman.

APELO IMPORTANTE

Para você que disponibiliza o fruto do nosso trabalho em seu site, blog, etc.:

Continue à vontade para redistribuir nossos e-books, mas seja um cristão honesto e **NÃO RETIRE** os créditos de quem teve o trabalho de digitalizar (ou reeditar) e distribuir esta obra!

NÃO QUEIRA RECEBER OS CRÉDITOS POR ALGO QUE VOCÊ NÃO FEZ!

Nós não vamos tomar nenhuma atitude contra você, mas Deus está vendo!

Digitalizado por SusanaCap

LANÇAMENTO

Semeadores da Palavra

www.semeadores.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

SUMÁRIO

Espiritismo **3**

Islamismo **40**

Santo Daime **64**

Igreja Seicho-no-ie **69**

Adeptos do nome Yehoshua e suas variantes **81**

ESPIRITISMO

I - INTRODUÇÃO

Em certo sentido, pode-se afirmar que o espiritismo é a religião mais antiga do mundo. E pode-se dizer mais, que a primeira sessão espírita se realizou no Jardim do Éden, quando a serpente, incorporando o diabo, entabulou conversação com a mulher e assim conseguiu ludibriá-la (Gn 3.1-5).

A Bíblia é o livro, dentre outros, que nos dá a história do espiritismo. Começando no Êxodo, ela mostra que os antigos egípcios foram praticantes de fenômenos espíritas, quando os magos foram chamados por Faraó para repetir os milagres operados por Moisés. Quando Moisés apareceu diante desse monarca com a divina incumbência de tirar o povo de Israel da escravidão egípcia, os magos repetiram alguns dos milagres de Moisés (Êx 7.10-12; 8.18).

Mais tarde, já nas portas de Canaã, Deus advertiu o povo de Israel contra os perigos do ocultismo, dentre os quais se destacava a mediunidade como prática abominável à sua vista (Dt 18.9-12). O castigo imposto aos que desobedecessem aos mandamentos de Deus nesse particular é que seriam condenados à morte (Êx 22.18; Lv 20.27). O Antigo Testamento também indica como amaldiçoadas por Deus pessoas com ligações com espíritos familiares e feiticeiras (Lv 19.31; 20.6).

O rei Saul, antes da sua apostasia, quando ainda estava sob a direção de Deus, baniu os praticantes de espiritismo em todas as suas modalidades (1 Sm 28.3-9), da mesma forma como o fez o reto rei Josias após ele (2 Rs 23.24-25). O profeta Isaías também se dirigiu aos antigos espíritas que vaticinavam para o povo de Israel que essa prática era inútil e detestável aos olhos de Deus (Is 8.19; 19.3; 47.9,13-14).

Igualmente, a queda do rei Manassés se deu como resultado das suas práticas ligadas ao espiritismo (2 Rs 21.6; 2 Cr 33.6). A Bíblia também registra a tentativa de o homem procurar conhecer o futuro e os mistérios do universo, seja por meio de adivinhação, encantamentos, feitiçaria. Egípcios, caldeus e cananitas, diz-nos a Bíblia, estavam envolvidos com essas práticas e têm continuado através dos séculos (Mq 5.12; Na 3.4).

II - HISTÓRICO DO ANTIGO E MODERNO ESPIRITISMO

Em 1848, houve um recrudescimento do espiritismo no sítio de Hydesville, perto da cidade de Arcádia, Condado de Wayne, Estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos. A família Fox alugou uma casa tida como assombrada. Aí residia a família do Dr. João Fox, constituída pela Sra. Margarida Fox, esposa do Dr. João, e as filhas Margarida, cujo apelido familiar era Maggie, e Catarina, apelidada Katie. O casal Fox tinha dois filhos que moravam fora da casa paterna: David e Ana Leah (ou Lia), que era mais velha do que Maggie, 23 anos. Era um lugar muito pobre de casas e de humilde aspecto, geralmente construídas de madeira. Seus pais eram metodistas. Notava-se que naquela residência acontecia algo de anormal que obrigava os seus moradores a mudar-se. O último inquilino antes da família Fox fora um homem chamado Miguel Weekman, em 1847, tendo várias vezes ouvido baterem à porta e quando ia ver quem era não encontrava ninguém, isso ocorrendo várias vezes. Como essa cena se repetia constantemente, aborrecido, mudou-se de casa. Na referida casa, passou habitar a família Fox: pai, mãe e as duas meninas — Katie, com 12 anos, e Maggie, com 15. Neste mesmo ano a casa era novamente perturbada por estranhas manifestações; ruídos inexplicáveis faziam-se ouvir com tal intensidade que a família não conseguia repousar. Freqüentemente esses fenômenos pareciam vir do quarto onde dormiam as duas irmãs. Mesmo

quando o quarto estava fechado, percebia-se ali o movimento de objetos, móveis que arrastavam, mesas e cadeiras que giravam. Chamados os vizinhos, eles foram testemunhas dos mesmos fenômenos. Todos os meios de vigilância foram colocados em ação para descobrir de onde procediam aquelas batidas, e tudo foi inútil. Não se pôde descobrir a causa real daquelas manifestações, apesar das numerosas pesquisas. A família percebeu que a causa produtora era inteligente, pois, certa noite, quando Katie comentava com sua mãe tais coisas, procurou imitar com estalar de dedos aqueles sons misteriosos e para surpresa delas, de súbito, os mesmos estalos se reproduziram e em número igual. Surpreendida e, curiosa, Katie repetiu os estalos e os mesmos se fizeram ouvir de novo. A senhora Fox pediu ao misterioso visitante que contasse até dez. Ouviram dez pancadas! Perguntou-lhe qual era a idade de cada uma de suas filhas, obtendo resposta exata. Por meio de outras perguntas, verificou tratar-se de um espírito que respondia afirmativamente, dando dois toques e negativamente dando um toque.

Desta maneira, foram informadas que o tal espírito era a alma de Carlos Ryan, assassinado naquela casa e que fora enterrado na despensa. A notícia de que era possível falar com os mortos por intermédio de seu espírito logo se espalhou e a casa da família Fox começou a ser freqüentada pelos vizinhos, que ali iam passar noites em consulta ao espírito. Em vista do crescente progresso espírita, a família decidiu se mudar de cidade, transferindo-se para Rochester. Após quatro meses nesta cidade, resolveram mudar-se para Nova York.

Os investigadores dessas manifestações notaram que o fenômeno só se produzia na presença da jovem Katie Fox, atribuindo-lhe um certo poder que vieram a chamar de mediunidade.

Certa noite, sentada em torno de uma mesa, estava a senhora Fox conversando com outras duas pessoas, quando de súbito a mesa se agita e se eleva no ar. Uma das pessoas presentes deu ordem à mesa, e a movimentação cessou. Lia logo atribuiu aos espíritos a locomoção espontânea da mesa.

Lia, a irmã mais velha, com suas irmãs, teve a idéia de invocar outros espíritos e assim muitos dos que assistiam àquelas sessões espíritas foram levados pela curiosidade ou pelo desejo de também se tornarem célebres a repetir, por conta própria, as experiências e as evocações dos espíritos, de tal modo que pela América do Norte as sessões espíritas se foram multiplicando rapidamente.

Essas meninas se tornaram médiuns e durante 30 anos produziram fenômenos que se tornaram conhecidos em várias partes do mundo. No dia 21 de outubro de 1888, a Sra. Margareth Fox Kane realizou pela primeira vez seu intento de, com os próprios lábios, denunciar publicamente o espiritismo e seu séquito de truques. Apresentou-se à Academia de Música de Nova York perante numerosa e distinta assembléia e, sem reservas, demonstrou a falsidade de tudo quanto no passado fizeram sob o disfarce da mediunidade espírita.

A Sra. Maggie (Margarida) manteve-se em pé sobre o palco. Tremendo e possuída de intensos sentimentos, fez uma aberta e extremamente solene abjuração do espiritismo, enquanto a Sra. Catharine Fox Jencksen assistia de um camarote vizinho, dando, por sua presença, inteiro assentimento a tudo que a irmã dizia (The World, 22.10.1888, citado no livro "O Espiritismo no Brasil", p. 444).

Desta maneira, o espiritismo assumia sua feição definitiva.

MONUMENTO AO ESPIRITISMO MODERNO

O Congresso Internacional de Espiritismo reunido em Paris no ano de 1925 aprovou unanimemente a proposta de erigir um monumento comemorativo em Hydesville, nos Estados Unidos para comemorar as primeiras manifestações espíritas, que tiveram lugar a 31 de março de 1848, nas pessoas das então meninas Katie e Margareth Fox. O monumento recebeu a seguinte inscrição:

Erigido a 4 de dezembro de 1927 pelos espiritistas de todo o mundo, em comemoração das revelações do espiritismo moderno em Hydesville, Nova York, a 31 de março de 1848, em Homenagem à mediunidade, base de todas as demonstrações sobre que se apóia o espiritismo. A morte não existe. Não há mortos.

III - NA EUROPA

Dos Estados Unidos, o espiritismo passou para a Europa, indo primeiramente à Alemanha, por meio de uma carta, onde eram expostos os processos empregados para obter-se os curiosos fenômenos. Posto fielmente em prática, foi infalível: as mesas giraram, ouvindo-se ruídos. Neste país, numerosos pesquisadores lhe dedicaram atenção, não como adeptos, mas como estudiosos dos chamados fenômenos psíquicos. Em 1869, é fundada a Bibliothek des Spiritualismus fur Deutschland y Spirite Studien. O espiritismo na Alemanha contava entre os seus principais adeptos o astrônomo Zoellner, professor de Física na Universidade de Leipzig, que se dedicou a experiências espíritas de 1877 a 1881. Neste mesmo ano de 1852 o espiritismo era introduzido na Escócia e logo depois na Inglaterra, Rússia e França.

IV - NA FRANÇA

A notícia dos fenômenos misteriosos que se produziam na América suscitou na França intensa curiosidade e, em pouco tempo, a experiência das mesas giratórias era grandemente disseminada. Nos salões, a moda era interrogá-las sobre as mais fúteis questões. Durante os anos de 1851 e 1852, essas práticas eram vistas apenas como divertimento; não se tomavam essas manifestações a sério. O barão de Guldenstubbé ao entrar em contato com as mesas giratórias ficou muito impressionado pelo caráter inteligente que revestia o movimento da mesa e publica, em 1857, um livro intitulado "La Réalité des Espirits" relatando as primeiras experiências deste fenômeno. Os jornais, as revistas e as academias protestaram, ridicularizando esse novo fenômeno, chegando quase a extingui-lo.

V - O ESPIRITISMO NO BRASIL

No Brasil, as mesas começaram a dançar em 1853. O *Jornal do Comércio,* do Rio de Janeiro, foi o primeiro a publicar matéria sobre as mesas girantes da Europa e dos Estados Unidos, em sua edição de 14 de junho de 1853. Duas semanas depois, no dia 30 de junho, o mesmo jornal informa sob o título de *A Rotação Elétrica,* os fenômenos que empolgavam Paris, depois de terem feito sucesso nos Estados Unidos, México, Londres, Viena e Berlim.

No dia 2 de julho de 1853, o *Diário de Pernambuco,* editado no Recife, informava a seus leitores que, em Paris, grande era a curiosidade, que toda a sociedade se colocava em torno das mesas esperando algum movimento.

O *Jornal Cearense,* de Fortaleza, na edição de 19 de maio de 1854, informava aos seus leitores sobre a evocação de almas por meio das mesas *girantes: A evocação se faz por intermédio de um iluminado, a quem se dá o nome de médium* ("Espiritismo Básico", Pedro Franco Barbosa, FEB, 2ª edição, p. 68).

Foi assim que o espiritismo no Brasil conquistou adeptos, passando da mesa rodante para a mesa falante; da mesa inteligente à relação com os mortos; da comunicação com os mortos a novas revelações; destas revelações a uma nova religião, com doutrinas e práticas opostas ao Evangelho de Jesus Cristo.

A primeira sessão espírita realizada no Brasil ocorreu em Salvador, Bahia, no dia 17 de setembro de 1865, sob a direção de Luiz Olímpio Teles de Menezes. Este fundou no mesmo ano o primeiro centro espírita, com o nome de *Grupo Familiar de Espiritismo.*

Em julho de 1869, Luís Olímpio publica "O Eco do Além Túmulo — Monitor do Espiritismo no Brasil", o primeiro jornal espírita do Brasil, com 56 páginas, circulando no Brasil e em capitais estrangeiras como Londres, Paris, Madri, Nova York.

Em 28 de novembro de 1873, é desfeito o *Grupo Familiar do Espiritismo,* fundando-se a sociedade científica, sob o título de *Associação Espírita Brasileira,* sendo Luís de Menezes o primeiro presidente.

O primeiro movimento organizado do espiritismo, no Rio, começou em 2 de agosto de 1873, com a fundação da *Sociedade de Estudos Espiríticos — Grupo Confúcio,* sob a direção dos Drs. Francisco de Siqueira Dias Sobrinho, presidente e Antônio da Silva Neto. O *Grupo Confúcio* tinha como divisa; *sem caridade não há salvação; sem caridade não há verdadeiro espírita* ("Espiritismo Básico." Pedro Franco Barbosa, FEB, 2ª edição, p. 70); recebia mensagens de seu patrono e tinha como guia espiritual um espírito chamado Ismael, que se revelou como diretor espiritual do Brasil; praticava a homeopatia e aplicava passes nos doentes.

Em 1º de janeiro de 1875, o *Grupo Confúcio* lançou a *Revista Espírita,* redigida e dirigida pelo Dr. Antônio da Silva Neto. Era o segundo periódico espírita do Brasil e o primeiro do Rio de Janeiro, que até então era a capital do Império. Neste mesmo ano o *Grupo Confúcio* publicou a tradução de várias obras de Kardec, a cargo de Fortúnio, pseudônimo de Joaquim Carlos Travassos: O "Livro dos Espíritos", "O Livro dos Médiuns", "O Céu e o Inferno", "O Evangelho Segundo o Espiritismo". Estes foram os primeiros livros publicados no Brasil, pela editora B.L. Garnier.

Em 23 de março de 1876, funda-se a *Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade* sob a orientação de Bittencourt Sampaio; e, em 1878, também de Antônio Luís de Sayão. Em 20 de maio de 1877, membros dissidentes da Sociedade fundaram a *Congregação Espírita Anjo Ismael.* No ano seguinte, outros componentes da mesma Sociedade fundam o *Grupo Espírita Caridade.* Essas instituições, bem como o Grupo Espírita Confúcio, desaparecem em 1879.

Em 1883, foi fundada a *Revista Reformador,* que mais tarde veio se tornar o órgão oficial da *Federação Espírita Brasileira,* organizada em 1º de janeiro de 1884. A partir de então se multiplicam os grupos e centros espíritas, ocasionando a formação de federações de âmbito estadual.

O nome mais conhecido do espiritismo kardecista brasileiro é o do médium Francisco Cândido Xavier, mais conhecido como Chico Xavier. Natural da cidade de Uberaba, Minas Gerais, onde reside. Ele é muito procurado por pessoas de todas as classes sociais, vindas de todos os lugares do país, que recorrem a seus serviços mediúnicos em busca de ajuda espiritual e também de curas físicas. De acordo com a revista *Veja,* de 10/4/1991, p. 40, Chico Xavier já incorporou os espíritos de 605 autores mortos, 328 dos quais eram poetas, entre eles alguns dos mais famosos tanto em Portugal como no Brasil.

Tudo isso faz do Brasil o maior país espírita do mundo. Enquanto a doutrina espírita cresce no Brasil, ela praticamente desapareceu na França, onde nasceu.

VI - CAUSAS DA DIFUSÃO DO ESPIRITISMO NO BRASIL

São variadas as causas para que o espiritismo, em todas as suas formas, progredisse tanto no Brasil, a ponto de nosso país ser considerado o maior país espírita do mundo, como apregoam fartamente os seguidores de Allan Kardec. Eis algumas razões:

1. Você é um médium - precisa desenvolver-se

São as palavras dos espíritas quando se deparam com pessoas com problemas ligados à insônia, tristeza, perturbação, arrepios e por aí afora. Logo a idéia do espírita é que essa pessoa está sob a pressão de espíritos opressores e precisa desenvolver a mediunidade num centro espírita. E lá se vai a pessoa cheia de esperança de ver-se livre desses incômodos inexplicáveis. Envolvendo-se com o espiritismo, vem em seguida o temor de sair, julgando que as conseqüências serão fatais.

2. A grande saudade dos mortos

Essa saudade é habilmente explorada pelo espiritismo, pois é aberta a possibilidade dessa comunicação com o ente morto. Veja o relato de uma pessoa envolvida por esse meio:

> No dia 16 de julho de 1933 morreu minha irmã, então com sete anos de idade, e, logo depois, uma família das proximidades de Bemidji, Minnesota, nos disse que havia entrado em contato com o espírito da menina morta e que ela estava ansiosa por falar conosco. A família toda ficou alvoroçada e combinamos nos encontrar em Bemidji na ocasião marcada para a sessão. Com isso, deu-se o envolvimento. Certa ocasião, foi anunciada no citado centro uma sessão de perguntas e respostas e foi orientado que as perguntas deveriam ser de ordem espiritual. Foi dirigida a primeira pergunta ao espírito mentor se ele cria que Jesus era filho de Deus.
>
> Resposta do espírito mentor: É lógico, meu filho, Jesus é o Filho de Deus. Crê apenas como diz a Bíblia.
>
> Segunda pergunta: Ó tu, grande e infinito Espírito, crês que Jesus é o Salvador do mundo?
>
> Resposta: Meu filho, por que duvidas? Por que não crês? Tens estado conosco; por que continuas a duvidar?
>
> Terceira pergunta: Ó espírito, crês que Jesus é o Filho de Deus, e que Ele é o Salvador do mundo — crês que Jesus morreu na cruz e derramou seu sangue para a remissão de pecados?
>
> O médium, em profundo transe, foi arremessado de sua cadeira. Foi cair bem no meio da sala de estar e gemia como se estivesse sentindo profunda dor. Os sons turbulentos sugeriam espíritos num carnaval de confusão.
>
> ("Eu Falei com Espíritos", Editora Mundo Cristão, 1977, pp. 23-24).

VII - DIVISÕES DO ESPIRITISMO NO BRASIL

O Espiritismo Kardecista

Pode ser chamado de espiritismo ortodoxo. Aquele que está filiado à *Federação Espírita Brasileira* e para quem Allan Kardec é considerado o *Mestre Divino.* É o maior grupo.

A Legião da Boa Vontade

O nome do fundador completo é Alziro Elias Davi Abraão Zarur e nasceu aos 25 de dezembro de 1914, de pais sírios, que eram católicos ortodoxos. Considerava-se ele a reencarnação de Allan Kardec como declara no livro "Jesus - A Saga de Alziro Zarur". Não crê que Cristo tivesse corpo real e humano, seguindo a linha de pensamento de João Batista Roustaing.

Racionalismo Cristão

Fundado em 1910, por Luiz de Mattos. Luiz José de Mattos nasceu em Portugal (Traz os Montes em 3 de janeiro de 1860). É panteísta e fala de Deus como *O Grande Foco, Inteligência Universal.* Possui templos suntuosos em várias regiões de São Paulo.

Cultura Racional

Fundada por Manoel Jacintho Coelho, em 1935, no Rio de Janeiro (Meyer), idéia mais divulgada a partir de 1970, quando alcançou fama nacional. Aceita a metempsicose (retorno do espírito do morto a seres inferiores).

Umbanda

Seita afro-brasileira que é divulgada mais como folclore do que como religião, embora advogue esta última condição. Formada pelo sincretismo de cultos afros, ameríndios e catolicismo europeu trazido pelos portugueses. Declara-se com o objetivo de desfazer os males invocados pela Quimbanda através de Exus. Evoca, diferindo do espiritismo kardecista, os Orixás, seres elementares da natureza, mas evoca também os espíritos dos pretos velhos; e caboclos, que são segundo eles, os espíritos dos índios mortos.

Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento

Fundado em 1909 pelo Sr. Antônio Olívio Rodrigues.

Possui espalhados pelo Brasil milhares de *tattwas* ou centros.

Aceita a doutrina reencarnacionista.

Ordem Rosacruz

Com suas várias organizações como: *AMORC* (Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis). A fraternidade segue uma tradição mística egípcia. Alega ser originária do reinado de Amenhotep IV, imperador egípcio no ano de 1353 a.C, mais conhecido como Akhenaton. *A Fraternidade Rosacruz* de Max Heindel, a *FRC* (Fraternidade Rosae Crucis) de Clymer. A *FRA* (Fraternitas Rosacruciana Antíqua) de Krummheller ou a *Igreja Gnóstica e a Ordem Cabalística da Rosacruz* (Igreja Expectante do Sr. Léo Alvarez Costet de Mascheville).

Finalmente, poderíamos agrupar aqui as sociedades teosóficas, as seitas orientais japonesas como Seicho-No-Ie, Igreja Messiânica Mundial, Arte Mahikari, Perfect Liberty. Seitas orientais provindas do hinduísmo, como movimento Hare Krishna, Meditação Transcendental, e outras. Todas elas são adeptas do reencarnacionismo.

VIII - DECLARAÇÃO COMPROMETEDORA

Declara Allan Kardec que: Um direito imprescritível é o direito de exame e de crítica, do qual o espiritismo não tem a pretensão de eximir-se, assim como não tem a de satisfazer a todos. Cada um é livre para aceitá-lo ou rejeitá-lo, mas depois de discuti-lo com conhecimento de causa... Para saber qual a parte de responsabilidade que cabe ao espiritismo em dada circunstância há um meio bem simples: inquirir de boa fé, não dos adversários, mas na própria fonte, o que ele aprova e o que condena. E isto é fácil porque ele nada tem de secreto. Seus ensinamentos são divulgados e todos podem examiná-los ("Obras Póstumas", Opus Editora Ltda., p. 1127, 28, 2ª edição, 1985).

É justamente o que pretendemos fazer: analisar as doutrinas espíritas à luz da Bíblia Sagrada, nos dirigindo principalmente aos livros de autoria de Allan Kardec, que constituem a base do espiritismo.

IX - DOUTRINA ESPÍRITA

Define-se como doutrina espírita o conjunto de princípios básicos, codificados por Allan Kardec, que constituem o espiritismo. Estes princípios estão contidos nas obras fundamentais, que são: "O Livro dos Espíritos", "O Que É o Espiritismo", "O Livro dos Médiuns", "O Evangelho Segundo o Espiritismo", "O Céu e o Inferno", "A Gênese" e "Obras Póstumas".

X - O QUE É UM ESPÍRITA

Allan Kardec define como espírita todo aquele que crê nas manifestações dos espíritos ("O Livro dos Médiuns", p. 44, 20ª edição). Com essa definição, embora não agrade aos espíritas kardecistas, não podem negar que os chamados cultos afro-brasileiros integram tal prática, portanto podem ser também reconhecidos como espíritas. São considerados como integrantes do baixo espiritismo.

XI - ESPIRITISMO É RELIGIÃO?

Como acontece com outras organizações religiosas que não querem assumir seu caráter de religião, o espiritismo, a princípio, nega essa sua condição de entidade religiosa:

> O espiritismo é, antes de tudo, uma ciência, e não cuida de questões dogmáticas.
>
> Melhor observado depois que se generalizou, o espiritismo vem derramar luz sobre um grande número de questões, até hoje insolúveis ou mal compreendidas. Seu verdadeiro caráter é, portanto, o de uma ciência e não de uma religião ("O Que Ê o Espiritismo", p. 294, Opus Editora Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Em lugares novos, onde os espíritas começam a penetrar, a primeira coisa que propagam é dizer que o espiritismo não é religião.

Depois, tiram a máscara e identificam-se como religião:

> O espiritismo foi chamado a desempenhar um papel imenso na Terra. Reformará a legislação tantas vezes contrária às leis divinas; retificará os erros da História; restaurará a religião do Cristo, que nas mãos dos clérigos se transformou em comércio e tráfico vil; instituirá a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai direto a Deus, sem se deter às abas de uma sotaina ou nos degraus de um altar ("Obras Póstumas. Obras Completas." Editora Opus, p. 1206, 2ª edição especial).
>
> Aproxima-se a hora em que terás de declarar abertamente o que é o espiritismo e mostrar a todos onde está **a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo.** A hora em que, à face do Céu e da Terra, deveras proclamar **o espiritismo como única tradição realmente cristã,** a única instituição verdadeiramente divina e humana ("Obras Póstumas. Obras Completas." Editora Opus, 2ª edição especial, p. 1210) (destaques nossos).

O espiritismo reivindica ser uma religião. Afirma ser a verdadeira religião, superior a todas as outras, ainda que alguns de seus adeptos aleguem que o espiritismo seja uma filosofia ou ciência.

O Cristianismo tem seus fundamentos históricos e doutrinários baseados na Bíblia. Qualquer movimento religioso que alegue ser cristão deve ter seus ensinos confrontados com a Palavra de Deus para se verificar a veracidade dos mesmos e se, de fato, podem ser chamados cristãos.

XII - A FALACIOSA PROPAGANDA ESPÍRITA

O espiritismo arroga para si a condição de ser autêntico Cristianismo. Será?

> A doutrina espírita nos ensina a praticar o Cristianismo em sua forma mais pura e simples, assim, o espírita procura ser um bom cristão. Ele sente que precisa combater seus próprios defeitos e praticar os ensinamentos de Jesus ("O Espiritismo em Linguagem Fácil", p. 61).

Resposta Apologética:

Para praticar o Cristianismo em sua forma mais pura e simples, em primeiro lugar seria preciso que o espiritismo tivesse sua base na Bíblia e suas crenças fossem as mesmas do Cristianismo histórico. Não é o caso. Daí porque o espiritismo usa uma falsa propaganda ao fazer afirmações como as citadas e como outras, entre as quais destacamos:

É preciso que nos façamos entender. Se alguém tem uma convicção bem assentada sobre uma doutrina, ainda que falsa, é necessário que o desviemos dessa convicção, porém, pouco a pouco, eis porque nos servimos, quase sempre, ***de suas palavras e damos a impressão de partilhar de suas idéias,*** *a fim de que ele não se ofusque de súbito e deixe de se instruir conosco.* (Destaque nosso).

Então, o texto citado afirma que Allan Kardec recomenda:

Primeiro: nos servimos... de suas palavras...

Segundo: damos a impressão de partilhar de suas idéias...

Com que propósito? *a fim de que ele não se ofusque de súbito e deixe de se instruir conosco...*

ELOGIOS A JESUS CRISTO

Assim, para atingir seu objetivo, o espiritismo elogia Jesus Cristo dizendo:

Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de guia e de modelo? "Jesus."

Em seguida, segue-se uma declaração de Allan Kardec, nos seguintes termos:

Jesus é para o homem o tipo de perfeição moral a que pode aspirar a humanidade na terra. Deus no-lo oferece como o ***mais perfeito modelo e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei,*** *porque ele estava animado pelo Espírito divino e foi o ser mais puro que já apareceu na terra*. (Destaque nosso).

Qual o cristão que não concordaria com essas declarações sobre Jesus e seus ensinos? Encontramos aprovação bíblica para essas declarações em Hebreus 7.26; Mateus 3.16-17.

Mas, logo em seguida, coloca na boca dos espíritos as seguintes palavras que contradizem a posição antes adotada com relação à pessoa e aos ensinos de Jesus:

> Se Jesus ensinou as verdadeiras leis de Deus, que utilidade têm os ensinamentos dos espíritos? Poderão eles ensinar alguma coisa além do que ensinou Jesus?
>
> Os ensinamentos de Jesus eram freqüentemente alegóricos e na forma de parábolas, dado que ele falava de acordo com a época e os lugares. Hoje, é preciso que a verdade seja inteligível para todos, razão por que é preciso explicar e desenvolver esses ensinamentos, tão poucos são os que os compreendem e ainda menos os que o praticam. Consiste nossa missão em abrir os olhos e os ouvidos a todos, para confundir os

orgulhosos e desmascarar os hipócritas, esses que exteriormente se revestem das aparências da virtude e da religião para melhor ocultarem suas torpezas ("O Livro dos Espíritos", p. 172, Obras Completas, Editora Opus, 2ª edição especial).

Resposta Apologética:

Com essa explicação dada pelos espíritos, Kardec se vê com o direito de remover da Bíblia tudo quanto a Bíblia diga contra as práticas e ensinos do espiritismo. O que for contra o espiritismo pode-se alegar, com muita propriedade, que fazia parte dos ensinos parabólicos ou alegóricos de Jesus.

Enquanto os espíritas se baseiam no ensino dos espíritos, os cristãos se baseiam na Bíblia Sagrada.

Um autor espírita assim se pronuncia sobre a Bíblia:

Nem a Bíblia prova coisa nenhuma, nem temos a Bíblia como probante. Não rodopia junto à Bíblia. Mas a nossa base é o ensino dos espíritos, daí o nome espiritismo. A Bíblia não pode ser razão de peso contra o ensino dos espíritos ("A Margem do Espiritismo", pp. 214, 227, Carlos Embassahy).

Allan Kardec opina sobre a Bíblia afirmando:

Todos os escritos posteriores, sem excetuar os de São Paulo, são e nem podem deixar de ser, apenas comentários ou apreciações, reflexos de opiniões pessoais, muitas vezes contraditórias, que não poderiam, em caso algum, ter a autoridade de um relato dos que haviam recebido as instruções diretamente do Mestre ("Obras Póstumas", p. 1170. Opus Editora Ltda., 2ª edição especial, 1985).

E nós? Temos a Bíblia como regra de fé e conduta para a vida e o caráter do cristão (1 Ts 2.13; 2 Tm 3.15-17; 2 Pe 1.20-21). Negam eles as demais doutrinas cristãs, principalmente nossa redenção por Cristo. O credo espírita é negativista em face das doutrinas cristãs, tãs, pois nega a ressurreição corporal de Jesus e da humanidade, nega os milagres de Jesus, nega a Trindade, nega a deidade absoluta de Jesus, nega a Personalidade do Espírito Santo, nega a existência dos anjos, nega a existência do Diabo e dos demônios, nega a existência do céu e do inferno, nega o pecado original, nega a unicidade da vida terrestre. Poderiam, realmente, os espíritas ser classificados como cristãos? A resposta é óbvia: não!

XIII - A TERCEIRA REVELAÇÃO

Não obstante a disparidade entre as crenças espíritas e crenças cristãs, alegam os espíritas que eles surgiram na História como a terceira revelação de Deus aos homens.

A lei do Antigo Testamento teve em Moisés a sua personificação; a do Novo Testamento a tem no Cristo. O espiritismo é a terceira revelação da hei de Deus, mas não tem a personificá-la nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado, não por um homem, mas pelos espíritos, que são as vozes do céu, em todos os pontos da Terra, com o concurso de uma legião inumerável de intermediários ("O Evangelho Segundo o Espiritismo", p. 550. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

XIV - ALLAN KARDEC

Foi, em Lyon, na França que, no dia 3 de outubro de 1804, nasceu aquele que mais tarde devia ilustrar o pseudônimo de Allan Kardec ("Obras Completas" - Editora Opus, p. 1, 2ª edição especial, 1985).

Hippolyte Léon Denizard Rivail nasceu às 19 horas, filho de Jean Baptiste Antoine Rivail, magistrado, juiz, e Jeanne Duhamel, sua esposa, moradores de Lyon, rua Sala, 76 ("Obras Completas." Allan Kardec. Editora Opus, p. 1).

Seus primeiros estudos foram feitos na sua terra natal e completou a sua bagagem escolar na cidade de Yverdun (Suíça), onde estudou sob a direção do famoso mestre Pestalozzi, de quem recebeu grande influência. Inúmeras vezes, quando Pestalozzi era solicitado pelos governos, para criar institutos como o de Yverndun, confiava a Denizard Rivail o trabalho de substituí-lo na direção da escola. Bacharelou-se em letras e ciências e doutorou-se em Medicina, após completar todos os estudos médicos e defender brilhantemente sua tese. Conhecia e falava corretamente o alemão, o inglês, o italiano, o espanhol; tinha conhecimentos também do holandês e com facilidade podia expressar-se nesta língua. Foi isento do serviço militar e, depois de dois anos, fundou, em Paris, na rua Sèvres 35, uma escola idêntica à de Yverdun. Fizera sociedade com um tio, para esse empreendimento, irmão de sua mãe, o qual entrava como sócio capitalista. Encontrou destaque no mundo das letras e do ensino ao qual freqüentava, em Paris, vindo a conhecer a senhorita Amélie Boudet, a qual conquista o seu coração. Ela era filha de Julien Louis Boudet, antigo tabelião e proprietário, e de Julie Louise Seigneat de Lacombe. Amélie nasceu em Thias (Sena), em 23 de novembro de 1875. Denizard Rivail casa-se com ela no dia 6 de fevereiro de 1832. A senhorita Amélie Boudet era nove anos mais velha do que Rivail. Seu tio, que era sócio na escola que fundaram, era dominado pelo jogo levando essa instituição à falência. Fechado o instituto, Rivail liquidou as dívidas, fazendo a partilha do restante, recebendo cada um a quantia de 45 mil francos. O casal Denizard aplicou suas rendas no comércio de um dos seus amigos mais íntimos. Este realizou maus negócios, indo outra vez à falência, nada deixando aos credores. Rivail trabalhando duro, aproveitava a noite para escrever sobre gramática, aritmética, livros para estudo pedagógicos superiores; ao mesmo tempo traduzia obras inglesas e alemãs. Em sua casa organizava cursos gratuitos de química, física, astronomia e anatomia.

Escreveu: "Curso Prático e Teórico de Aritmética", segundo o Método de Pestalozzi, com modificações, dois tomos em 1824; "Plano proposto para a melhoria da educação pública", que assina como discípulo de Pestalozzi e em que expõe processos pedagógicos avançados em 1828.

Escreveu os seguintes livros: "Qual o sistema de estudos mais em harmonia com as necessidades da época?", "Memória sobre estudos clássicos", premiado pela Academia Real das Ciências, de Arras, em 1831; "Gramática francesa clássica" em 1831; "Manual dos exames para os certificados de habilitação: soluções racionais das perguntas e dos problemas de Aritmética e de Geometria", em 1846; "Catecismo gramatical da língua francesa" em 1848; "Programa dos cursos ordinários de Química, Física, Astronomia e Fisiologia" em 1849; "Ditados normais (pontos) para exames na Municipalidade (Hotel-de-Ville) e na Sorbonne" (1849), obra escrita com a colaboração de Lévi-Alvares. Escreveu ainda: "Questionário gramatical, literário e filosófico", em colaboração com Lévi-Alvares. Segundo informa André Moreil, várias de suas obras são adotadas pela Universidade da França. Era membro de inúmeras sociedades de sábios, especialmente da Academia Real d'Arras.

XV - A PRIMEIRA INICIAÇÃO DE RIVAIL NO ESPIRITISMO

Ainda jovem, no ano de 1823, Denizard Rivail demonstrava grande interesse pelo magnetismo animal, um movimento da época chamado também de mesmerismo, porque fora criado

pelo médico alemão Francisco Antônio Mesmer (1733-1815), que morava em Paris desde 1778. No ano de 1853, quando as mesas girantes e dançantes vindas dos Estados Unidos invadiram a Europa, os adeptos do mesmerismo ou magnetistas de Paris logo quiseram explicar com suas teorias magnéticas este curioso fenômeno. No final do ano de 1854, o magnetista Fortier notificou a Rivail o fenômeno das mesas dançantes que se comunicavam, dizendo-lhe: *Sabe o senhor da singular propriedade que acabam de descobrir no magnetismo? Parece que não são unicamente os indivíduos que magnetizam, mas também as mesas, que podemos fazer girar e andar a vontade.* No ano de 1855, encontrou o Sr. Carlotti, um antigo amigo seu que tornou a lhe falar desses fenômenos durante uma hora com muito entusiasmo, o que lhe fez despertar novas idéias. No fim da conversa disse-lhe: *Um dia serás um dos nossos. Respondeu-lhe: Não digo que não. Veremos mais tarde* ("Obras Póstumas. Obras Completas." Editora Opus, p. 1160, 2ª edição especial, 1985).

Em maio de 1858, Rivail foi à casa da Sra. Roger, encontrando com o Sr. Fortier, seu magnetizador. Estavam presentes ali o Sr. Pâtier e a Sra. Plainemaison que explicaram a ele aquelas manifestações. Rivail foi convidado a assistir às experiências que se realizavam na casa da Sra. Plainemaison, na rua Gange-Batelière, nº 18. O encontro foi marcado para terça-feira às oito horas da noite. Foi ali pela primeira vez que Rivail presenciou o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam, em condições tais que não houve mais dúvida nele. Numa das reuniões da Sra. Plainemaison, Rivail conheceu a família Baudin, que morava na rua Rochechouart, que o convidou para ir a sua casa para assistir às sessões semanais que se realizavam ali. Ele aceita o convite e, desde então, Rivail passa a ser muito assíduo às reuniões ("Obras Completas", p. 1160).

Uma noite, por intermédio de um médium, seu espírito pessoal lhe revelou que eles haviam vivido juntos em outra existência, no tempo dos Druidas, nas Gálias, e que seu nome era Allan Kardec ("Obras Completas." Editora Opus, 2ª edição, 1985 p. 1). Em 1856, Kardec freqüentava sessões espíritas que eram feitas na rua Tiquetone, na residência do Sr. Roustan e da Srta. Japhet. No dia 25 de março deste ano, na casa do Sr. Baudin, sendo médium uma de suas filhas, Rivail aceita a revelação de ter como guia um espírito familiar chamado: A Verdade. Depois ficará sabendo que se trata do Espírito Santo, o Espírito da Verdade, que Jesus havia prometido enviar.

Reuniu todas as informações que tinha sobre o espiritismo e codificou uma série de leis, publicando no dia 18 de abril de 1857 uma obra com o nome de: *Le Livre des Espirits* ("O Livro dos Espíritos"). Este livro alcançou grande repercussão, esgotando rapidamente a primeira edição. Allan Kardec fê-la reeditar no ano de 1858, neste mesmo ano em janeiro ele publica a Revue Spirite ("Revista Espírita"), o primeiro órgão espírita da França, e cuja existência ele assim justificou: *Não se pode contestar a utilidade de um órgão especial, que mantenha o público a par desta nova ciência e opremuna contra os exageros, tanto da credulidade excessiva, como do ceticismo. É essa lacuna que nos propusemos preencher com a publicação desta revista, no intuito de oferecer um veículo de comunicação a todos aqueles que se interessam por essas questões e de vincular por um laço comum aqueles que compreendem a doutrina espírita sob seu verdadeiro ponto de vista moral, ou seja, a prática do bem e da caridade evangélica para com o próximo* ("Espiritismo Básico." Pedro Franco Barbosa, 2ª edição, FEB, p. 53).

E em 1º de abril funda a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Editou ainda outros livros: "O Livro dos Médiuns", que surgiu na primeira quinzena de janeiro de 1861, considerado como a obra mais importante sobre a prática do espiritismo experimental. Em 1862, publicou "Uma Refutação de Críticas contra o Espiritismo"; em abril de 1864, "Imitação do Evangelho Segundo o Espiritismo", que mais tarde foi alterado para o "Evangelho Segundo o Espiritismo", com explicações das parábolas de Jesus, aplicação e concordância da mesma com o espiritismo. Kardec interpreta os sermões e as parábolas de Jesus, fazendo de maneira que concordem com seus ensinos e com as crenças espíritas e animistas que sempre existiram. Em 1º de agosto de 1865, lançou nova obra com o título de "O Céu e o Inferno" ou a "Justiça Divina Segundo o Espiritismo"; em janeiro de 1868, a "Gênese, os milagres e as predições segundo o espi-

ritismo", com a qual completa a codificação da doutrina espírita e o nome de Allan Kardec passa a figurar no Novo Dicionário Universal, de Lachâtre, como filósofo.

Hippolyte Léon Denizard Rivail — Allan Kardec — morreu em Paris, na rua Santana, 25 (Galeria Santana, 59), no dia 31 de março de 1869, com 65 anos de idade, sucumbindo pela ruptura de um aneurisma. A senhora Rivail contava 74 anos quando seu esposo morreu. Sobreviveu até 1883, morrendo em 21 de janeiro, com a idade de 89 anos sem deixar herdeiros diretos.

XVI - LÉON DENIS, O CONSOLIDADOR

Diz J. Herculano Pires, no prefácio do livro "Vida e Obra de Léon Denis", de Gastão Luce (Edicel, SP):

Léon Denis foi o consolidador do espiritismo. Não foi apenas o substituto e continuador de Allan Kardec, como geralmente se pensa. Denis tinha uma missão quase tão grandiosa quanto a do Codificador. Cabia-lhe desenvolver os estudos doutrinários, continuar as pesquisas mediúnicas, impulsionar o movimento espírita na França e no mundo, aprofundar o aspecto moral da doutrina e, sobretudo, consolidá-la nas primeiras décadas do século.

Nessa nova Bíblia (o espiritismo) o papel de Kardec é o de sábio e o papel de Denis é o de filósofo.

Nasceu em 1º de janeiro de 1846, em Foug, na Lorena francesa, e morreu em Tours, em 12 de abril de 1927, com a idade de 81 anos incompletos. Seus pais foram Anne-lucie e o mestre de pedreiro e ferroviário Joseph Denis.

Cursou as primeiras letras em Estrasburgo, mas interrompe os estudos para ajudar o pai, funcionário da Casa da Moeda; retorna aos estudos em Bordéus, mas de novo os abandona para auxiliar o genitor, que agora serve na estrada de ferro de Moux; depois, em Tours, onde trabalha carregando cerâmica e estuda à noite. Dedica-se ao desenho, à geografia e à contabilidade. Preocupado com as questões filosóficas e religiosas, estuda com grande interesse a História e as Ciências Sociais, conhecimentos que aprofunda graças às numerosas viagens que faz pela França, Itália, Suíça, Espanha, Inglaterra e África (Tunísia). Seu encontro com o espiritismo se deu quando Léon tinha 18 anos de idade, lendo o "Livro dos Espíritos".

Serviu como tenente na guerra de 1870, desastrosa para a França, e convidado para a vida política recusou, como também não se casou, pois entendia que seu tempo devia ser todo dedicado à doutrina, à sua missão, da qual os espíritos sempre lhe falavam.

Denis se encontrou algumas vezes com Allan Kardec e, como médium vidente e psicógrafo, recebia mensagens de Sorella (Joana D'arc), do Espírito Azul e de Jerônimo de Praga. Escreveu vários livros, entre eles:

"O Progresso" (conferências);

"O Por que da Vida", (1885);

"Depois da Morte";

"Cristianismo e Espiritismo" (1889);

"No Invisível" (1903);

"O Problema do Ser, do Destino e da Dor";

"A Verdade sobre Joana D'arc" (1912);

"O Grande Enigma";

"Resposta de um Velho Espírita a um Doutor em Letras,

de Lyon";

"O Mundo Invisível e a Guerra" (1919);

Participou de inúmeros congressos espiritualistas mundiais como:

Congresso Espiritualista Internacional de 1889, realizado no mês de setembro, em Paris; *Congresso Internacional* de 1900, realizado também em Paris, no mês de setembro, do qual Léon Denis foi nomeado presidente efetivo; *Congresso de Liège,* na Bélgica, realizado em 1905, cuja presidência de honra coube a Denis; *Congresso Espírita Universal de Bruxelas,* realizado de 14 a 18 de maio de 1910, ao qual Denis compareceu como delegado da França e do Brasil; *Congresso de Genebra* (II Congresso Espírita Universal), realizado em 1913, em maio, do qual participaram Denis e Gabriel Delanne; III *Congresso Espírita Internacional,* realizado em 1925, em Paris, de que foi presidente, aos 80 anos de idade, a pedido de seus guias espirituais, Jerônimo de Praga e Joana D'arc.

XVII - VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA

Allan Kardec arroga ao espiritismo a condição de ser a terceira revelação de Deus, que vem completar a revelação inicial dada a Moisés com o Antigo Testamento, depois por meio de Jesus com o Novo Testamento e, por fim, como a consumação pelos espíritos:

Aproxima-se a hora em que deveras apresentar o espiritismo tal como é, demonstrando abertamente onde se encontra a **verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo** ("Obras Póstumas. Obras Completas." Editora Opus, p. 1178) (destaque nosso).

A Lei do Antigo Testamento teve em Moisés a sua personificação; a do Novo Testamento a tem no Cristo. **O espiritismo é a terceira revelação da Lei de Deus,** mas não tem a personificá-la nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado, não por um homem, mas pelos espíritos, que são as vozes do céu, em todos os pontos da Terra, com o concurso de uma legião inumerável de intermediários ("Evangelho Segundo o Espiritismo. Obras Completas." Editora: Opus, p. 534). (Destaque nosso).

A Primeira Revelação era personificada em Moisés; a Segunda, no Cristo; a Terceira não o é em indivíduo algum. As duas primeiras são individuais. A terceira coletiva; aí está uma característica essencial e de grande importância ("A Gênese. Obras Completas." Editora Opus, p. 888).

No Livro "Evangelho Segundo o Espiritismo", Allan Kardec escreveu que: *O Cristianismo e o espiritismo ensinam a mesma coisa* ("Evangelho Segundo o Espiritismo. Obras Completas." Editora Opus, p. 1178).

Se o espiritismo ensina as mesmas doutrinas que o Cristianismo, é de se esperar que os seus ensinamentos concordem com as palavras de Jesus e dos apóstolos. A melhor maneira de verificar essa afirmação é conferir o que diz o espiritismo e o que ensina a Bíblia. Como Kardec expressou que o espiritismo é uma revelação que procede de Deus, então essa revelação deve confirmar o que fora revelado pelas duas anteriores. Vejamos o que Kardec diz a respeito da Bíblia:

A Bíblia contém evidentemente fatos que a razão, desenvolvida pela ciência, não pode hoje aceitar, e outros que parecem singulares e que repugnam, por se ligarem a costumes que não são mais os nossos. A ciência levando as suas investigações desde as entranhas da terra até às profundezas do céu demonstrou, portanto, inquestionavelmente os erros da Gênese mosaica, tomada ao pé da letra, e a impossibilidade material de que as coisas se passassem conforme o modo pelo qual estão aí textualmente narradas, dando por essa forma profundo golpe nas crenças seculares ("A Gênese. Obras Completas." Editora: Opus, p. 911). (Destaque nosso).

Léon Denis, o filósofo do espiritismo, expressou sua opinião sobre a Bíblia assim: *...não poderia a Bíblia ser considerada a palavra de Deus, nem uma revelação sobrenatural* ("Cristianismo e Espiritismo." Léon Denis. FEB, 7ª edição, p. 267).

Todas as verdades se encontram no Cristianismo. Os erros que nele se arraigam são de origem humana ("O Evangelho Segundo o Espiritismo. Obras Completas." Editora: Opus, p. 564).

Com essas declarações do próprio codificador do espiritismo a respeito da Bíblia, verifica-se que o espiritismo ensina o oposto do Cristianismo.

Resposta Apologética:

Toda Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça; Para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra (2 Tm 3.16-17).

Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido (Mt 5.18).

Como lemos, o espiritismo, através de duas de suas maiores autoridades, nega a revelação divina das Escrituras, colocando-as ao nível de uma mera compilação de fatos históricos e lendários. Os espíritas quando querem dizer que são cristãos, usam as Escrituras, citando-as como lhes convém para apoiar suas teorias espíritas. A Bíblia passa a ser então apenas obra de consulta, não faz diferença se é ou não a Palavra de Deus, desde que possam usá-la como desejam.

Carlos Imbassahy declara:

Em matéria de escritura, os espíritas, no que se referem, é tão unicamente aos Evangelhos. Não os apresentam, porém, como prova, senão como fonte de luz subsidiária, elemento de reforço (p. 126). Pois, nem a Bíblia prova coisa nenhuma, nem temos a Bíblia como probante. O espiritismo não é um ramo do Cristianismo como as demais seitas cristãs. Não assenta seus princípios nas Escrituras... a nossa base é o ensino dos espíritos, daí o nome espiritismo ("À Margem do Espiritismo", p. 219).

O próprio Allan Kardec reconhece que, quando necessário, o espiritismo utiliza a linguagem de outras crenças com o propósito de ganhar adeptos:

É preciso que nos façamos entender. Se alguém tem uma convicção bem assentada sobre uma doutrina, ainda que falsa, é necessário que desviemos dessa convicção, porém pouco a pouco; eis por que nós nos servimos, quase sempre, de suas palavras e damos a impressão de partilhar de suas idéias, a fim de que ele não se ofusque de súbito e deixe de se instruir conosco ("O Livro dos Médiuns. Obras Completas." Editora: Opus, p. 481, 2ª edição, 1985).

Fica evidente, que o espiritismo, ao mesmo tempo em que alega ser cristão, nega a Palavra de Deus, a base do Cristianismo, e também que os expositores e defensores do espiritismo ora apelam para a Bíblia em busca de apoio, ora negam firmemente que ela tenha valor para sua fé, como lemos nas declarações acima. O Senhor Jesus e os apóstolos Pedro e Paulo afirmaram repetidamente a inspiração divina das Escrituras, reconhecendo-as como Palavra de Deus para a salvação da Humanidade, infalível em seu conteúdo.

XVIII - ENSINAMENTOS ESPÍRITAS SOBRE DEUS

A doutrina espírita sobre Deus é ambígua, ora assumindo aspectos deístas, ora aspectos panteístas, ora confundindo-se com o Cristianismo histórico. No "Livro dos Espíritos", Allan Kardec responde à pergunta sobre o que é Deus com a seguinte assertiva: *Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas* ("O Livro dos Espíritos - Obras Completas." Editora Opus, p. 50, 2ª edição especial, 1985). A fim de explicar a existência de Deus, ele se vale da argumentação clássica do deísmo, *de que não há efeito sem causa. Apela também para o sentimento intuitivo que todos os homens carregam em si mesmos da existência de Deus* ("O Livro dos Espíritos. Obras Completas". Editora Opus, p. 51, 2ª edição especial, 1985).

De acordo com a concepção deísta, Deus teria criado o universo e depois se retirado dele, deixando-o entregue à ação das leis físicas que, desde então, o governam, como se o universo fosse um grande relógio. Deus seria, portanto, a causa primária do universo, porém não está imanente nele; qualquer contato com a divindade é impossível.

Por outro lado, o próprio Kardec afirma que: *Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom* ("O Livro dos Espíritos. Obras Completas." Editora Opus, p. 52, 2ª edição especial, 1985). Este conceito que Kardec declara acerca de Deus concorda com o que o Cristianismo reconhece como alguns atributos de Deus. Porém, o fato de uma determinada religião ou seita ter pontos em comum com o Cristianismo bíblico não é suficiente para que lhe seja conferido o título de cristã.

Kardec, algumas vezes, declara-se contra o panteísmo dizendo que: a inteligência de Deus se revela nas suas obras, como a de um pintor no seu quadro; mas as obras de Deus não são o próprio Deus, como o quadro não é o pintor que concebeu e executou ("O Livro dos Espíritos. Obras Completas." Editora Opus, p. 53, 2ª edição especial, 1985).

Todavia, em outros lugares, Kardec faz declarações panteístas, por exemplo, *que estão mergulhados no fluído divino* ("A Gênese. Obras Completas." Editora Opus, p. 902, 2ª edição especial, 1985). Para ele *a matéria inerte se decompõe e vai formar novos organismos.* O princípio vital retorna à massa de onde saíra ("O Livro dos Espíritos. Obras Completas." Editora Opus, p. 63, 2ª edição especial, 1985).

XIX - ENSINAMENTO ESPÍRITA SOBRE JESUS

Os espíritas negam a deidade absoluta de Jesus Cristo: No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus... Primeiramente, é preciso notar que as palavras citadas acima são de João e não de Jesus. Admitindo-se que não tenham sido alteradas, não exprimem, na realidade, senão uma opinião pessoal, uma indução que deixa transparecer o misticismo habitual, contrário às reiteradas afirmações do próprio Jesus ("Obras Póstumas, Obras Completas." Editora Opus, p. 1182, 2ª edição especial, 1985).

Resposta Apologética:

Reiterando sua posição de não aceitaram a Bíblia como a inspirada Palavra de Deus (2 Timóteo 3.16), opina o espiritismo que João 1.1 não são palavras de Jesus, mas apenas de João, o evangelista escritor. E daí? Se ele escreveu por inspiração divina, a sua declaração quanto a João 1.1 deve ser aceita. João mostra no seu Evangelho várias vezes os judeus dispostos a matar a Jesus (Jo 5.18; 10.30-33) e, principalmente, João 8.58 (comparado com Êx 3.14), quando Jesus se identificou como o Eu Sou desta última passagem. Considerem-se mais os seguintes registros bíblicos:

Jesus perdoa pecados, atribuição exclusiva de Deus (Is 43.25 comparado a Mc 2.1-12);

Aceita adoração, atitude exclusiva a se prestar a Deus (Mt 4.10 comparado a Mt 8.1-2; 14.33; 15.25; 28.9,17; Hb 1.6);

Foi chamado abertamente de Deus, sem que se opusesse a tal declaração (Jo 20.28). O mesmo escritor do Evangelho de João o identifica como Deus verdadeiro (1 Jo 5.20).

XX - RESPOSTAS APOLOGÉTICAS ÀS OBJEÇÕES ESPÍRITAS CONTRA A DEIDADE ABSOLUTA DE JESUS CRISTO

a) Em nenhuma parte do Novo Testamento encontramos Jesus afirmando formalmente que era Deus.

Resposta Apologética:

O que Jesus nunca disse foi: Eu sou Deus Pai. Repete várias vezes ser Filho de Deus e igual a Deus (João 5.16-18; 8.58; 10.30-33).

b) Jesus mesmo declarou que é inferior ao Pai (João 14.28).

Resposta Apologética:

Em Cristo havia duas naturezas perfeitas: divina e humana: 100% Deus e 100% homem. Jesus é verdadeiramente Deus (e como tal pode dizer - João 14.8-10 -*Quem me vê a mim vê o Pai.,.);* e verdadeiro homem. Como homem, é menor do que o Pai *(e como tal disse: o Pai é maior do que eu).*

c) Jesus falava do Pai. Quem envia é maior, superior.

Resposta Apologética:

Teimam os espíritas em ignorar que Jesus tinha também uma natureza humana verdadeira e completa, na qual era evidentemente inferior à natureza divina. Na sua preexistência existia como Deus (Fp 2.6). Não se apegando a essa forma de viver como Deus, tomou a forma humana (Fp 2.7-8). E nessa condição foi feito menor do que os anjos (Hb 2.9). Numa das suas orações assim se pronunciou: *E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse* (Jo 17.5).

d) Se Jesus ao morrer entrega sua alma nas mãos de Deus, é que ele tinha uma alma distinta da de Deus, subordinada a Deus e, portanto, ele não era Deus ("Obras Póstumas", p. 1146, Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Resposta Apologética:

Não negamos que tinha uma verdadeira alma humana distinta de Deus e submissa, mas daí não segue que não era Deus.

e) Negam a ressurreição corporal de Jesus

Depois do suplício de Jesus, o seu corpo ficou lá inerte e sem vida; foi sepultado como os corpos comuns, e todos puderam vê-lo e tocá-lo. Depois da ressurreição, quando quis deixar a Terra, não tornou a morrer; seu corpo elevou-se, apagou-se e desapareceu, sem deixar vestígio algum —prova evidente de que morrera na cruz... Jesus teve, pois, como toda agente, um corpo carnal e um corpo fluídico... ("A Gênese", pp. 1054, 1055. Editora Opus Ltda., 2ª Edição especial, 1985).

Resposta Apologética:

Negar a ressurreição corporal de Jesus é pregar outro evangelho (1 Co 15.3-6). Paulo chega a afirmar que uma organização religiosa que nega a ressurreição corporal de Jesus é uma religião inútil, sem valor (1 Co 15.14-17); é pregar outro evangelho anatematizado (Gl. 1.8-9).

Por outro lado, as provas da ressurreição corporal de Jesus são abundantes (Atos 1.3):

a) Afirmou em vida que haveria de ressuscitar corpo-ralmente (Jo 2.19-22);

b) O corpo de Jesus não foi encontrado no túmulo, quando visitado pelas mulheres (Lc 24.1-3);

c) O testemunho dos anjos dado às mulheres de que Jesus ressuscitara, quando estavam no sepulcro à procura do seu corpo, para derramar perfumes (Lc 24.4-6);

d) Sua aparição várias vezes depois de ressuscitado afirmando que um espírito não tinha carne e ossos como Ele tinha. Mesmo diante de Tomé que duvidara da sua ressurreição, foi convidado para tocá-lo e confirmar que tinha carne e ossos (Lc 24.36-41; Jo 20.19-21,25-28; Mc 16.9);

e) Depois de ressuscitado, permaneceu cerca de 40 dias com eles, dando provas infalíveis da sua ressurreição. Em seguida se despediu deles e ascendeu vitoriosamente ao céu (At 1.9-11).

f) Negam nossa redenção por Cristo

Léon Denis, o segundo na hierarquia espírita depois de Kardec, declarou blasfemamente: Não, a missão de Cristo não era resgatar com o seu sangue os crimes da humanidade. O sangue, mesmo de um Deus, não seria capaz de resgatar ninguém. Cada qual deve resgatar-se a si mesmo ("Cristianismo e Espiritismo", T edição, 1978 — p. 86).

Resposta Apologética:

Paulo, em 1 Coríntios 15.3-4, afirma que a missão de Jesus Cristo a este mundo foi a de salvar e por isso morreu por nós pecadores. Assim, a Bíblia é clara ao declarar que:

a) O seu nome (Jesus) indicaria sua missão: salvar (Lc 2.10-11);

b) Jesus declarou que essa era sua missão aqui na terra (Mt 20.28; Lc 19.10);

c) Paulo afirma que a nossa redenção é feita por Cristo e que seu sangue nos purifica do pecado (Ef 1.7; Rm 4.25; 1 Tm 1.15);

d) Pedro acentua em sua carta esse ensino (1 Pe 1.18-19; 2.24);

e) João, o apóstolo, repete o mesmo em 1 João 1.7-9; 2.12. No Apocalipse João descreve uma multidão no céu e todos tinham lá chegado pela redenção realizada por Cristo mediante sua morte na cruz Ap 7.9-14; 19.1-2).

XXI - RESPOSTAS APOLOGÉTICAS DE FALSOS ENSINAMENTOS ESPÍRITAS

a) Negam a existência do Céu como lugar de felicidade A felicidade dos espíritos bem-aventurados não consiste na ociosidade contemplativa, que seria, como temos dito muitas vezes, uma eterna e fastidiosa inutilidade ("O Céu e o Inferno", p. 722. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Em que se deve entender a palavra céu? Achais que seja um lugar, como aglomerados, sem outra preocupação que a de gozar, pela eternidade toda, de uma felicidade passiva? Não; é o espaço universal; são os planetas, as estrelas ("O Livro dos Espíritos", p. 250. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Resposta Apologética:

Os espíritas zombam da idéia do céu como lugar de felicidade eterna. Costumam citar João 14.2: Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E dizem: A casa de meu Pai é o Universo; as diversas moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem estâncias adequadas ao seu adiantamento ("O Evangelho Segundo o Espiritismo", p. 556. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

O texto citado de João 14.2 conclui da seguinte forma: vou preparar-vos lugar, e no versículo 3 afirma: para que onde eu estiver estejais vós também.

Ora, daí se nota que, primeiro, o céu é um lugar e, segundo, os que pertencem a Jesus estarão no mesmo lugar onde Jesus foi. E sabemos que Ele foi para o céu e sentou-se à direita de Deus (Mc 16.19; Hb 8.1; Ap 3.21). Jesus prometeu mais que os seus estariam onde Ele estivesse (Jo 17.24). Paulo falou da sua esperança celestial (Fp 3.20-21); o mesmo falou Pedro (1 Pe 1.3).

b) Negam o inferno como lugar de tormento eterno e consciente

(Jesus) Limitou-se a falar vagamente da vida bem-aventurada, dos castigos reservados aos culpados, sem referir-se jamais nos seus ensinos a castigos corporais, que constituíram para os cristãos um artigo de fé ("O Céu e o Inferno", p. 726. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Resposta Apologética:

Jesus não falou vagamente sobre os castigos reservados aos culpados. Falou claramente em Mateus 25.41, 46 sobre o sofrimento eterno dos injustos. Neste último versículo, Jesus declarou que a duração da felicidade dos justos é igual à duração do

castigo dos injustos: E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna. Outros textos onde Jesus empregou palavras que indicam duração sem fim do castigo reservado aos ímpios (Mateus 5.22-29; 10.28; 13.42, 49-50; Mc 9.43-46; Lc 6.24; 10.13-15; 12.4-5; 16.19-31). Nos textos citados aparecem as expressões tais como:

a) suplício eterno;

b) fogo eterno;

c) fogo inextinguível;

d) onde o bicho não morre e o fogo não se apaga;

e) trevas exteriores;

f) choro e ranger de dentes.

c) Negam a existência do diabo e demônios como pessoas reais espirituais

Satã, segundo o espiritismo e a opinião de muitos filósofos cristãos, não é um ser real; é a personificação do mal, como nos tempos antigos Saturno personificava o tempo ("O Que É o Espiritismo", p. 297. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Há demônios, no sentido que se dá a essa palavra? Se houvesse demônios, seria obra de Deus. E Deus seria justo e bom, criando seres, eternamente voltados ao mal? ("O Livro dos Espíritos", pp. 72-74. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

A propósito de Satanás, é evidente que se trata da personificação do mal sob uma forma alegórica ("O Livro dos Espíritos", p. 74. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Resposta Apologética:

Deus não criou um ser maligno, mas um anjo de luz que se transviou (Is 14.12-14; Ez 28.14-16); Jesus disse que ele não permaneceu na verdade (Jo 8. 44). Trata-se de uma personalidade real, pois:

a) É mencionado entre pessoas espirituais (Jó 1.6);

b) Conversou com Jesus no monte, tentando-o (Mt 4. 1-10);

c) É uma pessoa inteligente, que faz planos para ludibriar os outros (Jo 8.44; 1 Pe 5.8);

d) Está condenado ao fogo eterno (Ap 20.10).

d) Negam a ressurreição do corpo *Em que se torna o Espírito depois de sua última encarnação? Em puro Espírito* ("O Livro dos Espíritos", p. 84. Editora Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Resposta Apologética:

A ressurreição do corpo é uma doutrina enfatizada na Bíblia. Isaías que viveu cerca de 600 anos antes de Jesus, já afirmava no seu livro (26.19): *Os teus mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho será como o orvalho das ervas, e a terra lançará de si os mortos.*

Ainda no Antigo Testamento encontramos exemplos de ressurreição realizados por Elias e Eliseu (1 Rs 17.17-24; 2 Rs 4.32-37). Jesus falou da ressurreição futura de todos os mortos em João 5.28-29. Quando Lázaro morreu, sua irmã Marta revelou crer na ressurreição. Ao ouvir que Jesus se aproximava: *Disse, pois, Marta a Jesus: Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. Mas também agora sei que tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá. Disse-lhe Jesus: Teu irmão há de ressuscitar. Disse-lhe Marta: Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último dia* (João 11.21-24). O mesmo fez Paulo em Atos 24.15: *Tendo esperança em Deus, como estes mesmos também esperam, de que há de haver ressurreição de mortos, assim dos justos como dos injustos. No Juízo Final, diante do trono branco, todos irão ressuscitar, até mesmo os mortos nos mares, para prestar contas a Deus de seus atos praticados no corpo: E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante de Deus, e abriram-se os livros... E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras. E deu o mar os mortos que nele havia...* (Ap 20.11-15).

e) Negam a inspiração divina da Bíblia

A Bíblia contém evidentemente fatos que a razão, desenvolvida pela ciência, não pode aceitar, e outros que parecem singulares e que repugnam, por se ligarem a costumes que não são mais os nossos... A ciência, levando as suas investigações desde as entranhas da terra até as profundezas do céu, demonstrou, portanto, inquestionavelmente os erros da Gênese mosaica... Incontestavelmente, Deus que é a pura verdade, não podia conduzir os homens ao erro, consciente, nem inconscientemente, do contrário não seria Deus. Se, portanto, os fatos contradizem as palavras atribuídas a Deus, é preciso concluir logicamente que Ele as não pronunciou ou que foram tomadas em sentido contrário ("A Gênese", p. 936. Opus Ltda; 2ª edição especial, 1985).

Resposta Apologética:

O espiritismo nega a criação conforme descrita no livro de Gênesis 1.26-27 e 2.7. Acredita no evolucionismo. Por isto, admite que o registro bíblico não deve ser tomado literalmente, mas apenas em sentido figurado. Jesus reiterou a criação dos seres humanos, descrita em Gênesis 1.26-27, ao dizer: *Não tendes lido que aquele que os fez no princípio macho e fêmea os fez* (Mt 19.4). Em Hebreus 11.3, lemos que: *Pela fé entendemos que os mundos pela Palavra de Deus foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente.* E, assim, outros textos confirmam a descrição do Gênesis (Sl 19.1; 24.1). Posto isto, aceitamos as declarações de 2 Timóteo 3.16-17 que toda a Bíblia é inspirada e é a inerrante Palavra de Deus (1 Ts 2.13). A ciência, na qual se baseia o espiritismo, está mudando de opinião freqüentemente, de modo que não pode ser levada a sério, pois não tem a última palavra.

f) Negam a doutrina da Trindade

Examinemos os principais dogmas e mistérios, cujo conjunto constitui o ensino das igrejas cristãs. Encontramos a sua exposição em todos os catecismos ortodoxos. Começa com essa estranha concepção do Ser divino, que se resolve no mistério da Trindade, um só Deus em três pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Essa concepção tributária tão obscura, incompreensível... ("Cristianismo e Espiritismo", 7ª edição 1978, p. 86)

Resposta Apologética:

Definindo a doutrina da Trindade apontamos a existência de um só Deus eternamente subsistente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Estas três pessoas constituem um só Deus, o mesmo em natureza, sendo as pessoas iguais em poder e glória.

Essa definição pode ser explanada e biblicamente provada seguindo três fatos:

a) Existe um só Deus (Dt 6.4; Is 43.10; 45.5-6). Trata-se de unidade composta como se lê em Gn 2.24 (serão dois uma só carne).

b) Esse único Deus é constituído de uma pluralidade de pessoas (Gn 1.26; 3.22; 11.7; Is 6.1-3,8), textos que empregam o verbo façamos, o pronome nossa e nós.

Isto pode ser visto ainda pela seguinte comparação entre as seguintes passagens:

1. Em Isaías 6.1-3, quando Isaías disse que viu o Senhor;

2. Em Jo 12.37-41, João disse que Isaías viu Jesus, quando viu o Senhor;

3. Em Is 6.8-9, se lê que o Senhor falou a Isaías. Ainda no versículo 6 se lê: A quem enviarei e quem irá por nós?

4. Em At 28.25, Paulo declara que quem falou a Isaías foi o Espírito Santo.

a) Há três Pessoas na Bíblia que são chamadas de Deus e que são eternas por natureza:

1. O Pai (2 Pe 1.17);

2. O Filho (Jo 1.1; 20.28; Rm 9.5; Hb 1.8; Tg 2.13);

3. O Espírito Santo (At 5.3-4).

O vocábulo Trindade foi usado pela primeira vez por Teófilo de Antioquia em 189 a.D. (no livro "Epístola a Autolycus" 2.15).

g) Negam os Milagres de Jesus

Convém, pois riscar os milagres do rol das provas em que pretendem basear a divindade do Cristo ("Obras Póstumas", 1172. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Resposta Apologética:

Os espíritas negam a deidade absoluta de Jesus. Conseqüentemente, negam também os milagres arrolados na Bíblia. Para os espíritas, Jesus é apenas um médium.

Com isso Allan Kardec procura explicar os milagres atribuídos a Jesus, da forma como se fora um médium, que exibe poderes extra-sensoriais. Descreve e explica os milagres de Jesus.

h) Pesca Maravilhosa - Lucas 5.1-7

A pesca qualificada de miraculosa explica-se igualmente pela dupla vista, Jesus de modo algum produziu espontaneamente peixes onde os não havia; mas viu, como um vidente lúcido acordado, pela vista da alma, o lugar onde se achavam os peixes, e pôde dizer com segurança aos pescadores que lançassem ali as suas redes ("A Gênese", p. 1036. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Resposta Apologética:

Ora, quando Jesus pediu a Pedro que lançasse as redes ao mar, Pedro muito naturalmente respondeu como pescador: *Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos; mas, sobre a tua palavra, lançarei a rede* (Lc *5.5).* Não havia peixe. Foi sobre a autoridade da palavra de Jesus que a rede foi lançada. E, então, o milagre foi realizado. Jesus era onisciente, e não um vidente lúcido acordado, que pela vista da alma, pudesse ver o lugar onde se achavam os peixes. Ele viu Natanael debaixo da videira (Jo 1.48-51). Jesus não precisava receber referências sobre as pessoas. Conhecia-as todas (Jo 2.24-25).

i) A cura da mulher que sofria de fluxo de sangue -Marcos 5.25-34

Estas palavras — conhecendo ele próprio a virtude que saíra de si — são significativas; elas exprimem o movimento fluídico que se operara de Jesus para com a mulher doente; ambos sentiram a ação que se acabava de produzir. É notável que o efeito não fosse provocado por ato algum da vontade de Jesus; não houve magnetização, nem imposição de mãos. A irradiação fluídica normal foi suficiente para operar a cura ("A Gênese", p. 1036. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Resposta Apologética:

A mulher, depois de curada, confessou que havia gastado todos os seus bens com os médicos, indo de mal a pior (Mc 5.26). Confessa sua cura radical pelo poder divino de Jesus e não por irradiação fluídica normal. Quase todos, senão todos, os fenômenos espíritas estão cercados de dolo. Se houvesse essa possibilidade aventada por Allan Kardec, já a mulher poderia ter sido curada muito antes porque, admite-se, devia haver outros homens nos dias de Jesus com essa ridícula irradiação fluídica normal. Doze anos de sofrimento e depois a cura milagrosa realizada imediatamente por Jesus e não por um médium que precisa de ocasião preparatória para exibir esse tipo de irradiação fluídica.

j) A cura do cego de nascença - João 9. 1-7 Aqui, o efeito magnético é evidente; a cura não foi instantânea, mas gradual e seguida de ação sustentada e reiterada, apesar de ser mais rápida do que na magnetização ordinária ("A Gênese", p. 1037. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Resposta Apologética:

Por que esse efeito magnético evidente não se manifesta espontaneamente entre os médiuns espíritas nos dias atuais?

k) A ressurreição do filho da viúva de Naim - Lucas 7.11-17 e a ressurreição da filha de Jairo - Marcos 5.21-43

O fato da volta à vida corporal de um indivíduo, realmente morto, seria contrário às leis da natureza, e, por conseguinte, miraculoso. Ora, não é necessário recorrer a esta ordem de fatos para explicar as ressurreições operadas por Cristo...

Há, pois, toda a probabilidade de que, nos dois exemplos acima, só se dera uma síncope ou uma letargia. O próprio Jesus o diz positivamente sobre afilha de Jairo: Esta menina, diz ele, não está morta, apenas dorme ("A Gênese", p. 1045. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Resposta Apologética:

Kardec prefere admitir a probabilidade de que só se dera uma síncope ou uma letargia a crer nos milagres de Jesus, embora a descrição bíblica deva merecer crédito. Por que a tristeza tão grande manifestada pelos pais dos filhos mortos, tanto no caso da filha de Jairo como no caso do filho da viúva de Naim, se eles estivessem simplesmente acometidos de uma síncope ou letargia? O fato é que o filho morto da viúva de Naim estava sendo conduzido ao cemitério para sepultamento. Sepultar um vivo acometido de síncope? Que descuido fatal cometido por uma mãe chorosa! Para Kardec, isso é mais fácil de explicar do que crer no milagre operado por Jesus.

l) A ressurreição de Lázaro - João 11.1

A ressurreição de Lázaro, digam o que quiserem, não invalida de forma alguma esse princípio. Ele estava, diziam, havia quatro dias no sepulcro; mas sabe-se que há letargias que duram oito dias ou mais ("A Gênese", p. 1045. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Resposta Apologética:

Quando Allan Kardec explica que Lázaro não estava morto, mas apenas desacordado, negando francamente o texto bíblico que registra as palavras de Jesus, Lázaro está morto (Jo 11.14), já se nota sua pretensão de invalidar o texto bíblico. Prefere explicar o milagre como se fora Lázaro acometido de uma doença conhecida como letargia ou síncope e que tal doença podia durar até oito dias. Se a própria irmã de Lázaro declarou que o corpo do seu irmão morto já cheirava mal: *Senhor, já cheira mal, porque é já de quatro dias* (Jo 11.39) como ousa Kardec invalidar o texto e lançar uma hipótese contra a explicação dada por alguém presente da própria família do morto? Já se vê que sua intenção é negar a qualquer custo a deidade de Jesus. Julgando absurdo seu argumento, se antecipa e declara: digam o que quiserem... Essa sua explicação é aceita pelos seus adeptos.

m) O milagre da transformação da água em vinho - João 2.1-11

Ele deveria ter feito durante o jantar urna alusão ao vinho e à água, para tirar daí alguma instrução ("A Gênese , p. 1047, Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Resposta Apologética:

Ressalta a incoerência de Kardec em admitir apenas uma alusão ao vinho e à água para daí tirar alguma instrução. Como explicar a admiração do mestre-sala diante do milagre operado por Jesus ao dizer: Todo o homem põe primeiro o vinho bom e, quando já tem bebido bem, então o inferior; mas tu guardaste até agora o bom vinho (Jo 2.10). É certo que bebera literalmente do vinho transformado da água.

n) A multiplicação dos pães - Mateus 14.13-21

A multiplicação dos pães tem intrigado os comentadores e alimentado, ao mesmo tempo, a exaltação dos incrédulos. Estes últimos, sem se darem ao trabalho de sondar o sentimento alegórico, consideram-no um conto pueril; mas a maior parte das pessoas sérias o considera, embora sob forma diferente da vulgar, uma parábola comparando a nutrição espiritual da alma com a nutrição do corpo ("A Gênese", p. 1047. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Resposta Apologética:

Kardec nada disse dos 12 cestos de pedaços de pão que sobraram depois de todos comerem sobejamente. Eram cinco pães e dois peixes. E comeram todos, e saciaram-se; e levantaram, doze alcofas cheias. E os que comeram foram quase cinco mil homens, além das mulheres e crianças (Mt 14.20-21).

O JESUS ESPÍRITA É UM MÉDIUM

Allan Kardec declara que: Segundo definição dada por um Espírito, ele era o médium de Deus ("A Gênese", p. 1034. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Resposta Apologética:

A propósito, João admoesta a que não creiamos a todo o espírito, porque existem espíritos que não são de Deus:

Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo (1 Jo 4.1).

Ora, a interpretação dos textos apontados parece ser muito simples, e o próprio Allan Kardec é um deles. Não seria ele por isso incluído entre os possíveis falsos profetas? Sim, ele poderia ser incluído, pois nega a veracidade de João 1.1. *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.* Diz Allan Kardec que essas palavras eram apenas a opinião do escritor e não podem ser tidas como prova da deidade de Jesus. Com isso, está negando a inspiração da Bíblia. Portanto, João está apontando em 1 João 4.1 que o espírito que não confessa Jesus como Deus, que veio em carne (Jo 1.14) é um falso mestre religioso. Kardec, para reforçar sua posição contra a deidade de Jesus, vai ao extremo de negar os próprios milagres de Jesus. Aproveita-se da Bíblia para dar consistência à sua doutrina espírita, mas quando a Bíblia enfatiza a deidade de Jesus, ele não só nega a declaração de João 1.1, como também nega os milagres de Jesus, como descritos na Bíblia, para provar sua condição de Deus conosco, Jesus (Mt 1.21-23; Jo 10.30, 37-38).

a) Apontava para seus milagres como prova da veracidade de suas palavras e doutrinas (Mt 11.2-6; Lc 5.24; Jo 5.36; 15.22; 20.30-31);

b) Aceitava adoração como Deus, sem lhes corrigir essa interpretação (Jo 20.28).

XXII - DOUTRINAS PECULIARES ENSINADAS PELO ESPIRITISMO

1. EVOCAÇÃO DOS MORTOS OU MEDIUNIDADE

2. REENCARNAÇÃO

3. CARMA

Kardec ensina que: Os espíritos podem comunicar-se espontaneamente-, ou acudir ao nosso chamado, isto é, por evocação. Quando se deseja comunicar com determinado espírito, é de toda a necessidade evocá-lo. Mas existe um ponto essencial quando se sente a necessidade de evocar determinado espírito.

Qual o ponto essencial quando se fala sobre comunicação dos mortos com os vivos?

Allan Kardec perguntou aos espíritos qual o ponto essencial quando se pratica a mediunidade? A resposta que lhe deram os espíritos foi:

O ponto essencial, nós temos dito, é sabermos a quem nos dirigimos ("O Livro dos Espíritos", p. 42. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Explica, então, Kardec que o ponto essencial é identificar o espírito que fala por meio do médium. Diz ele:

A identidade constitui uma das grandes dificuldades do espiritismo prático. É impossível, com freqüência, esclarecê-la, especialmente quando são espíritos superiores antigos em relação à nossa época. Entre aqueles que se manifestam, muitos não têm nome conhecido para nós, e, a fim de fixar nossa atenção, podem assumir o de um espírito conhecido, que pertence à mesma categoria. **Assim, se um *espírito se comunica com o nome de São Pedro, por exemplo, não há mais nada que prove que seja exatamente o apóstolo desse nome. Pode ser um espírito do mesmo nível, por ele enviado*** ("O Que É o Espiritismo", p. 318. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985). (Destaques nossos).

Fica claro que não se pode identificar o espírito que vem nos dar supostas notícias ou instruções do além.

Kardec pergunta:

Os espíritos protetores que tomam nomes conhecidos são sempre e, realmente, os portadores de tais nomes?

Não.

Então como fica a situação de uma pessoa convidada pelos espíritas e, levada pela saudade, vai ao centro para ter notícias de alguém morto. Por exemplo, sua mãe? Façamos de conta que o médium seja pessoa honesta e digna de toda a confiança e dando crédito de que o médium conseguiu ligação com um espírito, quem pode afirmar com segurança que será o espírito da mãe procurada? Então como fica a pessoa quando um espírito se diz ser fulano ou beltrano? Talvez seja fulano ou beltrano, mas pode também ser um espírito substituto.

O problema é mais grave quando se leva em conta as palavras de Kardec:

Esses espíritos levianos pululam ao nosso redor, e aproveitam todas as ocasiões para se imiscuírem nas comunicações; a verdade é a menor de suas preocupações, eis porque eles sentem um prazer maligno em mistificar aqueles que têm fraqueza, e algumas vezes a presunção de acreditar neles, sem discussão ("O Livro dos Médiuns", p. 402. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Apreciemos mais um problema levantado por Kardec:

Um fato que a observação demonstrou e os próprios espíritos confirmam é o de que os espíritos inferiores com freqüência usurpam nomes conhecidos e respeitados. Quem pode, assim, garantir que os que dizem ter sido, por exemplo, Sócrates, Júlio César, Carlos Magno, Fenelon, Napoleão, Washington etc, tenham de fato animado essas personalidades? Tal dúvida existe até entre alguns fervorosos adeptos da doutrina espírita, os quais admitem a intervenção e a manifestação dos espíritos, porém indagam como pode ser comprovada sua identidade? ("O Livro dos Espíritos" - p. 41. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Pode-se insistir em obter a identificação dos espíritos que falam pelos médiuns?

Kardec diz que não, ao assim se expressar:

Insistir para obter detalhes exatos é expor-se às mistificações dos espíritos levianos, que predizem tudo quanto se quer, sem se importarem com a verdade, e que se divertem com os terrores e decepções causadas ("A Gênese", p. 1060. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Então cabe a pergunta: Quem é quem? São as almas realmente dos mortos? São espíritos demoníacos - dizemos nós. E por quê? Porque o próprio Kardec admite perigo nas evocações dos espíritos.

PERIGOS DA EVOCAÇÃO:

Admite o codificador do espiritismo haver perigos na evocação e, então, se manifesta que não existe assim tanto perigo, aconselhando os praticantes a não se deixarem levar pelo medo:

Também há pessoas que vêem perigo em toda aparte e em tudo aquilo que desconhecem. Daí a pressa com que, do fato de terem perdido a razão alguns dos que se entregaram a esses estudos tiram conclusões desfavoráveis ao espiritismo ("O Livro dos Espíritos", 38 p. 43. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Alguns ou muitos perderam a razão pela sua prática? Alguns, quando os médicos estão de acordo em apontar o espiritismo como uma das grandes causas da loucura? Opiniões de alguns médicos.

O Dr. Xavier de Oliveira, em sua obra "Espiritismo e Loucura", p. 211 (Rio, 1931) fala assim do "O Livro dos Médiuns": É a cocaína dos debilitados nervosos que se dão à prática do espiritismo. E com um agravante a mais: é barato, está ao alcance de todos, e, por isso mesmo, leva mais gente, muito mais, aos hospícios, do que a poeira do diabo', a 'coca maravilhosa'... É o tóxico com que se envenenam, todos os dias, os débeis mentais, futuros hóspedes dos asi-los de insanos.

O Dr. João Teixeira Alves dirigiu a diversos médicos de grandes nomeadas carta com a seguinte pergunta: Baseado nas suas observações, que idéia faz V. Sa. do espiritismo como fator de loucura e outras perturbações nervosas?

O Dr. Juliano Moreira, diretor do Hospício de Alienados do Rio de Janeiro, respondeu: Tenho visto muitos casos de perturbações nervosas e mentais evidentemente despertadas por sessões espíritas.

Kardec tenta explicar que não existem somente espíritos do mal, mas que Deus permite que os bons espíritos venham nos dar bons conselhos.

Efetivamente, como acreditar que Deus só ao espírito do mal permita que se manifeste, para perder-nos, sem nos dar por contrapeso os conselhos dos bons espíritos? ("O Livro dos Espíritos", p. 41. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

É muito aceitável, porque os conselhos, não digo já dos bons espíritos, mas dos ótimos espíritos, todos eles são unânimes em negar a nossa redenção por Cristo.

O CASO DE SAUL E A FEITICEIRA DE ENDOR

(1 Samuel 28)

Razões que provam que houve fraude ou manifestação demoníaca:

1. Saul perdera a graça de Deus (1 Sm 15.23), daí Deus não lhe responder mais (1 Sm 28.6). Havia três maneiras de Deus comunicar-se com os homens naquela ocasião:

- por sonhos - revelação pessoal (Jó 33.15-17);

- por Urim e Tumim - revelação sacerdotal (Êx 28.30);

- por profetas - revelação inspiracional (Hb 1).

2. Não se pode entender que Samuel, enquanto vivo, homem santo, depois de morto pudesse prestar-se a obedecer à pitonisa - mulher abominável - para a prática proibida por Deus (Êx 22.18; Lv 20.27; Dt 18.9-12; Is 8.19-20; 47.13-14);

3. Não se pode conceber que Deus tenha proibido a feitiçaria e a consulta a mortos e depois Ele próprio concordasse em permitir a feiticeira trazer, de fato, o espírito de Samuel (Tg 1.17);

4. Em 1 Samuel 28.13, a mulher diz: *Vejo deuses que sobem da terra.* Quais eram? Só podiam ser deuses do inferno (Ap 12.7; Mc 5.9; Lc 8.30). O diabo pode transfigurar-se em anjo de luz (2 Co 11.13-14; 1 Sm 16.23);

5. Os mortos não se comunicam com os vivos (Lc 16.19-31; Hb 9.27; Mt 25.41-46);

6. O resultado dessa consulta foi trágico para Saul (1 Cr 10.13). De acordo com Deuteronômio 18.22, as profecias devem ser julgadas. Essas profecias do pseudo Samuel não resistem ao exame, são ambíguas, imprecisas e infundadas:

a) Saul não foi entregue nas mãos dos filisteus (1 Sm 28.19), mas se matou (1 Sm 31.4) e veio parar nas mãos dos homens de Jabes Gileade (1 Sm 31.11-13);

b) *tu e teus filhos estareis comigo* (1 Sm 28.19); não morreram todos os filhos de Saul como insinua essa profecia obscura. Ficaram vivos pelo menos três filhos de Saul - Is-Bosete (2 Sm 2.8-10); Armoni e Mefibosete (2 Sm 21.8). Apenas três morreram (1 Sm 31.6; 1 Cr 10.6).

REENCARNAÇÃO

A reencarnação é a doutrina central do espiritismo. Allan Kardec chega a ponto de afirmar ser ela um dogma do espiritismo. A palavra reencarnação é formada do prefrxo re (repetir) e do verbo encarnar (tomar corpo). O sentido etimológico é tornar a tomar corpo. Kardec define então esse ensino da seguinte forma: A reencarnação é a volta da alma à vida corpórea, mas em outro corpo, especialmente formado para ela e que nada tem de comum com o antigo ("O Evangelho Segundo o Espiritismo", p. 561. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985). Quando Kardec estabelece a volta da alma a outro corpo, com isso, difere da palavra ressurreição, que significa a volta da alma ou espírito ao próprio corpo. Ressurreição é uma doutrina bíblica ensinada por Jesus e os evangelhos apresentam vários exemplos de pessoas ressuscitadas por Jesus, cujo espírito retornou ao próprio corpo. Mas ele (Jesus), pondo-os todos fora, e pegando-lhe na mão, clamou, dizendo: Levanta-te, menina. E o seu espírito voltou, e ela logo se levantou; e Jesus mandou que lhe dessem de comer (Lc 8.54-55). Ressuscitar significa, pois, tornar a levantar-se, e, a reencarnação é doutrina antibíblica ensinada pelo hinduísmo e, posteriormente, ensinada por Kardec, com pequenas diferenças. Enquanto Kardec admite o retorno da alma a outro corpo que pode ser de sexo diferente, o hinduísmo ensina a metempsicose, que é o retorno do espírito aos irracionais. Diz ele: A pluralidade das existências segundo o espiritismo, difere essencialmente da metempsicose, em não admitir aquele a encarnação da alma humana nos corpos dos animais, mesmo como castigo. Os espíritos ensinam que a alma não retrograda, mas progride sempre ("O Que É o Espiritismo", p. 85. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Quer Kardec justificar a reencarnação com a Bíblia, afirmando que:

O princípio da reencarnação ressalta, aliás, de muitas passagens das Escrituras, encontrando-se especialmente formulado, de maneira explícita, no Evangelho ("O Livro dos Espíritos", p. 96. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Aponta como prova a história de João Batista como sendo a reencarnação de Elias; o diálogo entre Jesus e Nicodemos, quando Jesus afirmou a necessidade do novo nascimento e de outras passagens bíblicas.

Mt 11.14 - Era João Batista o Elias reencarnado?

Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias... ("O Evangelho Segundo o Espiritismo" - Editora Opus, p. 561 Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Resposta Apologética:

João Batista era Elias, não reencarnado, mas profético, isto é, tinha as características e missão semelhantes.

a) Se Elias reencarnou, como se explica que não tenha desencarnado? Foi ele elevado ao céu num redemoinho, sem provar a morte (2 Reis 2.11);

b) Se Elias tivesse reencarnado, na Transfiguração, descrita em Mateus 17.1-6, quem deveria ter aparecido seria João Batista. Este já havia sido morto por Herodes e ele então deveria ter aparecido e não Elias, pois conforme estabelece a doutrina da reencarnação, quando o espírito se encarna toma sempre a forma da última existência.

c) Traços de identidade de ministérios:

1. Aparecimento de Elias descrito em 1 Reis 17.1 se assemelha ao aparecimento de João Batista como descrito em Mateus 3.1;

2. Elias repreendeu o rei Acabe, casado com Jezabel, mulher idólatra e ímpia (1 Reis 18.17-18), e João Batista repreendeu o rei Herodes por viver com a mulher de seu irmão (Mateus 14.3-4);

3. Elias foi perseguido por Jezabel (1 Reis 19.2-3) e João Batista foi perseguido por Herodias, mulher de Herodes (Mateus 14.6-8);

4. João Batista, interrogado, respondeu claramente que não era Elias (João 1. 21);

5. Em Mateus 11.13, Jesus disse: Todos os profetas e a eles acrescenta João, logo Elias e João não são os mesmos.

O Novo Nascimento de Jo 3.1-7

Se o homem não renasce da água e do espírito, ou em água e em espírito, significa, pois: Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma ("O Evangelho Segundo o Espiritismo", p. 561. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Resposta Apologética:

A palavra nascer de novo (do grego *anothen,* significa nascer do alto). Fala Jesus da regeneração que é a mudança das disposições íntimas da alma, estando no mesmo corpo e não do retorno do espírito a outro corpo. Os escritores bíblicos interpretam a palavra água como sinônimo da palavra de Deus: *Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre* (1 Pe 1.23). Nicodemos perguntou: *Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer?* Depois concluiu Jesus: *O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te*

maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo. O novo nascimento é, como dissemos, a regeneração, e esta ocorre quando se ouve o Evangelho de Jesus Cristo e se crê (Jo 3.16-18,36). Fenômeno que ocorre numa existência (Ef 4.23-24; Cl 3.9-10; Tt 3.3-6; 1 Co 6.11).

João 9.2: E os seus discípulos lhe perguntaram: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Essa pergunta provaria que os apóstolos acreditavam na reencarnação.

Resposta Apologética:

Sejam quais tenham sido as idéias pessoais dos apóstolos acerca da reencarnação, é certo que longe estava Cristo de partilhá-las. Então respondeu: *Nem ele pecou nem seus pais; mais foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus* (Jo 9.3).

Esta resposta arrasa os alicerces de toda a construção reencarnacionista, baseada na opinião de que o pecado pessoal faz decorrer toda a infelicidade, todo sofrimento.

Há infelicidades e sofrimentos que Deus envia simplesmente para que sejam manifestas as obras de Deus.

Mateus 19.28-29: A reencarnação é extensiva a todos Dizem os espíritas que não se deve acreditar seja a reencarnação privilégio exclusivo de alguns personagens eminentes, como Cristo, João ou Elias. *E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel. E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor de meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna.*

Porque Jesus, ao dizer cem vezes tanto, promete uma centena de mães. Que significa isto? Uma centena de nascimentos, uma centena de reencarnações, evidentemente.

Resposta Apologética:

O próprio Cristo responde a esta pergunta em Lucas 18.29-30: E Ele lhes disse: Na verdade vos digo que ninguém há, que tenha deixado casa, ou pais, ou irmãos, ou mulher, ou *filhos, pelo Reino de Deus, que não haja de receber muito mais neste mundo, e na idade vindoura a vida eterna.* Tudo nesta vida ou neste mundo. A vida e a vida eterna, que imediatamente se lhe seguirá - eis a existência do homem. Não sobra lugar para a reencarnação, *que não receba cem vezes tanto, já neste tempo, em casas, e irmãos, e irmãs, e mães e filhos, e campos, com perseguições; e no século futuro a vida eterna* (Mc 10.30). Ademais, a reencarnação, segundo confessam os mais ilustrados reencarnacionistas, de forma alguma vem a ser uma recompensa; ao contrário, é antes um castigo, uma vida dolorosa de purificações sucessivas.

Ora, os escritores Mateus, Marcos, Lucas e João registraram a vida de Jesus durante o seu ministério público e, então, importa confrontar os ensinos de Jesus com a doutrina da reencarnação para verificar-se se elas são compatíveis:

JESUS E A PLURALIDADE DE VIDAS TERRESTRES

Kardec procura justificar a doutrina da reencarnação afirmando que só mediante esse ensino é que se pode ter compreensão dos ensinos de Jesus exarados nos evangelhos e na própria Bíblia. Do contrário, fica tudo ininteligível e até irracional. Vejamos sua declaração:

Muitos pontos do evangelho, da Bíblia e dos escritos sagrados em geral, são ininteligíveis, muitos mesmo se não afiguram irracionais por falta de uma chave, para se lhes conhecer o verdadeiro sentido. Ora, essa chave se acha inteiramente no espiritismo, conforme conheceram aqueles que o estudam seriamente e que melhor o reconhecerão mais tarde ("O Evangelho Segundo o Espiritismo", p. 536. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

RESUMO DA DOUTRINA REENCARNACIONISTA

A doutrina reencarnacionista pode ser assim sintetizada:

1. Pluralidade de existências terrestres;

2. Progresso permanente até à perfeição;

3. Conquista da meta final por esforços próprios;

4. Definitiva independência do corpo — espírito puro.

Devemos pesquisar se Jesus reconhecia a pluralidade de existências terrestres; o progresso permanente até à perfeição; conquista da meta final por esforços próprios; e, a vida do espírito definitivamente livre do corpo.

1. Jesus ensinou a unicidade da vida terrestre e não a pluralidade de vidas terrestres.

Em Lc 23.39-43, vemos Jesus pregado na cruz e suspenso no meio de dois ladrões. Os dois tinham sido muito maus, tanto é que um deles faz sua confissão ao companheiro de crimes, dizendo: E nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas este nenhum malfez. E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino. E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso.

Fosse Jesus reencarnacionista, não poderia ter falado assim.

Poderia quando muito dizer: É bom que tu te arrependas, pois o arrependimento é o primeiro passo para tornar-te um espírito puro. Mas não basta. Deves ter paciência contigo mesmo. Cada qual deve resgatar-se a si mesmo. Tu cometeste muitos crimes e toda a falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída e que deverá ser paga. Já não podes fazê-lo nesta existência: terás de reencarnar mais vezes, deverás voltar a esta terra, em novo corpo, para expiar e resgatar teus crimes.

Paulo, fiel discípulo e, zeloso apóstolo de Cristo, nos assegura ter recebido seu Evangelho diretamente de Jesus (Gl 1.12). E ele escreveu: *E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez,, vindo depois disso o juízo* (Hb 9.27). Morrerem uma vez, não muitas vezes, não um número indefinido de vezes: uma só vez.

2. Jesus ensinou a existência de dois lugares finais e irreversíveis depois da morte e não progresso contínuo até à perfeição.

Em Lc 16.19-31, lemos a narrativa de Lázaro e do rico. São palavras de Cristo. Oferece-se a Jesus a oportunidade do que se segue imediatamente após a morte. Os dois morrem, tanto Lázaro, que foi levado pelos anjos para o seio de Abraão assim como o rico. No Hades, o rico se encontra em tormentos conscientes e pediu compaixão: *Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e manda a Lázaro, que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado*

nesta chama. Abraão respondeu: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro somente males; e agora este é consolado e tu atormentado. E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá passar para cá.

Fosse Jesus reencarnacionista, teria agora uma boa ocasião para insistir nesta doutrina: diria que a alma se desprende do corpo, permanecendo ainda por algum tempo em estado de perturbação e confusão; explicaria como ela readquire aos poucos um estado de consciência, como vai depois se perder na imensidão dos espaços, na erraticidade; como procura novas oportunidades para reencarnar.

Esse ensino de Jesus é paralelo ao que se encontra em Mt 7.13-14, quando Jesus falou de duas portas, dois caminhos e dois lugares finais e definitivos. Esse ensino é corroborado pela referência de Mt 25.34, 41,46.

3. Jesus ensinou a nossa redenção por sua morte na cruz e não redenção por esforços próprios.

Enquanto a Bíblia aponta nossa redenção por meio de Jesus Cristo através de sua obra salvífica realizada em nosso favor no Calvário, o espiritismo anuncia: *Fora da Caridade não existe Salvação.* É o dogma central da doutrina espírita. Um dos mais eminentes escritores espíritas - Léon Denis - assim se pronuncia:

Não, a missão de Cristo não era resgatar com o seu sangue os crimes da humanidade. O sangue, mesmo de um Deus, não seria capaz de resgatar ninguém. Cada qual deve resgatar-se a si mesmo, resgatar-se da ignorância e do mal. É o que os espíritos, aos milhares, afirmam em todos os pontos do mundo ("Cristianismo e Espiritismo", p. 85, 7ª edição).

Para justificar tal ensino blasfemo, Léon Denis se vale da informação trazida pelos espíritos, aos milhares, em todos os pontos do mundo. É também o caso de Kardec que se baseia no ensino dos espíritos quando prega a reencarnação, dizendo:

A doutrina da reencarnação, que consiste em admitir para o homem muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à idéia da justiça de Deus com respeito aos homens de condição moral inferior, a única que pode explicar o nosso futuro e fundamentar as nossas esperanças, pois oferece-nos o meio de resgatarmos os nossos erros através de novas provas. A razão assim nos diz, e é o que os Espíritos nos ensinam ("O Livro dos Espíritos", p. 84. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Ora, ora. Que espíritos seriam esses em todo o mundo que anunciam doutrina oposta à ensinada por Jesus? Lendo Mt 16.21-23, encontramos o seguinte relato: *Desde então começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que, convinha ir a Jerusalém, e padecer muitas coisas dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia. E Pedro, tomando-o de parte, começou a repreendê-lo, dizendo: Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso. Ele, porém, voltando-se, disse a Pedro: Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens.*

Satanás tinha sugerido a Pedro que Jesus jamais passasse pelo Calvário para redimir a humanidade pelo seu sangue. E quando os espíritos sugeriram a Léon Denis que nem o sangue de um Deus poderia resgatar ninguém, é de se notar que esses espíritos a que se refere esse escritor certamente são espíritos demoníacos que orientam os escritores espíritas a partir do codificador Allan Kardec. E Paulo declara que não é para se admirar que isso aconteça porque esses espíritos satânicos se transfiguram em anjos de luz: *Porque tais falsos apóstolos são obreiros fraudulentos, transfigurando-se em apóstolos de Cristo. E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz* (2 Co 11.13-14).

Podemos afirmar que jamais um cristão pode ser espírita, como também um espírita jamais poderá tornar-se um cristão. São francamente opostos em práticas e ensinos. O espiritismo é outro

evangelho (Gl 1.8-9). O Evangelho verdadeiro está explicado por Paulo em 1 Co 15.3-4: *Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi; que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras.*

Essas palavras de Paulo são a repetição da profecia de Isaías com relação à obra resgatadora de Jesus: Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados (Is 43.4-5). É a mensagem central cristã. Nossa redenção por Cristo é a medula do Evangelho bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos (Mt 20.28). O texto de João 3.16 é considerado a Bíblia em miniatura: Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

4. Jesus ensinou a ressurreição final de todos os homens. Ao contrário, o espiritismo ensina o estado final como espírito puro. Durante o seu ministério público Jesus ressuscitou algumas pessoas mencionadas nos evangelhos e, paralelamente, ensinou a ressurreição dos mortos, apontando que sua ressurreição era a base para a ressurreição dos seus seguidores. Não só isso apontou também um dia de juízo final em que todos os mortos irão ressuscitar corporalmente. Falando da sua ressurreição, afirmou: Derribai este templo, e em três dias o levantarei. Disseram, pois, os judeus. Em quarenta e seis anos foi edificado este templo, e tu o levantarás em três dias? Mas ele falava do templo do seu corpo. Quando, pois, ressuscitou dentre os mortos, os seus discípulos lembraram-se de que lhes dissera isto; e creram na Escritura, e na palavra que Jesus tinha dito (Jo 2.19-22). Sobre a ressurreição universal, Ele diz: Não vos maravilheis disto: porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação (Jo 5.28-29). Diante do túmulo de Lázaro, Jesus declarou à irmã dele, Marta: *Teu irmão há de ressuscitar. Disse-lhe Marta: Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último dia. Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá* (Jo 11.23-25). Dois pontos devem ser apontados nesse diálogo de Jesus com Marta: primeiro, declarar que o irmão dela haveria de ressuscitar; segundo, ela falou da ressurreição do último e Jesus não rebateu sua afirmação, dado que estava conforme o seu ensino sobre a ressurreição em João 5.28-29.

Quando, pois, os espíritas nos vêm ensinar outros caminhos, opostos ao que Jesus estabeleceu, será tão absolutamente impossível que, esses espíritos, sejam os inimigos de Jesus, os espíritos que a Bíblia chama de demônios? (2 Co 11.14-15; Ef 6.10-12; 1 Rs 22.21-22).

A. Dragon, no Congresso Espírita Internacional realizado em Liège, Bélgica, de 26 a 29 de agosto de 1923, disse: A reen-carnação tal como tem sido exposta até agora, não passa de teoria boba para criança de escola primária (citado no livro "Religião & Religiões - Perguntas Que Muita Gente Faz", p. 139. Editora Santuário, 1997).

CARMA:

Paralelamente à doutrina da reencarnação segue-se a doutrina do carma que, nas palavras de Kardec, explica essa doutrina dizendo que toda a falta cometida, todo o mal praticado, é uma dívida contraída que deverá ser paga pelo próprio homem através do arrependimento, expiação (que é o sofrimento) e reparação (que são as boas obras). Assim, as condições para alguém se tornar um espírito puro são três:

Arrependimento, expiação e reparação constituem, portanto, as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas conseqüências ("O Céu e o Inferno", p. 747. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Resposta Apologética:

1. Arrependimento

Quanto ao arrependimento, a Bíblia afirma que o ladrão na cruz se arrependeu e ouviu de Jesus a promessa de que naquele mesmo dia estaria com Ele no paraíso: *Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu reino. E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso* (Lc 23.42-43). Jesus, por sua vez, estabeleceu: *se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis* (Lc 13.3).

2. Expiação

Então, segundo Kardec, esta vida é uma expiação. O que sofremos é justo; foi merecido por nós, ainda que seja noutras encarnações. Muito bem. Então, quando um homem mau persegue o seu semelhante; quando alguém furta; quando o capanga mata; é sempre instrumento de justiça divina. Deus não pode deixar exceder o que a pessoa mereceu; pois que, se o sofrimento passasse o mal cometido, Deus seria injusto; faria diferença entre as suas criaturas inteligentes. Segue-se que, se matarmos, se torturarmos ao próximo, não fazemos nada de mal. É apenas o que ele mereceu noutras encarnações! Sim, pelos dizeres dos espíritas, Deus não pode permitir a injustiça; Deus não pode permitir a desigualdade do mundo. Se o permite, é porque foi merecida. E daí? Daí que resulta que não há mal nenhum em matar; que é uma boa obra o furtar; que há merecimento em martirizar os outros... e não é só isso: deduz-se que se está fazendo um bem quando todo mundo pensa que se está a fazer mal aos outros.

Quando um amigo atraiçoa outro, rouba-o, deixa-o na miséria - devia ser abraçado por este com lágrimas de gratidão. Não lhe podia fazer um bem maior.

E depois, ele já tinha mesmo de passar por essa... Estava escrito... Ele o tinha merecido na encarnação anterior. Logo, espíritas, pelas suas doutrinas, ensinam que podemos e devemos praticar o mal. Quanto mais mal fizermos aos outros, maior será o benefício que eles recebem. Quanto mais pagar das suas culpas, tanto mais nos agradecerão.

Pela doutrina bíblica, fazendo mal aos outros, expomo-nos a fazer sofrer um inocente. Pela doutrina espírita, só fazemos sofrer a quem mereceu.

3. Reparação

Quanto a esta última, o espiritismo adotou o *slogan: Fora da Caridade não há Salvação.*

Meus filhos, na máxima, Fora da Caridade Não Há Salvação, estão contidos os destinos dos homens na terra como nos céus ("O Evangelho Segundo o Espiritismo", p. 631, Ibidem).

Muitos querem identificar a caridade cristã com a filantropia. Na realidade são duas coisas distintas. Em 1 Coríntios, 13.3, Paulo afirma que alguém pode dar seu corpo para ser queimado e todos os seus bens aos pobres e ainda não ter caridade. Se não é caridade cristã, então o que é? Seria, a verdadeira filantropia. Filantropia e caridade podem apresentar um aspecto externo exatamente igual e, no entanto, haver diferença fundamental entre ambas. Dizemos, à luz da Bíblia, que a razão da nossa existência consiste em glorificarmos a Deus: *Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus* (Mt 5.16). *Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder, porque tu criaste todas as*

coisas, e por tua vontade são e foram criadas (Ap 4.11). Logo, o primeiro mandamento, em importância, é o amar a Deus sobre todas as coisas (Mt 22.37-39). E afirmamos que existe uma conexão entre a caridade cristã e o amor a Deus. Os dois chegam mesmo a identificar-se, pois em Mateus 25.40 Jesus declara: *E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizeste a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.* Aí está a significação da caridade. O cristão ama a Deus no próximo. Foi assim que se deu com Zaqueu (Lc 19.1-10). Ao receber Jesus em casa, logo nasceu a preocupação pelos menos favorecidos e se pronunciou espontaneamente: *E, levantando-se Zaqueu, disse ao Senhor, eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, o restituo quadruplicado* (Lc. 19.8).

As boas obras nunca salvaram e nunca ajudaram a salvar. Paulo afirma em Efésios 2.8-10: Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feitura sua; criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas. Somos criados para as boas obras e não pelas obras e é por meio da fé é que somos salvos. As boas obras são o resultado da nossa fé em Cristo. Paulo, em 2 Coríntios 5.17, declara que nos tornamos novas criaturas, abandonando as práticas más e nos voltamos para a prática do bem, desde que estejamos em Cristo Jesus. Logo, as boas obras devem ser apenas a manifestação externa do interno amor que temos a Deus.

4. Perguntas que fazem os espíritas:

a) Por que uns nascem com saúde e outros doentes e aleijados?

Pai sifilítico gera filho sifilítico. A TV apresentou uma reportagem a respeito de oito mil crianças nascidas aleijadas e defeituosas, porque suas mães em estado de gravidez tomaram o conhecido psicotrópico Talidomida. Este é o fato inconcusso absoluto. O resto não passa de pura fantasia dos adeptos da reencarnação.

b) Por que alguns nascem ricos e outros na mais extrema miséria?

Dizem os reencarnacionistas que os ricos são espíritos adiantados e os pobres, espíritos atrasados.

Ora, se assim fosse, Cristo deveria ser um espírito muito atrasado, pois morreu pobre, crucificado entre dois ladrões e miseravelmente caluniado.

Pelo que sofreu deveria ter cometido hediondos crimes na vida passada. Ocorre que Kardec ensina que a pessoa não tem lembrança alguma dos fatos da vida anterior.

Castigar sem que o réu saiba por que parece brutalidade e não satisfaz nem o nosso próprio sentimento de justiça humana, quanto mais o da justiça divina. Um Hitler fica livre de seus crimes, porque uma menina nascida no Brasil é a reencarnação de Hitler e vai sofrer no lugar dele. Mesmo sem saber por que está acometida de uma doença grave, por exemplo, leucemia. Morre sem saber dos seus crimes numa existência anterior quando vivia como Hitler. É lógico? Kardec afirma mais que: *a reencarnação se enquadra melhor com a justiça ao dizer que é a única que corresponde à idéia da justiça de Deus...* ("O Livro dos Espíritos", p. 84. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

c) Qual o estado da alma, originalmente?

São criadas simples e ignorantes as almas, quer dizer, sem cultura e sem reconhecerem o bem e o mal ("O Livro dos Espíritos", p. 324. Editora Opus Ltda; 2ª edição especial, 1985).

Façamos então uma comparação entre os homens e os animais. Afirma Kardec que os animais tiraram o seu princípio inteligente do elemento universal inteligente, igualmente como o que aconteceu com o homem. Posto isto, os animais possuem uma inteligência que lhes faculta certa liberdade de ação, inclusive passando pela erraticidade como o homem, sujeito a uma lei progressiva. Mas, por fim, fica o animal no mesmo nível de que o homem, admitindo-se o princípio de justiça de que cada qual faz por merecer? Não! Os homens sempre se colocam num nível superior aos olhos dos animais, para quem os homens são deuses, permanecendo assim os animais num estado de inferioridade. Logo, Deus criou seres intelectuais perpetuamente destinados à inferioridade, que, parece, contraria o princípio de justiça divina a que se refere Allan Kardec para justificar a reencarnação.

De onde tiram os animais o princípio que constitui a espécie particular de alma de que são dotados?

Do elemento inteligente universal.

Tendo os animais uma inteligência que lhes dá certa liberdade de ação, haverá neles algum princípio independente da matéria?

Sim, e que sobrevive ao corpo.

Sobrevivendo à morte do corpo, a alma do animal fica errante, como a do homem?

Há uma como erraticidade, uma vez que não se acha unida a um corpo...

Os animais estão sujeitos, como o homem a uma lei progressiva?

Sim, e daí vem que nos mundos superiores, onde os homens são mais adiantados, os animais também o são, dispondo de meios mais amplos de comunicação. São sempre, porém, inferiores ao homem e se lhe acham submetidos, tendo neles o homem servidores inteligentes ("O Livro dos Espíritos", p. 167. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

d) Por que é que uns nascem inteligentes e outros medíocres?

Como acontece com os animais, os vegetais e também a parte somática do indivíduo em que não há nada absolutamente igual, assim também acontece com a inteligência do homem. Já viram porventura uma impressão digital igual à outra? De maneira nenhuma. Assim também acontece com a inteligência, faculdade da alma. Temos ainda a palavra de um médium espírita:

Anatole Barthe refuta assim as desigualdades humanas: Para desenvolver as desigualdades humanas os espíritas ensinam a reencarnação. Não sabem estes que não há dois seres, duas coisas perfeitamente iguais na natureza e que nem no imenso espaço nem tampouco ao longo do tempo podem ser encontradas? Não éprecisamente na diversidade que nasce a harmonia do universo? ("Le Livre des Espirits, Recueli de Comunications Obenues par Divers Médiuns", Paris, 1863 p. 21).

e) Regressão de idade prova a reencarnação? Absolutamente não. Já se acha comprovado pela hipnologia: quando o hipnotizado é reencarnacionista, revela reencarnação, entretanto quando não é, nega-a. De forma que a regressão de idade para provar ou negar a palingenesia depende da opinião do hipnotizado.

Experiências Inversas - Podemos também fazer experiências de progressão de memória sugerindo que o hipnotizado tenha envelhecido, situação irreal, que se comporta como autêntico ancião. Conclui-se daí que em ambos os casos as situações são puramente imaginárias, sugeridas tanto pelo consciente como pelo hipnotizado.

f) O problema populacional:

Sabemos que a população do mundo aumenta assustadoramente, ultrapassando hoje os seis bilhões de habitantes. Sabemos também que há poucos anos eram três bilhões. No Brasil, por exemplo, em 1935, havia mais ou menos 34 milhões de pessoas; em 2001 somos mais de 160 milhões. Portanto, se a pessoa morre e se reencarna, não pode absolutamente aumentar a população. De onde, então, vêm tantos espíritos? Allan Kardec ensina que o homem vem do macaco, evoluindo. Será por isso que os macacos estão em extinção?

XXIII - GLOSSÁRIO ESPÍRITA

Aparição - Fenômeno pelo qual os seres do mundo incorpóreo se manifestam à vista.
Clarividência - Faculdade de ver sem o auxílio dos órgãos da visão. É uma faculdade inerente à própria natureza da alma ou do espírito, e que reside em todo o seu ser; eis porque em todos os casos em que há emancipação da alma, o homem tem percepções independentes dos sentidos. No estado corporal normal, a faculdade de ver é limitada pelos órgãos materiais: desprendida desse obstáculo, ela não é mais circunscrita, estende-se por toda a parte onde a alma exerce sua ação: tal é a causa da visão a distância de que gozam certos sonâmbulos. Eles se vêem no próprio local que observam e descrevem ainda que este se situe mil léguas a distância, visto que, se o corpo não se acha acolá, a alma, em realidade, ali se encontra. Pode-se, pois, dizer que o sonâmbulo vê pelos olhos da alma.
Encarnação - Estado dos espíritos que revestem um invólucro corporal. Diz-se espírito encarnado, em oposição a espírito errante. Os espíritos são errantes no intervalo de suas diferentes encarnações. A encarnação pode ocorrer na Terra ou em outro mundo.
Erraticidade - Estado dos espíritos errantes, ou erráticos, isto é, não encarnados, durante o intervalo de suas existências corpóreas.
Espírita - **O** que tem relação com o espiritismo; adepto do espiritismo; aquele que crê nas manifestações dos espíritos.
Espiritismo - Doutrina fundada sobre a crença na existência dos espíritos e em suas manifestações.
Espírito - No sentido especial da doutrina espírita, os espíritos são os seres inteligentes da criação, que povoam o Universo, fora do mundo material, e constituem o mundo invisível. Não são seres oriundos de uma criação especial, porém, as almas dos que viveram na Terra, ou nas outras esferas, e que deixaram o invólucro corporal.
Espiritualismo - Usa-se em sentido oposto ao de materialismo; crença na existência da alma espiritual e imaterial. O espiritualismo é a base de todas as religiões.
Espiritualista - **O** que se refere ao espiritualismo; adepto do espiritualismo. É espiritualista aquele que acredita que em nós nem tudo é matéria, o que de modo algum implica crença nas manifestações dos espíritos. Todo espírita é necessariamente espiritualista; mas, pode-se ser espiritualista sem ser espírita; o materialista não é uma nem outra coisa.
Expiação - Pena que sofrem os espíritos como punição das faltas cometidas durante a vida corporal. A expiação, sofrimento moral, ocorre no estado de erraticidade como o sofrimento físico ocorre no estado corporal. As vicissitudes e os tormentos da vida corporal são, ao mesmo tempo, provas para o futuro e expiação do passado.
Fluido Universal - Princípio elementar do qual a condensação resulta nos diversos estágios da matéria, que é mais ou menos condensada conforme os mundos. A partir dele desenvolve-se o princípio vital. O fluido universal não é causa da inteligência, apenas serve de veículo do pensamento.
Livre-arbítrio - Liberdade moral do homem; faculdade que ele tem de se guiar pela sua vontade na realização de seus atos.
Médium - Pessoa que pode servir de intermediária entre os espíritos e os homens. Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade

é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em que a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva.
Mediunidade - Faculdade dos médiuns.
Obsessão - Domínio que alguns espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticada senão pelos espíritos inferiores, que procuram dominar. Os bons espíritos nenhum constrangimento infligem. Aconselham, combatem a influência dos maus e, se não os ouvem, retiram-se. Os maus, ao contrário, se agarram àqueles de quem podem fazer suas presas. Se conseguem dominar algum, identificam-se com o espírito deste e o conduzem como se fora verdadeira criança.
Perispírito - Envoltório semimaterial do espírito. Nos encarnados, serve de intermediário entre o espírito e a matéria; nos espíritos errantes, constitui o corpo fluídico do espírito. O perispírito é o órgão sensitivo do espírito, por meio do qual este percebe coisas espirituais que escapam aos sentidos corpóreos. Pelos órgãos do corpo, a visão, a audição e as diversas sensações são localizadas e limitadas à percepção das coisas materiais; pelo sentido espiritual ou psíquico, elas se generalizam; o espírito vê, ouve e sente, por todo o seu ser, tudo o que se encontra na esfera de irradiação do seu fluído perispirítico.
Pneumatofonia - Voz dos espíritos; comunicação oral dos espíritos, sem o concurso da voz humana.
Pneumatografia - Escrita direta dos espíritos, sem o auxílio da mão de um médium.
Princípio Vital - Nome que se dá ao princípio geral da vida material, comum a todos os seres orgânicos, homens, animais e plantas. O princípio vital é o mesmo para todos os seres orgânicos, mas se torna espécie-específico: individualiza-se no ser vivo, isto é, passa a constituir-lhe sua própria vida orgânica modificada, conforme a espécie. Tem sua fonte no fluido universal, atuando como elo entre o espírito e a matéria, na forma de fluido magnético.
Psicofonia - Comunicação dos espíritos pela voz de um médium falante.
Psicografia - Escrita dos espíritos pela mão de um médium.
Reencarnação - Volta do espírito à vida corpórea, pluralidade das existências.

XXIV - BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

"Bíblia Apologética" - Instituto Cristão de Pesquisas, ICP - Editora.
"Cristianismo em Crise" - Hank Hanegraaff. Editora CPAD.
"Desmascarando as Seitas" - Natanael Rinaldi e Paulo Romeiro. Editora CPAD.
"Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo" - George A. Mather e Larry A. Nichols. Editora Vida.
"Evidência Que Exige Um Veredicto" - Josh McDowell. Editora Candeia.
"Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e 'Contradições da Bíblia'" - Norman Geisler e Thomas Howe. Editora Mundo Cristão.
"O Caos das Seitas" - J. K. Van Baalen. Imprensa Batista Regular.
"Os Fatos Sobre"... - (toda a série), John Ankerberg e John Weldon. Editora Chamada da Meia-Noite.
"O Império das Seitas" - Walter Martin. Editora Betânia.
"Revista Defesa da Fé" - (todas as edições), ICP - Editora.
"Um Manual das Religiões de Hoje" - (Entendendo o Oculto, Entendendo as Religiões Seculares, Entendendo as Religiões não Cristãs e Entendendo as Seitas), Josh McDowell e Don Stewart. Editora Candeia.

ISLAMISMO

I - INTRODUÇÃO

A religião islâmica é hoje a segunda maior religião em número de fiéis, estando à sua frente apenas o Cristianismo (incluem-se aqui Catolicismo Romano, Ortodoxos, Protestantes etc). O Islã possui seguidores em todos os continentes do mundo.

O Islamismo e o Cristianismo são as duas religiões de maior porte e mais missionárias no mundo. Suas crenças são muito semelhantes em vários aspectos. Ambos são monoteístas, foram fundados por um indivíduo específico em um contexto definido e historicamente verificável, são universais, e crêem na existência de anjos, do céu e do inferno, numa ressurreição futura, e que Deus fez-se conhecer ao homem por meio de uma revelação.

Entretanto, existem também diferenças óbvias entre elas, particularmente em relação à pessoa de Jesus, o caminho da salvação, e a escritura ou escrituras de fé. Estas diferenças abarcam as doutrinas mais fundamentais de cada religião, e, portanto, mesmo que ambos possam ser igualmente falsos, o Islamismo e o Cristianismo não podem ser verdadeiros ao mesmo tempo.

Nossa tarefa é examinar as declarações islâmicas para ver se cada uma delas é verificável. A razão para isso deve ser evidente por si mesma: é muito fácil alguém fazer declarações a respeito de si mesmo, prová-las é um assunto totalmente diferente. Este material apresentará as principais objeções islâmicas contra a fé cristã, oferecendo, em contrapartida, uma resposta cristã.

II - A VIDA DE MAOMÉ

Quase 570 anos depois da morte e da ressurreição de nosso Senhor Jesus, um homem chamado Maomé nasceu na cidade de Meca, capital do comércio na Arábia. Seu pai morreu antes que ele nascesse, e sua mãe morreu quando ele tinha somente seis anos de idade. Primeiro foi o seu avô que cuidou dele e, depois da sua morte, um tio.

A maior parte do povo da Arábia era pagã, e acreditava em muitos deuses e os adorava especialmente num templo que chamavam Kaaba (palavra árabe para cubo).

No Alcorão lemos acerca de Maomé: *Fui mandado adorar o Senhor desta Terra...* (Sura 27:91). Os muçulmanos dizem que isso se refere a Alá e provavelmente têm razão, segundo o entendimento islâmico, mas Alá era um nome que se usava para um dos deuses da Arábia, que era conhecido como o pai das deusas Lat, Uzza e Manat, adoradas por muitos. Maomé repudiou esta idéia, assim como qualquer outra que fomentasse idolatria em seu pensamento.

Quando Maomé tinha 25 anos de idade, casou-se com sua patroa, uma senhora já duas vezes viúva. Seu nome era Khadija. Maomé era *um homem* quieto e de vida *simples*. Seu casamento com Khadija, que era 15 anos mais velha do que ele, durou 25 anos, até a morte da esposa. Parece que havia boa relação entre os dois. Tiveram vários filhos, porém o único varão morreu quando ainda era criança, o que trouxe grande sofrimento a Maomé.

Aproximadamente dez anos antes da morte de sua esposa, Maomé começou a ouvir vozes, ter visões e sonhos. Freqüentemente saía da cidade e ia para uma caverna no monte de Hira, para lá meditar, às vezes, por vários dias.

Aos 40 anos, teve uma experiência extraordinária. Lá na caverna recebeu a primeira revelação do que, mais tarde, se tornou o livro santo do Islã, o Alcorão (capítulo = Sura, versículo = Ayate). Maomé disse que recebeu as revelações do anjo Gabriel e que, a princípio, ficou muito atemorizado,

mas depois recebeu mensagens durante 22 ou 23 anos, até sua morte. Segundo a tradição islâmica, pelo menos no início, Maomé ficou preocupado porque espumava pela boca e rugia como camelo novo. Era como se sua alma fosse tirada do corpo, e ele, então, parecia embriagado.

Primeiro as mensagens diziam que há só um Deus, que é Alá e que todos os ídolos deveriam ser destruídos. Muito foi revelado acerca do julgamento vindouro, sobre a necessidade de viver corretamente e a perspectiva da vida eterna no paraíso ou no inferno. Tanto o paraíso como também o inferno receberam uma descrição muito viva. Os que fossem ao Céu receberiam todo o bem: *comida maravilhosa, frutas, taças e jarras cheias de néctares e huris (virgens bonitas) de olhos grandes, semelhantes a pérolas em suas conchas. No inferno nada haveria para refrescar ou agradar, e os que fossem para lá beberiam água fervente e pus em cima de frutas amargas* (Sura 56:1-56). *Quanto aos crentes que praticam o bem, introduzi-los-emos em jardins abaixo dos quais correm rios, onde morarão eternamente, onde terão esposas imaculadas, e os faremos desfrutar uma densa sombra* (Sura 4:57).

O sucesso da pregação de Maomé foi inicialmente pequeno. Sua esposa foi a primeira convertida e, ao longo dos anos, cerca de mais 200 moradores de Meca o seguiram. Em 622 a.D., Maomé recebeu um convite para mudar-se para Medina, a 250 km ao norte de Meca, a fim de servir como líder e árbitro nas questões existentes entre muçulmanos, pagãos e judeus que ali moravam. Somando isso à oposição que sua pregação ainda suscitava, ele emigrou para Medina. Essa fuga para Medina foi chamada de Hégira e tornou-se o início do calendário islâmico. Durante sua permanência em Medina, ele transformou-se, de um simples pregador revolucionário, em poderoso homem de guerra, e tornou-se polígamo também. Alguns sugerem que para poder sustentar sua família e seus seguidores Maomé em Medina instituiu a guerra santa (o Jihad) contra os infiéis, com o saque dos despojos e prisioneiros: *...matai os idólatras onde quer que os encontreis e capturai-os e cercai-os e usai da emboscada contra eles... Quando, no campo de batalha, enfrentardes os que descrêem, golpeai-os no pescoço. Combatei os que não crêem no último dia e não proíbem o que Deus e Seu Mensageiro proibiram... Até que paguem, humilhados, o tributo* (Jyza*, uma taxa especial para os que não eram muçulmanos)... E combatei-os até que não haja mais idolatria e que a religião pertença exclusivamente a Deus...* (Sura 9:5; 47:4; 9:29; 8:39). Os muçulmanos entendem que estas batalhas surgiram em função do fato de que estavam sendo atacados, porém há discussão entre os intelectuais sobre se este era realmente o caso.

Baseado neste princípio, o Islã dividiu o mundo em duas partes: o Dhar-ul-Islam e o Dhar-ul-Harb, isto é, o território do Islã e o território de guerra! A guerra santa não apenas tinha o objetivo de. amealhar bens, mas também de conquistar os vencidos para o Islã. Hoje tal guerra já não se faz pela espada, mas pela aplicação de enormes somas de dinheiro dos países muçulmanos em países pobres, como forma de atraí-los ao Islã. A violência tem sido a característica, não da comunidade islâmica em geral, mas, sim, dos radicais.

Maomé morreu em 632 a.D., mas não sem antes tomar a cidade de Meca. Ele aproximou-se da cidade com dez mil guerreiros e o povo de Meca rendeu-se, sem resistência nenhuma. Maomé destruiu todos os ídolos, mas manteve como prática islâmica a peregrinação a Kaaba, em Meca, o que já era prática comum na Arábia, mesmo antes de o Islamismo ser implantado. Nos séculos seguintes, a nova fé espalhou-se, seja pela espada, seja por meio do comércio, por todo o Oriente Médio, Norte da África, parte da índia, Espanha, África Oriental e Ásia Central.

III - CAUSAS DA EXPANSÃO VITORIOSA DOS ÁRABES

Os historiadores apresentam as seguintes causas para a expansão árabe:

1) Causas Religiosas

Estudando as causas das conquistas árabes no século 7, temos de considerar o entusiasmo religioso dos muçulmanos que alcançava o grau supremo do fanatismo e da intolerância, e vê-se

nele uma das causas determinantes dos espantosos êxitos militares obtidos pelos árabes em sua luta contra a Pérsia e contra o Império Bizantino no século 7. Deduz-se que os árabes se tenham precipitado sobre as províncias asiáticas e africanas com a determinação de cumprir a vontade de seu profeta que lhes havia prescrito a conversão de todo o mundo à nova fé. Em resumo, costuma-se explicar em geral as vitórias árabes pelo entusiasmo religioso que preparava os muçulmanos fanáticos para encarar a morte com desprezo, fazendo-os assim invencíveis na ofensiva, mas também existe o lado da atração da pilhagem e das rapinas, o entusiasmo religioso dos muçulmanos contratados com um mundo profundamente dividido e etnicamente heterogêneo. É importante mencionar ainda que os chefes muçulmanos eram discípulos apaixonados de Maomé, oravam mais do que lutavam e, com o tempo, inspiraram aos seus adeptos um fanatismo que aceitava a morte numa guerra 'santa' como um 'abre-te sésamo' para o paraíso.

2) Causas Econômicas

A Arábia, reduzida em recursos naturais, não poderia satisfazer já às necessidades físicas de sua população e, então, sob a ameaça da miséria e da fome, os árabes viram-se na necessidade de fazer um esforço desesperado para libertar-se da ardente prisão do deserto. A isca do saque e da rapina constituiu, sem dúvida, um poderoso atrativo para as hordas beduí-nas. A promessa de uma rica presa incitou as tribos a se alistarem sob a bandeira do Califa. O êxodo triunfante da península recebeu um enorme estímulo bem depressa ao chegarem notícias das fabulosas riquezas encontradas na Síria e no Iraque.

3) Causas Militares

As tropas árabes eram mais rigorosamente disciplinadas e conduzidas com habilidades, estavam habituadas às agruras e eram recompensadas com os despojos. Podiam lutar com o estômago vazio e dependia da vitória a sua comida. Finalmente havia causas militares da invasão, à medida que os vitoriosos exércitos árabes cresciam com recrutas famintos ou ambiciosos, criava-se o problema de lhes fornecer novas terras e conquistar apenas para prover-lhes alimentos e soldos. Cada vitória exigia outra, até que as conquistas árabes - mais rápidas do que as romanas e mais duradouras do que as dos mongóis - resultaram no mais espantoso feito da história militar.

Além disso, o exército árabe era mais adaptado ao meio onde se movimentara para atacar o inimigo - o deserto vasto e uniforme. A cavalaria árabe soube tirar proveito do uso do camelo especialmente como eficiente meio de transporte a longas distâncias em relativamente pouco tempo. Camelo e deserto formavam um quadro harmônico em que o guerreiro árabe atuava com vantagem sobre o adversário.

4) Afinidade racial e cultural

Outro fato importante foi que os conquistadores árabes encontraram em algumas regiões populações de origem semítica. Na Palestina e na Síria, existiam numerosos habitantes de origem árabe. No Iraque, havia muito, processara-se uma infiltração de tribos árabes.

Assim, para as províncias conquistadas, os árabes não eram considerados bárbaros ou estrangeiros; por intermédio do comércio, essas populações sempre tiveram relações com os árabes.

5) Fraqueza dos adversários

O Império Bizantino possuía os seguintes pontos fracos: problemas religiosos, o descontentamento existente entre a população ortodoxa das províncias orientais em relação ao governo central por causa de certas concessões de compromissos outorgados aos monofisistas;

problemas socioeconômicos e impostos exagerados pesavam sobre a população revoltada, especialmente quando a população teve de arcar com as despesas da guerra com o Império Persa. Em relação aos problemas militares, o Império Bizantino estava profundamente enfraquecido em virtude da tremenda luta contra os persas. As tropas esgotadas não podiam opor uma resistência eficaz aos exércitos árabes constituídos por soldados bem dispostos à luta. Ainda havia outros fatores como as constantes invasões persas na Síria e Palestina; as fronteiras do Império Bizantino estavam desguarnecidas.

As lutas entre o Império Bizantino e o Império Persa haviam enfraquecido a ambos, os persas tinham sido derrotados pelo Império Bizantino; estavam desmobilizados, com sérios problemas econômicos e com profundas divisões na sociedade e na religião zoroastrista.

6) Tolerância muçulmana e benefícios econômicos

Os árabes eram extremamente tolerantes, exigiam apenas que admitissem a supremacia política do Islã, materializada, sobretudo no pagamento de impostos especiais, na interdição de qualquer proselitismo junto a muçulmanos e no caráter puramente árabe do exército.

Essa tolerância explica porque os judeus de Jerusalém receberam os árabes como verdadeiros libertadores (637 a.D.) e que os cristãos monofisistas de Alexandria tenham acolhido o maometano Omar (643 a..D.). Quando da última tentativa de Heráclito para conquistar a Síria, os cristãos colaboraram com os muçulmanos e, segundo o historiador Abd-Al-Hakam, as autoridades eclesiásticas do Egito, ordenaram aos coptas que não se opusessem aos árabes, por ódio pelas perseguições bizantinas, e o patriarca Ciro, representante da autoridade imperial, entendeu-se facilmente com os árabes.

Além do bom entendimento entre árabes e cristãos, encontramos aqui os benefícios econômicos que o jovem império árabe trouxe a essas regiões, com contato comercial em vários lugares da Síria à Índia, da Mesopotâmia até as ilhas distantes, tudo sob a administração árabe.

IV - CRENÇAS DO ISLAMISMO (IMAN)

A teologia islâmica é tão vasta quanto a teologia cristã e, assim como os cristãos possuem um credo resumido, os muçulmanos também o possuem:

4.1 - CRENÇA EM DEUS

Deus é chamado de Alá, é UNO *(wahed),* e não tem companheiros nem ninguém que lhe seja igual. Deus é totalmente diferente do homem. A essência da natureza de Deus no Islã é poder.

Os muçulmanos tiraram do Alcorão 99 nomes (ou adjetivos) para Deus. Eles normalmente usam rosários de 99 contas, para recitar todos os seus nomes. É interessante notar que, entre os 99 nomes ou adjetivos citados, não existem as palavras amor e pai.

4.2 - CRENÇA NOS PROFETAS

Maomé ou Mohammed ensina que existe um profeta para cada época, começando por Adão e terminando em Maomé. A tradição islâmica diz que existiram 120 mil profetas.

Para cada profeta foi dado um livro sagrado. Todos se perderam, exceto três: O da Lei (Torá), dado a Moisés; o dos Salmos *(Zabur),* dado a David; e os Evangelhos *(Injil),* dado a Jesus. Nesse esquema, Jesus era apenas mais um profeta. Maomé é considerado o Selo dos Profetas, o último e o maior deles.

4.3 - Crença nos Livros Sagrados

Segundo a crença islâmica, o Alcorão é o último livro sagrado dado ao homem. O Alcorão é eterno, escrito em placas de ouro ao lado do trono de Alá e recitado a Maomé pelo anjo Gabriel, de acordo com a necessidade.

O Alcorão confirma os livros anteriores, ou seja, os dados a Moisés, David e Jesus. Os muçulmanos acreditam que alguns versos mais antigos do Alcorão foram substituídos. Alguns especialistas afirmam que 225 versos foram suprimidos, o que é motivo de constrangimento para muitos adeptos do Islã.

4.4 - Crença nos Anjos

Deus criou todos os anjos. A maioria dos anjos é má e eles são chamados ginn (de onde cremos originar-se a palavra gênio). Miguel é considerado o anjo-patrono dos judeus. Gabriel é o anjo que trouxe o Alcorão.

Cada ser humano tem um anjo-ombro: um escrevendo suas boas obras, e outro as más. Satanás (Iblis ou Shitan) foi desobediente. Deus ordenou-lhe adorar Adão e ele se recusou. Este é mais um constrangimento para os muçulmanos, pois Satanás estava certo: somente Deus deve ser adorado.

4.5 - Crença no Dia do Juízo Final

A salvação é pelas obras. As obras de todas as pessoas serão pesadas numa balança. Se as boas superarem as más, tal pessoa irá para o paraíso. Os mártires irão todos para o paraíso.

O conceito de paraíso é bem sensual. Há lindas virgens de olhos negros para cada homem. Existem rios, árvores frutíferas e perfumes no paraíso.

O inferno é para os não-muçulmanos. É um lugar de fogo e tormento indescritível. A maioria dos muçulmanos aceita a idéia da existência do purgatório. O pecado imperdoável é associar algo ou alguém a Deus.

4.6 - Crenças nos Decretos de Deus

Deus (Alá) é absolutamente soberano. Deus não tem nenhuma obrigação moral, pois isto limitaria seu poder e soberania. Tudo o que acontece é porque Deus assim quis.

Deus decreta o destino de cada ser humano. Entende-se que isto acontece numa determinada noite do ano. Deus é o autor do mal.

V - Práticas do Islamismo (DIN)

O Islamismo é um modo de vida que envolve todos os aspectos da existência. Ele cobre os aspectos religiosos, político, social e cultural. Não existe a idéia que nós temos da separação entre a Igreja e o Estado, mas existe o que se chama de pilares do Islamismo. Em geral aceita-se que estes pilares são:

5.1 - Testemunho ou Confissão (SHAHADAH)

Eu testifico que não existe outro deus além de Deus, e que Mohammed é o mensageiro de Deus. Recitar isto, crendo no que você está dizendo, o faz um muçulmano.

Isto é recitado no ouvido do recém-nascido. É recitado no ouvido da pessoa que está morrendo. Mérito é acumulado cada vez que se recita essa confissão. Nas orações diárias, repete-se esta confissão mais de 30 vezes.

5.2 - Orações Formais (SALAT)

As orações rituais devem ser feitas cinco vezes por dia:

- Ao amanhecer, quando você pode ver um fio branco;

- Ao meio-dia;

- No meio da tarde;

- Ao pôr-do-sol;

- À noite, em algum momento antes de se deitar.

O Salat requer prostrar-se, tocando a testa no chão. Tem de ser feito sem nenhum erro, para que se alcance mérito. Você pode dizer outras vezes, para ganhar mais méritos. Existe outro tipo de oração que se chama *dua*.

5.3 - Dar Esmolas e Fazer Caridade (ZAKAT)

Existe uma escala proporcional para o dar.

2,5% das suas entradas financeiras

5% dos produtos agrícolas

10% de todos os bens importados

Isto pode ser dado aos pobres ou para causas religiosas, incluindo a Guerra Santa muçulmana (Jihad). Existe muita controvérsia sobre quem deve coletar estas ofertas.

5.4 - O Mês de Jejum (SAOUM)

É no mês lunar do Ramadan. O jejum tem uma duração de 29 a 30 dias. Jejua-se somente durante o dia. Não se deve comer nem beber desde o nascer até o pôr-do-sol. De noite até o amanhecer, pode-se comer tanto quanto desejado. 1/30 do Alcorão deve ser lido diariamente. Os viajantes, mulheres grávidas, mulheres durante o período menstrual, crianças e enfermos estão isentos.

5.5 - A Peregrinação (HAJJ)

A peregrinação é uma idéia pré-islâmica. O primeiro a mencionar a Ka'aba foi Diodorus Siculus, em 60 a.C.

É obrigatória a peregrinação a Meca, pelo menos uma vez na vida. Uma vez lá, é necessário cumprir as seguintes obrigações:

- Caminhar sete vezes ao redor da Ka'aba.

- Vestir roupas especiais para a ocasião.

- Apedrejar Satanás.

- Relembrar a busca de Hagar por água.

- Viver em tendas nas planícies de Arafat.

- Beijar ou tocar a pedra negra na parede da Ka'aba.

Os que não são muçulmanos estão proibidos de entrar nas áreas santas das cidades de Meca e Medina.

5.6 - A Guerra Santa (JIHAD)

A palavra árabe *jihad* significa lutar por Deus. Isto pode ser interpretado como guerra ou qualquer outra forma militar a favor de Deus, por exemplo, pregando, escrevendo, promovendo melhorias na área educacional etc. Alguns especialistas muçulmanos tentam dizer que este não é um dos pilares do Islamismo.

VI - A Formação do Alcorão - o Livro Sagrado Muçulmano

6.1 - O Conceito de Revelação de Maomé

Segundo o Islamismo, o Alcorão é eterno no céu. O Alcorão foi escrito em placas de ouro no céu. O anjo Gabriel se aproximou de Maomé e lhe disse: Recite! Então Maomé memorizou o que escutou deste ser angelical, e recitou de memória, tudo que escutou. Conforme ele recitava a seus companheiros, iam escrevendo tudo que escutavam.

As recitações contidas no Alcorão foram dadas conforme a necessidade das situações em que se encontrava Maomé. Aparentemente, Maomé foi a uma caverna aos pés do Monte Hira, perto de Meca, para buscar estas revelações, enrolando-se num manto, da mesma forma que os outros faziam para buscar estas experiências. As primeiras revelações podiam ser anuladas por revelações mais recentes.

O Alcorão confirma todas as escrituras anteriores, que são a Lei de Moisés, os Salmos de David e o Evangelho de Jesus. Estes livros foram dados a estas pessoas da mesma forma que o Alcorão foi dado a Maomé. Como o Alcorão veio por último, já não se faz necessário estudar os livros anteriores. Segundo o Islã, o Alcorão é todo-suficiente. Nunca mais haverá outro profeta ou livro sagrado. O Alcorão é a revelação final.

6.2 - Como Se Formou o Alcorão Após a Morte de Maomé?

Não tinha sido escrito de uma forma sistemática. Os primeiros adeptos do Islã memorizaram o Alcorão. Abu Bakr, a conselho de Ornar, decidiu fazer uma coleção das revelações. Deve-se observar que por volta do ano 11 da Hégira havia morrido em combate grande número de adeptos do Profeta que sabiam de cor os textos corânicos. Zaid ben Tsabit, que fora um dos escribas de Maomé, recebeu a incumbência de reunir tudo que havia sido escrito sobre os diferentes temas de revelação e também tudo que os companheiros do Profeta haviam retido na memória. Essa primeira compilação dos textos corânicos, embora não possuísse autoridade oficial, iria desempenhar papel relevante por ocasião da elaboração de uma nova compilação sob o califado de Otmã. Deve-se observar que a redação feita por Zaid não foi a única: outros companheiros de Maomé promoveram também compilações particulares que apresentavam divergências entre si e provocaram naturalmente divisões doutrinárias entre os crentes. Compreende-se assim a decisão de Otmã no sentido de mandar fazer uma redação oficial do livro santo. O califa apelou para o auxílio de Zaid cuja compilação serviu de base para o estabelecimento do novo texto. A nova versão foi então imposta oficialmente pelo califa: enviaram-se cópias às principais cidades com ordem de destruição das demais coleções. Compreende-se que essa imposição oficial tenha despertado reações por parte

de muitos muçulmanos ("História do Mundo Árabe", Mário Curtis Giordani, Ed. Vozes 1975, p. 330).

6.3 - Outras Fontes de Autoridade Além do Alcorão

A tradição de Maomé foi primeiramente seguida por seus companheiros mais próximos e depois por seus sucessores, era chamada de Tradição Viva ou Sunnah. A Sunnah existia à parte do Alcorão e abarca tudo o que Maomé disse e fez. Eventualmente a Tradição Viva foi escrita e classificada em volumes chamados Hadith ou Traduções Escritas.

A Lei Islâmica (Sharia) é baseada principalmente em duas fontes: O Alcorão e o Hadith.

VII - Rejeição à Teologia Cristã

Essa nova religião pretendia ser a verdadeira depositária da mensagem do Deus único, Alá, que foi entregue a judeus e cristãos, mas da qual eles tinham se afastado. Ela declara acreditar na Bíblia (Taurat = Lei, Zabur = Salmos, Injil = Evangelho), alegando que os textos existentes foram adulterados, apesar de não possuírem nenhum tipo de prova disso. Variação de manuscritos das Escrituras ou erros de tradução são maximizados pelos polêmicos muçulmanos, e uma interpretação literal é feita de passagens de linguagem figurada, como forma de justificar a reivindicação de que a Bíblia está corrompida.

Maomé considerou os ensinos do Novo Testamento sobre Jesus, o Filho de Deus na Trindade, e Sua morte substitutiva na cruz, como uma blasfêmia total. Obviamente ele presumiu que isso não era bíblico, mas, sim, um excesso, uma heresia: *...E os cristãos dizem: 'O Messias é o filho de Deus'. Essas são suas asserções. Erram como erravam os descrentes antes deles. Que Deus os combata* (Sura 9:30). São palavras fortes, mas cada muçulmano sente realmente assim acerca da fé cristã.

Os muçulmanos crêem que a Bíblia não é o texto original da Lei, dos Salmos e do Evangelho. Eles sustentam que judeus e cristãos corromperam e mudaram o original, acrescentando os ensinos sobre a divindade de Jesus e sua filiação divina, o conceito de Trindade, a crucificação e a doutrina de expiação. A maior parte da literatura muçulmana contra o Cristianismo ataca violentamente os alicerces da nossa fé.

Será que devemos evitar falar sobre estas questões? Ou devemos tentar esclarecê-las? Se evitarmos falar sobre suas acusações, eles chegarão à conclusão de que os cristãos não têm nenhuma resposta às afirmações muçulmanas; por isso é necessário esclarecer exatamente o que cremos e por que cremos. A *Bíblia apresenta uma maneira maravilhosa de fazer isso: Antes santificai ao Senhor Deus em vossos corações; e estai sempre preparados para responder com mansidão e temor, a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós* (1 Pe 3.15).

7.1 - Vamos Aprender Algumas Lições Importantes:

1. O que quer que falemos, qualquer que seja nosso comportamento, façamos tudo na presença de Cristo e sob seu senhorio!

2. Estamos preparados! Não debatemos pontos que não conhecemos. Nós nos informamos de antemão e respondemos inteligentemente, de modo sábio e convencedor. O estudo deste material é muito útil neste aspecto.

3. Respondemos a perguntas reais! Freqüentemente, ao compartilhar o Evangelho com muçulmanos, cristãos respondem às perguntas que pensam que eles têm. Tais perguntas são inúteis para os muçulmanos, porque eles pensam e raciocinam de maneira bem diferente.

4. Ao falarmos com muçulmanos, não nos aproximamos deles como cruzados, guerreiros, mas como testemunhas! Não lutamos com eles nem os intimidamos! O amor de Cristo nos guia. Não os forçamos, mas compartilhamos com eles, esclarecendo ponto por ponto o que os muçulmanos precisam conhecer e entender.

5. As informações aqui constantes sobre o Islã não são armas contra eles! São ferramentas para ajudar a entender o que é o Islã na sua essência. São úteis para ajudar ao leitor, com mansidão e bondade, a demonstrar a um muçulmano a diferença que há entre uma vida segura do favor divino recebido através da morte de Cristo e da incerteza de alguém que não conhece o Senhor.

VIII - COMO RESPONDER ÀS OBJEÇÕES MUÇULMANAS

Considerando que a Bíblia contradiz o Alcorão, e vice-versa, não podem os livros se originar da mesma fonte, a não ser que um deles ou ambos tenham sido e mudados manipulados pelo homem.

É, portanto, nossa tarefa sentar-nos com os muçulmanos a fim de estabelecermos, juntos, a verdade. Não adianta querer insistir em estarmos certos porque a Bíblia é verdadeira, enquanto o muçulmano insiste em que o Alcorão foi inspirado e é verdadeiro. Por que cremos que a Bíblia é verdadeira? Por que o muçulmano crê que o Alcorão é verdadeiro? Vamos primeiro ver os argumentos islâmicos:

a) A Bíblia foi mudada e corrompida!

As nossas respostas, em contraperguntas, são estas:

1. Por que alguém mudaria a Bíblia, se nela está escrito que aqueles que acrescentam ou tiram dela alguma coisa sofrerão castigo eterno (Ap 22.18-19)?

2. Se alguém tivesse mudado a Bíblia, todos os outros que tivessem conhecimento dessa mudança se oporiam a isso. Nenhum homem pode mudar todas as Bíblias existentes ou partes dela.

3. O Alcorão afirma, em termos bem certos, que o Taurat, o Zabur e o Injil foram dados por Alá!

4. O Alcorão também afirma que ninguém consegue mudar as palavras de Alá (Sura 6:34). Se então o Taurat, o Zabur e o Injil são palavras de Alá, como alguém poderia conseguir mudá-las?

5. Quando foi a Bíblia mudada? Não poderia ser depois de Maomé, pois todos os manuscritos bíblicos são datados de antes dele. Não poderia ser antes, pois o Alcorão teria então acusado os cristãos ou os judeus por terem feito isso.

6. Quem mudou a Bíblia?

7. Como é que alguém pode crer que a Bíblia foi mudada, se não receber respostas satisfatórias a pelo menos algumas de nossas perguntas?

É possível que os muçulmanos digam que o Evangelho original é o Evangelho de Barnabé. Tal evangelho é forjado, datado do século 14, o que pode ser provado sem dificuldades.

Os muçulmanos também podem argumentar que - conforme o Alcorão - o Evangelho foi dado a Jesus, (neste caso pensam que o Evangelho é um livro revelado a Jesus), mas que os nossos evangelhos foram escritos por Mateus, Marcos, Lucas e João, por isso não podem ser originais. A Jesus, porém, nunca nenhum evangelho foi dado! Ele é o ponto central das Boas-Novas do Evangelho! Ele é o Evangelho, e não um livro que lhe foi dado. Ele é o Evangelho das boas-novas através do que Deus se revelou aos homens. Muçulmanos especialistas neste assunto aparecem com vários argumentos, questionando o texto bíblico; produzem literatura sobre isso.

b) Jesus não é o Filho de Deus, nem é divino

Devemos dizer que a crítica islâmica deste ensino bíblico fundamental é extremamente fraca. O Alcorão ataca a Trindade: adeptos do Livro, não vos excedais em vossa religião, e não digais de Deus senão a verdade. O Messias, Jesus, o filho de Maria, nada mais era do que o Mensageiro de Deus e Sua palavra um sopro de Seu espírito que Ele fez descer sobre Maria. Acreditai, pois, em Deus e em Seus Mensageiros e não digais: 'Trindade'. Abstende-vos disso. É melhor para vós. Deus é um Deus único. Glorificado seja! Teria um filho? Como! A Ele pertence tudo o que está nos céus e tudo o que está na terra. Basta-vos Deus por defensor (Sura 4:171).

São descrentes aqueles que dizem que Deus é o Messias, o filho de Maria, quando o próprio Messias declarou: filhos de Israel, adorai a Deus, meu Senhor e vosso Senhor'. Em verdade, quem atribuir associados a Deus, Deus lhe proibirá o Paraíso e lhe dará o Fogo por morada. Os iníquos não têm aliados. São descrentes aqueles que dizem que Deus é o terceiro de três (...) (Sura 5:72-73).

Por que Deus teria tomado a Si um filho? Exaltado seja! Quando decreta algo, basta-lhe dizer: 'Sê!' para que seja (Sura 19:35).

Podemos ver claramente o entendimento estranho que Maomé tinha da Trindade. Para ele, era constituída por Alá, Maria e Jesus, e está implícito que Cristo nasceu de uma relação física entre Alá e Maria. Não admire que Maomé rejeitou esta idéia. Nós também a rejeitamos!

É interessante, contudo, que na Sura 19 está implícito claramente que Alá é quem deu origem à gravidez de Maria, assim confirmando o papel de Deus como pai, embora diferente de uma cópula física.

QUE É TRINDADE?

O que queremos dizer quando falamos sobre nosso Deus trino? Este conceito é tão impossível de analisar ou imaginar quanto o do próprio Deus. Tudo que sabemos de Deus percebemos através das coisas que Ele fez e está fazendo e também pelo que Ele revelou sobre si mesmo nas Escrituras. Além disso, Deus revelou-se a si mesmo em Jesus Cristo: *...quem me vê a mim vê o Pai...* (João 14.9); *Eu e o Pai somos um* (João 10.30).

A filiação divina de Jesus e a Trindade de Deus são mais que ensinadas explicitamente, verdades implícitas nas Escrituras: Jr 23.5-6; Jr 33.15-16; Is 7.14; Is 9.6; 63.7-10 (a palavra salvador é tradução verbal do hebraico Jeshua, ou seja, Jesus!). A tradução verbal de Dt 6.4 também comprova isso. O texto diz: *...o Senhor, nosso Deus, é um* (numa unidade plural). O próprio nome de Deus (Elohim) é uma forma plural, sublinhando a Trindade. Também nos Salmos 2.1-7 e 110.1 encontramos referências ao Filho de Deus. O Novo Testamento nada acrescenta à essência desses ensinos do AT, mas confirma estas afirmações acerca do Filho e da Trindade em passagens como (Mt 28.19; 2 Co 13.14) etc.

Deus é demasiadamente grande e diferente de nós para que O possamos compreender. Deveríamos, porém, crer no que Ele diz sobre si mesmo.

O ALCORÃO ATACA A DIVINDADE DE CRISTO

Devemos notar a alta consideração que o Senhor Jesus recebe no Alcorão:

Ele nasceu de uma virgem (Sura 19:20)

Ele era santo e perfeito (Sura 19:19)

Ele é o Messias (Sura 4:171)

Ele é a Palavra de Deus (!) (Sura 4:l71)

Ele é um espírito vindo de Deus (Sura 4:171)

Ele criou vida (Sura 5:110)

Ele curou os doentes (Sura 5:110)

Ele ressuscitou os mortos (Sura 5:110)

Ele veio com sinais claros (Sura 43:63)

Ele é um sinal para toda a humanidade (Sura 19:21; 21:91)

Ele é ilustre neste mundo e no além (Sura 3:45)

Ele foi levado ao Céu (onde continua a estar) (Sura 4:158)

Ele voltará para o julgamento (Sura 43:63)

Estas são 13 afirmações sobre Jesus Cristo. Poderíamos imaginar algum homem que jamais tenha vivido, exceto talvez Elias, que poderia verdadeiramente reivindicar para si mesmo pelo menos três destas qualidades? Somente a evidência destas afirmações faz de Jesus mais do que um profeta. Estas 13 qualidades obviamente dão a Ele uma posição divina.

Como já vimos, tanto o Alcorão como os muçulmanos rejeitam a divindade de Jesus completamente, mas a Bíblia proclama isso sem a mínima dúvida e com toda a evidência necessária. Vale a pena fazer um estudo disso: Jo 14.6; Cl 1.15-20; 1 Jo 5.20; Jo 10.25-33; Mt 26.63-64; Tt 2.11; Lc 7.48-50; Dn 7.13-14; Fp 2.5-6; Mt 14.32-33; At 20.27-28; Jo 1.10-12; Jo 5.21-27; Jo 20.26-29; Hb 1.1-4; 2 Co 4.4; Rm 9.4-5.

Baseados nestes textos bíblicos, tente responder às perguntas seguintes:

1. O que de fato expressa o título filho de Deus? Quais são os poderes que este título tem?

2. Quando foi que Jesus começou a ser o Filho de Deus?

3. O título Filho de Deus realmente significa que Jesus é Deus?

4. Que significa afirmar que Jesus é a imagem de Deus? Não é somente o Novo Testamento que ensina que Jesus é o Filho de Deus; mesmo o Antigo Testamento afirma isso claramente, profetizando sobre o Messias que viria: *Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e será o seu nome EMANUEL (Deus conosco)* (Isaías 7.14).

Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre seus ombros e se chamará o seu nome: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz (Isaías 9.6).

O Senhor Jesus tem as naturezas divina e humana em si mesmo. A sua aparência era totalmente humana. Ele tinha de comer, beber, dormir; sentiu dores, tristeza e mostrou alegria. Ele também sentiu a necessidade de orar, mas foi a sua divindade que o capacitou a alimentar cinco mil pessoas com cinco pães e dois peixes, a curar os leprosos, os aleijados, os paralíticos e os cegos, a ressuscitar os mortos, a acalmar a tempestade, a perdoar pecados, a andar sobre as águas e a ressuscitar dentre os mortos.

c) O Islã rejeita a crucificação de Jesus e a sua expiação

Talvez a resistência mais forte do Islã seja contra a crucificação e morte do nosso Senhor: E por terem dito: Matamos o Messias, Jesus, o filho de Maria, o Mensageiro de Deus', quando, na realidade, não o mataram nem o crucificaram: imaginaram apenas tê-lo feito. E aqueles que

disputam sobre ele estão na dúvida acerca de sua morte, pois não possuem conhecimento certo, mas apenas conjecturas. Certamente, não o mataram (Sura 4:157).

O Messias, o filho de Maria, nada mais é do que um Mensageiro, (...) Adorareis, em vez de Deus, quem não vos pode nem prejudicar nem beneficiar? (Sura 5:72).

Em muitos livros, panfletos, folhetos, cassetes e vídeos islâmicos, (alguns deles antigos e outros recentes) esta afirmação é fortalecida aparentemente como se fosse com base nas Escrituras. Alguns muçulmanos dizem que Jesus foi pregado na cruz, mas que não morreu lá. Então realmente não foi crucificado. Ele desmaiou, foi tirado naquele estado e recuperou-se no túmulo com a ajuda das mulheres. Outros dizem que Judas foi confundido com Jesus e crucificado. A palavra crucificar tem origem nas palavras latinas de *cruz* = cruz e *ficere* = fixar. Afirmam que crucificar significa, então, fixar alguém numa cruz; não necessariamente a morte da pessoa na cruz; contudo, toda essa argumentação não faz sentido.

A cruz de Jesus sempre foi um escândalo, uma ofensa: Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos, mas, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus (1 Co 1.22-24).

Em Gálatas 5.11, lemos sobre o escândalo (ofensa) da cruz. O que é tão ofensivo na cruz?

O sacrifício de Jesus Cristo na cruz mostra que o homem é completamente incapaz de ir ao Céu, à presença de Deus, pela sua própria bondade e força. Jesus deixou isso claro, quando disse: *...sem mim, nada podeis fazer* (Jo 15.5). Paulo confessa: sei que em mim não habita bem algum.

O homem precisava e precisa de Jesus, que se tornou o nosso sacrifício, que morreu em nosso lugar para abrir o caminho ao Céu. O orgulho do homem faz que ele se rebele contra a sentença de Deus. Ele se ofende porque Deus não aceita seus esforços pessoais!

d) Expiação

Em Hebreus 9.22, lemos: *...sem derramamento de sangue, não há remissão. Isto, naturalmente,* refere-se ao sangue de sacrifícios. O Antigo Testamento ensina isso em toda a parte: *... é o sangue que fará expiação...* (Lv 17.11). Expiação significa reconciliação; é a restauração de uma relação quebrada.

Negar o sacrifício de Jesus na cruz, ou fazê-lo parecer desnecessário, é uma forma de invalidar a única maneira de o homem ser salvo, segundo a Bíblia, e isto é exatamente o que o Alcorão faz ao negar a crucificação de Jesus (Sura 4:157).

Como este é um ponto crucial, devemos utilizar algum tempo para estabelecer a verdade sobre a crucificação e a morte do Senhor Jesus Cristo:

1. Quase um terço dos Evangelhos trata da última semana de vida de Jesus e da sua morte!
2. O sacrifício de Jesus é a conclusão lógica dos ensinamentos do Antigo Testamento.
3. O Antigo Testamento profetizou a morte de Cristo na cruz com detalhes enormes.
4. Temos a narrativa de testemunhas oculares. Que sentido faria para eles inventar tal história?
5. Cristo predisse a sua morte várias vezes.
6. Existe evidência histórica aceitável da crucificação e da morte de Jesus.

IX - EVIDÊNCIAS DA VERDADE

Vamos ver em mais detalhes alguns destes aspectos acima mencionados:

a) Relatórios de Testemunhas Oculares

Paulo refere-se a muitas testemunhas oculares para comprovar a ressurreição: Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, ...e que foi visto... uma vez, por mais de quinhentos irmãos, dos quais vive, ainda, a maior parte... (1 Co 15.3-6).

O que o apóstolo Paulo parece estar afirmando é: se vocês não acreditam no que eu estou dizendo, tomem um barco de Corinto para Jope, vão a Jerusalém e perguntem a eles mesmos!

Pedro dá a evidência de testemunhas oculares: Somente imagine o que teria acontecido no fim da pregação de Pedro no dia de Pentecostes, se não tivesse falado a verdade! *A Jesus, nazareno, homem aprovado por Deus entre vós, com maravilhas, prodígios e sinais... como vós mesmos bem sabeis; a este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, prendestes, crucificastes e matastes pelas mãos dos injustos* (At 2.22-23).

Lembrem-se de que isso foi somente sete semanas depois da crucificação! Se não fosse verdade, os ouvintes teriam dito: Querido Simão Pedro, você deve estar sonhando! Quem foi crucificado e morto?

Quando o Evangelho começou a espalhar-se, o povo de Jerusalém teria feito objeções à crucificação, em voz alta, se fosse mentira.

Os judeus admitem a crucificação de Jesus (pois eles estavam lá!), mas negam que Ele era o Messias. Muçulmanos admitem que Jesus era o Messias, mas negam que Ele foi crucificado; porém eles não estavam lá, e as afirmações deles foram feitas 600 anos depois do próprio acontecimento.

b) Historiadores Confirmam a Crucificação

O bem conhecido historiador do primeiro século, Tácito, registrou que o nome cristão vem a eles de Cristo, que foi executado no reino de Tibério, pelo procurador Pôncio Pilatos. Tácito era um crítico bem agudo da fé cristã.

O (quase) contemporâneo historiador judeu, Flávio Josefo, escreveu: Nesse mesmo tempo apareceu Jesus, que era um homem sábio, se, todavia, devemos considerá-lo simplesmente como um homem, tanto suas obras eram admiráveis. Ele ensinava os que tinham prazer em ser instruídos na verdade e foi seguido não somente por muitos judeus, mas mesmo por muitos gentios. Era o Cristo. Os mais ilustres da nossa nação acusaram-no perante Pilatos, e ele fê-lo crucificar. Os que o haviam amado durante a vida não o abandonaram depois da morte. Ele lhes apareceu ressuscitado e vivo no terceiro dia, como os santos profetas o tinham predito e que ele faria muitos outros milagres. Ê dele que os cristãos, que vemos ainda hoje, tiraram seu nome ("Antigüidades Judaicas", Livro Décimo Oitavo, Flávio Josefo, parágrafo 772).

c) O Cumprimento das Profecias Sobre Jesus no Antigo Testamento É Evidência Abundante da Veracidade da Bíblia

Temos visto, ainda que rapidamente, o que os profetas divinos predisseram. Jesus, o Messias, veio a este mundo segundo as Escrituras, ou seja, como as Escrituras (o Antigo Testamento) haviam predito:

a) Ele nasceu 483 anos depois do decreto para edificar Jerusalém, após a destruição por Nabudonosor, Dn 9.24-26 (ano 445 a.C);

b) Ele nasceria em Belém (Mq 5.2): cumprido em Lc 2.4ss;

c) Nascido de uma virgem (Is 7.14): cumprido em Mt 1.18ss;

d) Seria o próprio Deus (o que não significava que Deus também não estaria em todos os outros lugares!) (Is 7.14; 9.6): cumprido em Mt 1.18ss;

e) Seu nome seria Salvador (= Jesus) (Is 49.1-8; 63.8): cumprido em Mt 1.21;

f) Ele viria para salvar e curar (Is 35.4-5): cumprido em Mt 1.21; Lc 19.10;

g) Jesus entraria em Jerusalém montado num jumento (Zc 9.9): cumprido em Mt 21.1-11;

h) Seria traído por um amigo (Sl 41.9): cumprido em Mt 27.3-8;

i) Seria vendido por 30 moedas de prata (Zc 11.12s): cumprido em Mt 26.15;

j) Seria julgado e executado, mas não por males que houvesse feito! Ele morreria em favor de outros (Is 50.6; 53.1-12): cumprido em Jo 18.28-40;

1) As suas mãos e pés seriam traspassados (Sl 22.1, 7-17): cumprido conf. Jo 20.27;

m) Os seus vestidos seriam divididos, e sortes seriam lançadas sobre a sua túnica (Sl 22.18): cumprido em Jo 18.23-24;

n) O Santo não veria corrupção (Sl 16.10): cumprido em Lc 24.1-11;

o) Seria elevado ao Céu para se sentar à mão direita de Deus (Sl 110.1): cumprido em Mt 26.64; Hb 1.13;

p) Ele voltará, e todos os habitantes de Jerusalém olharão para aquele a quem traspassaram (Zc 12.10).

Estas profecias foram entregues entre os anos 1500 a 100 a.C. Todas descrevem em detalhes admiráveis algo impossível de prever, mas que se cumpriu em todos os detalhes.

Alguém precisa esperar ainda mais evidências quanto à veracidade da vida, morte e ressurreição de Jesus? O próprio Deus inspirou os profetas antigos para que, depois de as profecias serem cumpridas, nós pudéssemos saber que tudo isso era verdadeiro e ordenado por Deus. Por causa destes sinais divinos podemos perfeitamente contar com a veracidade da Bíblia.

ANALISANDO ALGUNS VERSÍCULOS:

Há alguns versículos secundários e menos específicos que os muçulmanos declaram ser profecias relacionadas a Maomé. Entretanto, os versículos que a maioria dos muçulmanos cita como os mais explicativos são Deuteronômio 18.15-18 e João 14.16; 15.26 e 16.7.

Em Deuteronômio 18. 15-18 lemos: O Senhor teu Deus te levantará um profeta como eu, do meio de ti, de teus irmãos. A ele ouvireis. Conforme a tudo o que pediste ao Senhor teu Deus em Horebe, no dia da assembléia, dizendo: Não ouvirei mais a voz do Senhor teu Deus, nem mais verei este grande fogo, para que não morra. Então o Senhor me disse: Falaram bem naquilo que disseram. Eu lhes suscitarei um profeta no meio de seus irmãos, como tu; e porei as minhas palavras na sua boca, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar.

Estes versículos são tidos universalmente pelos muçulmanos como uma profecia relativa a Maomé.[1] Há várias razões porque acreditam que essa passagem não pode ser uma referência a Jesus. Primeira, o Profeta Prometido deveria ser um Profeta Legislador. Jesus não apresentou nenhuma declaração referente a uma nova lei. Segunda, o Profeta Prometido seria suscitado não dentre Israel, mas dentre seus irmãos e Jesus era um israelita. Terceira, a profecia diz: *...porei as minhas palavras na sua boca...* mas os evangelhos não consistem de palavra que Deus pôs na boca de Jesus, eles apenas nos contam a história de Jesus e o que Ele disse em alguns de seus discursos públicos e o que os seus discípulos disseram ou fizeram em ocasiões diferentes. Quarta, o

Prometido deveria ser um profeta. O ponto de vista cristão é que Jesus não era um profeta, mas o Filho de Deus.[2] Nesse sentido o muçulmano salientará semelhanças entre Maomé e Moisés. Cada um deles surgiu dentre idólatras. Ambos são legisladores. Inicialmente foram rejeitados pelo seu povo e tiveram de se exilar. Retornaram posteriormente para liderar suas nações. Ambos casaram e tiveram filhos. Após a morte de cada um, os seus sucessores conquistaram a Palestina.

A conclusão muçulmana é que esta profecia foi cumprida somente por Maomé: se estas palavras não se aplicam a Maomé, elas ainda permanecem sem cumprimento. [3]

Antes de prosseguir, analisaremos primeiramente estes pontos. A primeira objeção levantada contra esta profecia ter sido cumprida em Jesus foi a de que Jesus não foi um legislador. Os muçulmanos que afirmam isso demonstram apenas falta de compreensão do Novo Testamento. Vejamos o Evangelho de João 13.34 e a Epístola aos Gálatas 6.2: *Novo Mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo.*

A próxima objeção foi que irmãos devem se referir aos ismaelitas, não aos próprios israelistas. Este argumento pode ser refutado facilmente. Basta verificar como o termo irmãos é usado na Bíblia. Um exemplo irrefutável encontra-se no próprio livro de Deuteronômio 17.15. Moisés instrui os israelitas: *Porás certamente sobre ti como rei aquele que escolher o Senhor teu Deus, dentre teus irmãos porás reis sobre ti. Não poderás pôr homem estranho sobre ti, que não seja de teus irmãos.* Ora, alguma vez Israel estabeleceu algum estrangeiro como rei? É claro que não! Escolher um rei entre os teus irmãos refere-se a escolher alguém de uma das 12 tribos de Israel. Da mesma forma, o Profeta Prometido de quem se fala no livro de Deuteronômio 18 deveria ser um israelita.

Outra objeção à passagem de Deuteronômio 18.15-18 é que supostamente os evangelhos não consistem das palavras que Deus deu a Jesus, extremamente importante à luz do versículo 18. Entretanto, dizer que Jesus não fala de Deus Pai, revela novamente falta de conhecimento do Novo Testamento: *Porque eu não tenho falado de mim mesmo; mas o Pai, que me enviou, ele me deu mandamento sobre o que hei de falar. E sei que o seu mandamento é a vida eterna. Portanto, o que eu falo, falo-o como o Pai mo tem dito* (Jo 12.49-50).[4]

Percebemos outra vez que os muçulmanos têm pouca familiaridade com o Novo Testamento. O próprio Jesus, profetizando sua morte iminente, disse que deveria continuar sua jornada até Jerusalém: *Importa, porém, caminhar hoje, amanhã, e no dia seguinte: para que não suceda que morra um profeta fora de Jerusalém* (Lc 13.33).[5]

O muçulmano salientará que as muitas semelhanças entre Moisés e Maomé ainda não foram explicadas. É verdade que existem muitas analogias, mas também muitas diferenças. Por exemplo, se Maomé era analfabeto como a maioria dos muçulmanos afirma, então ele não era como Moisés que *foi instruído em toda a ciência dos egípcios...* (Atos 7.22). Diz-se que Maomé recebeu suas revelações de um anjo. Moisés, porém, recebeu a Lei diretamente de Deus. Maomé não operou nem sinais nem milagres para corroborar o seu chamado. Moisés, entretanto, executou muitos sinais. Maomé era árabe, Moisés, era israelita. Analisando os evangelhos, percebemos que Jesus era diferente de Moisés em alguns aspectos, em outros, muito parecido. Ambos eram israelitas, o que é muito importante à luz do que aprendemos sobre a expressão "entre os teus irmãos". Ambos deixaram o Egito para ministrar a seu povo (Mt 2.15; Hb 11.27). Ambos renunciaram a grandes riquezas a fim de melhor se identificar com seu povo (Jo 6.15; 2 Co 8.9; Hb 11.24-26).

Dessa maneira, percebemos que tanto Jesus como Maomé tiveram semelhanças com Moisés. Em que sentido então este Profeta Prometido seria semelhante a Moisés? A resposta encontra-se em Deuteronômio 34.10-12, porquanto duas características peculiares de Moisés são mencionadas: *Nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, a quem o Senhor conhecera face a face; Nem semelhante em todos os sinais e maravilhas, que o Senhor o enviou para fazer na terra*

do Egito, a Faraó, e a todos os seus servos e a toda a sua terra. E em toda a mão forte, e em todo o grande espanto, que praticou Moisés aos olhos de todo o Israel.

Esta é uma referência direta a Deuteronômio 18.15-18. Referindo-se à profecia anterior, duas características de Moisés são mencionadas aqui: a primeira é que o Senhor conhecia Moisés *face a face.*[6] Maomé nunca teve esse tipo de relacionamento com Deus. Deus é tão transcendente no Islamismo que, exceto no caso de Moisés, nunca falou diretamente com o homem. Jesus, o verbo feito carne (Jo 1.14), é o único que teve relacionamento com Deus, assim como Moisés. De fato, o relacionamento de Jesus ultrapassa em muito o de Moisés: *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus* (Jo 1.1).

Pouco é preciso falar sobre a segunda característica de Moisés. Os muitos milagres que tanto Jesus como Moisés operaram são bem conhecidos. O próprio Alcorão testifica que Maomé não operou milagres,[7] mas que Jesus operou milagres.[8]

Finalmente, Jesus diz-nos quem é o Profeta Prometido que Deuteronômio 18.15-18 profetiza: *Porque se crêsseis em Moisés, creríeis também em mim, porque de mim escreveu ele* (Jo 5.46).[9]

Evangelho de João 14.16; 15.26; 16.7

Os muçulmanos afirmam que os versículos que falam do Consolador vindouro (Paracletos no original grego) são, na verdade, referências à vinda de Maomé, a razão para isto é que o Alcorão faz Jesus dizer que após Ele seria enviado um apóstolo, cujo nome será Ahmad (Alcorão 61.6). O que segue é o comentário de Yusuf Ali sobre este versículo: *Ahmad ou Muhammad o Louvado, é quase uma tradução da palavra grega* Periclytos. *No atual evangelho de João, XVI. 16 XV 26 e XVI. 7, a palavra Confortador na versão inglesa é para a palavra grega* Paracletos *que significa Advogado, aquele chamado para ajudar um outro, um amigo, bondoso, mais do que Confortador. Nossos doutores sustentam que* Paracletos *é uma leitura corrompida de* Periclytos, *e que em seu* (sic) *discurso original de Jesus havia uma profecia de nosso santo profeta Ahmad pelo nome.*[10] Assim, os muçulmanos acreditam que todas as nossas Bíblias foram corrompidas e que João realmente usou a palavra Periclytos nesses versículos, e não a palavra Paracletos.

Ao examinar a afirmação muçulmana de que o texto foi corrompido, a crítica textual deveria muito corretamente olhar para a verdadeira evidência textual. Há mais de 24 mil cópias manuscritas do Novo Testamento que datam antes de 350 a.D.[11] Não existe um sequer dos manuscritos que contenha essas passagens e possamos encontrar a palavra *periclytos* usada. A palavra que achamos utilizada todas as vezes é *paracletos.* Assim absolutamente não há evidência textual que possa apoiar sua alegação de que o texto tenha sido corrompido. A posição muçulmana é ainda mais lamentável quando lemos cuidadosamente estes versículos para vermos o que Jesus estava dizendo. Há muita coisa que poderia ser dita a respeito de cada versículo; entretanto, limitaremos nosso exame às discrepâncias óbvias entre a posição islâmica e o que realmente está sendo dito: *Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro* ***Consolador,***[12] *para que fique convosco para sempre* (Jo 14.16). Primeiramente, Jesus disse que o Pai vos dará outro Consolador. A quem Jesus estava se dirigindo nesses versículos? Aos árabes, ou mais especificamente, aos ismaelitas? É claro que não. Ele está falando aos crentes judeus. Por conseguinte, o Consolador deveria ser enviado inicialmente a eles. E isto não pode referir-se a Maomé.

Segundo este versículo afirma que o *Paracletos,* o Consolador: *esteja convosco para sempre.* Como isto pode aplicar-se a Maomé? O profeta muçulmano morreu e foi enterrado há mais de 1.300 anos.

No capítulo 14 e versículo 17 do Evangelho de João diz: o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece. Mas vós o conheceis, pois habita convosco, e estará em vós. Aqui, o Espírito da verdade é usado com um outro título ou sinônimo para Paracleto.

Vemos a partir deste versículo que o Paracleto estaria em vós. Outra vez, é impossível reconciliar esta declaração com a posição islâmica.

A declaração do Senhor Jesus no Evangelho de João 14.26 desmonta completamente a hipótese islâmica de que Maomé era verdadeiramente aquele profetizado nos versículos que tratam do Consolador (ou Paracleto): Mas o Consolador, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito. Jesus disse que o Consolador é o Espírito Santo. Esta é a razão pela qual todos os apologistas muçulmanos deixam este versículo de fora, citando somente os versículos que lhes agradam.

O Consolador foi dado aos discípulos de Jesus. Ele vos dará, e Maomé não foi seu discípulo. Jesus disse que os discípulos conheciam o Consolador: Vós o conheceis, e eles não conheciam Maomé, que não nasceu senão seis séculos depois. Jesus disse que o Consolador seria enviado em seu nome (em nome de Jesus). Mas nenhum muçulmano crê que Maomé tenha sido enviado por Jesus, em seu nome. Jesus disse que o Consolador não falaria de si mesmo (Jo 16.30-31), ao passo que Maomé constantemente testifica de si mesmo no Alcorão.[13] A Bíblia diz claramente que o Consolador iria glorificar a Jesus (Jo 16.14), e Maomé declara substituir Jesus, na condição de profeta posterior.

O Senhor Jesus ordenou a seus discípulos em Atos 1.4-5: E, estando com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, que (disse ele) de mim ouvistes. Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com Espírito Santo, não muito depois destes dias. Estes versículos aplicam-se realmente a Maomé, que surgiu 600 anos depois em Meca? A luz do texto bíblico, a interpretação islâmica é impossível. O cumprimento das palavras do Senhor Jesus ocorreu dez dias depois, no dia de Pentecostes (Atos 2.1-4) e não seis séculos depois, a centenas de milhas de Jerusalém.

Portanto, não há base alguma para se concluir que o Profeta Prometido de Deuteronômio 18.15-18 e o Consolador de João 14.16; 15.26 e 16.7 sejam profecias a respeito de Maomé como declara o Islamismo. Blaise Pascal resumiu sucintamente a questão: *Qualquer homem pode fazer o que [Maomé] fez; porque ele não operou milagres, ele não foi predito. Nenhum homem pode fazer o que Cristo fez.*[14]

X - A ESCRITURA SAGRADA DO ISLAMISMO - O ALCORÃO

Devemos iniciar nosso estudo da apologética muçulmana examinando a sua fonte de autoridade mais respeitada, o Alcorão. Para os muçulmanos, esta é a palavra pura de Deus, sem nenhuma mistura de pensamento ou teor humano. De fato, muitos muçulmanos possuem um zelo tão intenso pelo Alcorão que se ressentem profundamente se um não muçulmano não possuí-lo.

O termo corão vem de uma palavra árabe que significa '-leitura' ou 'recitação',[15] os muçulmanos afirmam que o Alcorão foi dado a Maomé em língua árabe, parte por parte, durante um espaço de tempo de 23 anos até a sua morte (Alcorão 43.3; 44.58; 17.106). A apologética muçulmana do Alcorão cobre quatro áreas principais: Sua preservação, eloqüência, profecias alegadas e compatibilidade com a ciência moderna.

10.1 - A AFIRMAÇÃO ISLÂMICA DA PRESERVAÇÃO DO ALCORÃO

Referindo-se à autenticidade presente do Alcorão, Maulvi Muhammad Ali faz a grandiosa declaração que segue: No que tange à autenticidade do Alcorão, eu não preciso deter o leitor por muito tempo. De um extremo do mundo ao outro, da China no Extremo Oriente a Marrocos e Argélia no Ocidente, das ilhas dispersas do Oceano Pacífico ao grande deserto da África, o Alcorão é um, e nenhuma cópia que difira sequer num ponto diacrítico pode ser encontrada em posse de um

dos 400 milhões de muçulmanos.[16] Há, e sempre houve, seitas rivais, mas o mesmo Alcorão é aposse de um e de todos... Um manuscrito com a mais leve variação no texto é desconhecido.[17]

Assim, os muçulmanos não apenas acreditam que o Alcorão seja a palavra de Deus *in toto,* mas também estão seguros de que nenhum erro, alteração ou variação tocou-o desde seu começo. Esta, portanto, é uma de suas provas de que o Alcorão é um milagre de Deus.

XI - O MILAGRE DO ALCORÃO - A RESPOSTA CRISTÃ

A PRESERVAÇÃO DO ALCORÃO

Mohammad Marmaduke Pickthall, em "The Meaning of The Glorious Koran", diz-nos que na época da morte de Maomé as suratas (ou capítulos) do Alcorão ainda não haviam sido compiladas. Isto foi completado apenas durante o califado de Abu Bakr.[18]

O segundo Califa, Ômar, subseqüentemente fez um único volume (mus-haf) que ele preservou e deu na ocasião de sua morte à sua filha Hafsa, a viúva do Profeta.[19] Finalmente, sob o califado de Uthman, ordenou-se que todas as cópias do Alcorão fossem trazidas e qualquer uma que divergisse do texto de Otman foi queimada.

Nós não discutimos a posição islâmica de que desde a revisão de Otman o Alcorão permaneceu intacto. Entretanto, por causa da destruição de todas as cópias discordantes, ninguém pode saber com certeza se o Alcorão como temos é exatamente o mesmo que Maomé os entregou.

O Islamismo ensina que a única razão pela qual Otman queimou todas as outras coletâneas do Alcorão era porque havia variações dialéticas de somenos nos diferentes textos. Entretanto, há algumas evidências que tendem a refutar isto.

Primeiramente, é muito significativo que os Qurra, os muçulmanos que haviam memorizado o Alcorão completo, foram contrariados veementemente pela revisão. Segundo, os Xiitas, que são a segunda maior seita no mundo islâmico, declaram que o Califa Otman eliminou intencionalmente muitas passagens do Alcorão que se relacionavam a Ali e à sucessão da liderança que ocorreria depois da morte de Maomé.

L. Bevan Jones, em sua obra "The People of the Mosque", responde sucintamente o argumento muçulmano para a suposta preservação miraculosa do Alcorão: Mas conquanto possa ser verdade que nenhuma outra obra tenha permanecido por doze séculos com um texto tão puro, é igualmente provável verdade que nenhuma outra tenha sofrido tamanho expurgo.[20]

11.1 - A AFIRMAÇÃO ISLÂMICA DA ELOQÜÊNCIA DO ALCORÃO

Uma segunda asserção feita para provar a origem sobrenatural do Alcorão, encontrada na Surata 17:88, é que sua beleza e eloqüência provam que seu autor é Deus: *Dize-lhes: Mesmo que os humanos e os gênios se tivessem reunido para produzir coisa similar a este Alcorão, jamais teriam feito algo semelhante, ainda que se ajudassem mutuamente.*

Em uma nota de rodapé na sua tradução do Alcorão, Yusuf Ali declara: nenhuma composição humana poderia conter a beleza, poder e discernimento espiritual do Alcorão.[21]

Entretanto, os muçulmanos não acreditam que o Alcorão seja um milagre somente por causa de sua eloqüência e beleza, mas também porque a Surata 157 refere-se a Maomé como o profeta iletrado. Acreditando que ele era analfabeto, eles perguntam como tal homem poderia produzir o Alcorão.

Uma declaração final a respeito da realização literária do Alcorão é que ele é tão coerente do começo ao fim que nenhum homem poderia tê-lo arquitetado. Suzanne Haneef pergunta: *Como o Alcorão inteiro poderia ser tão completamente coerente se não se originou de Deus}*[22]

Eloqüência do Alcorão - A Resposta Cristã

A respeito da beleza, estilo e eloqüência do Alcorão, qualquer leitor imparcial teria de admitir que certamente é verdade a respeito da maior parte dele. Entretanto, a eloqüência por si mesma é dificilmente um teste lógico para a inspiração. Se esse fosse o critério utilizado para julgar uma obra, então teríamos de dizer que os autores de muitas das grandes obras da antigüidade foram inspirados por Deus. Homero teria de ser um profeta para produzir a magnífica Ilíada e a Odisséia. Na língua inglesa, Shakespeare é ímpar como dramaturgo, mas seria absurdo que por causa disso disséssemos que suas tragédias tiveram inspiração divina. Da mesma maneira para com a eloqüência do Alcorão.

Mas, e a respeito da coerência do Alcorão? Pode ser utilizada para demonstrar que esta escritura muçulmana foi inspirada? Para começar, pode-se mostrar que o Alcorão não é totalmente coerente, mas, ao contrário, possui contradições de vulto nele.[23] E ainda que consentíssemos com a tese de que o Alcorão é totalmente concorde, isto ainda não provaria coisa alguma. Em um ensaio intitulado "How Muslims Do Apologetics" o Dr. John Warwick Montgomery demonstra isto para nós: *Esta apologética é também de pouco efeito porque a coerência de um escrito não prova que seja uma revelação divina. A geometria de Euclides, por exemplo, não se contraria a si mesma em nenhum ponto, mas ninguém afirma que por isso esta é uma obra divinamente inspirada em algum sentido excepcional.* [24]

E por fim, o que dizer a respeito do suposto analfabetismo de Maomé? Antes de mais nada, há bastante evidência contra isso, mas, mesmo se aceitássemos o fato de que Maomé não podia ler nem escrever, isso não faria o Alcorão miraculoso. Por quê? Porque todos os muçulmanos sabem, que ele tinha tido pelo menos vários amanuenses ou escribas; e, portanto, ele poderia facilmente ter composto o Alcorão dessa forma isto não seria excepcional, pois há precedentes para isso. Um exemplo que seria familiar à maioria das pessoas diz respeito a Homero. Ele era cego e assim, com toda probabilidade, não podia escrever. Ainda assim, ele foi o autor da Ilíada e da Odisséia, os dois maiores épicos do mundo antigo. Da mesma maneira, a questão se Maomé era ou não realmente analfabeto não tem relação com o caso em questão.

11.2 - A Afirmação Islâmica Sobre as Profecias no Alcorão

O Alcorão fala muito pouco profeticamente, se de fato ele profetiza afinal de contas. Daí, poucos apologistas muçulmanos utilizarem a profecia cumprida como prova de sua fé. Entretanto há uma série de versículos no Alcorão que prometem que os muçulmanos serão vitoriosos tanto em seu próprio país como no exterior.[25] Maulana Muhammad Ali discute estas profecias detalhadamente em sua obra "The Religion of Islam": *...nós encontramos profecia após profecia publicada nos termos mais seguros e certos no sentido de que as grandes forças de oposição seriam arruinadas. .. que o Islamismo se espalharia para os cantos mais longínquos da terra e que seria finalmente triunfante sobre todas as religiões do mundo.*[26]

Profecias no Alcorão - Resposta Cristã

Podemos dizer que a vasta expansão do Islamismo, predita por Maomé, é cumprimento de profecia? Se nós pensarmos nisto de ponta a ponta por um momento, eu creio que podemos facilmente responder não.

Para começar, um líder prometendo uma vitória às suas tropas ou seguidores, no mínimo não é nem um pouco excepcional. Todo comandante ou general o faz a fim de inspirar seu exército e levantar o seu moral. Se, então, eles são vitoriosos, ele é vindicado; se eles perdem, então nunca ouvimos de suas promessas porque elas, com o seu movimento, são esquecidas.

Além disso, o muçulmano tinha vários incentivos importantes a considerar enquanto lutava para promover a causa do Islamismo. Se ele morresse, ele seria admitido no paraíso. Se continuasse vivo e fossem vitoriosos na batalha, os soldados muçulmanos poderiam dividir quatro quintos do despojo.

Há uma outra razão para que o Islamismo se expandisse tão rapidamente no início. Se olharmos para algumas das imposições do Alcorão a respeito do que os incrédulos poderiam esperar das mãos dos muçulmanos, fica fácil de entender porque tantos se submeteram, como encontramos na Surata 5:33-34[27] *O castigo, para aqueles que lutam contra Deus e Seu Apóstolo e semeiam corrupção na terra, consiste em que sejam matados, crucificados, ou lhe seja decepada a mão e o pé oposto, ou banidos. Exceto aqueles que se arrependerem antes de caírem em vosso poder; sabei que Deus é indulgente, misericordiosíssimo.*

Os politeístas tinham duas escolhas, submissão ou morte.

Os cristãos e os judeus tinham uma terceira alternativa, pagar pesados tributos (Alcorão 9.5, 29).

Um último ponto a ser considerado é que se o crescimento rápido e amplo de um movimento indicasse o favor divino, então o que diríamos dos conquistadores como Genghis Khan? Ele consolidou as tribos mongóis e, em um espaço de tempo mais curto do que o do Islamismo antigo, conquistou uma área geográfica muito maior. Seu sucesso militar evidenciaria que ele era dirigido por Deus? E o que dizer a respeito do próprio crescimento do Islamismo que foi freado no Ocidente por Carlos Marrei (a.D. 732) e o Oriente por Leão III (a.D. 740)? Significaria que eles haviam perdido o favor de Alá? E sobre a história posterior de muitas nações islâmicas que sofreram o ultraje de tornarem-se colônias das então potências mundiais? Não, nós não podemos encontrar nada misterioso ou sobrenatural sobre o surpreendente crescimento primitivo do Islamismo e sua subseqüente queda.

11.3 - A Afirmação Islâmica da Ciência e o Alcorão

Finalmente, existe uma obra "A Bíblia, o Alcorão e a Ciência" escrita por um cirurgião francês chamado Maurice Bucaille, que tenta demonstrar a origem divina do Alcorão ao mostrar a sua supostamente notável afinidade com a ciência moderna. Depois de citar um certo número de exemplos, o Dr. Bucaille concluiu que levarão a julgar inconcebível que um homem, vivendo no século 7 da era cristã, pudesse, sobre os assuntos mais diversos, emitir no Alcorão idéias que não são só de sua época, e que concordarão com o que se demonstrará séculos mais tarde. *Para mim, não existe explicação humana para o Alcorão.*[28]

A Ciência e o Alcorão - Resposta Cristã

Ao responder ao Dr. Bucaille, devemos primeiro salientar que a maior parte do livro não trata do Alcorão e ciência. Ao contrário disso, a sua maior parte é uma tentativa (utilizando-se técnicas da autocrítica) de desacreditar a Bíblia. As porções de seu livro que tentam mostrar que o Alcorão está em concordância surpreendente com o conhecimento científico são muito vagas.

Entretanto, e se nós concordássemos com sua tese de que as afirmações do Alcorão estão em total harmonia com a ciência moderna? O Dr. Bucaille declara que se isto fosse verdade, então *Esta última constatação torna inaceitável a hipótese daqueles que vêem em Mohammad o autor do Alcorão*.[29] Eu concordo com sua conclusão, supondo que sua tese seja a verdade. Se o Alcorão contém afirmações científicas detalhadas que temos descoberto recentemente serem verdade e ainda, se foram escritas no sétimo século a.D., então poderia não ser simplesmente produção de Maomé. Mas isto não indica a fonte da informação, e somente demonstra que nenhum ser humano poderia tê-lo escrito sem ajuda sobre-humana.

Se, de fato, o Alcorão teve uma origem sobrenatural, ainda somos deixados com a tarefa de encontrar quem foi essa fonte. O Dr. Bucaille presume que foi Deus. Mas por quê? Se pararmos e pensarmos um momento, perceberemos que há outros seres sobrenaturais além de Deus. Um destes seres é conhecido na Bíblia como Satanás, assim como no Alcorão. A Bíblia nos diz que ele está na terra há tanto tempo quanto o homem, que ele tem poder e inteligência muito superiores aos nossos, e que ele é o pai da mentira (Jo 8.44). Sussurrar alguns fatos científicos nos ouvidos de alguém não seria uma grande proeza para ele. Para dizer a verdade, a Bíblia diz que ele aparece aos homens de tempos em tempos: *porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz* (2 Co 11.14). É interessante que este tenha sido exatamente o temor inicial que Maomé sentiu a primeira vez que a voz falou a ele.

Ao concluir esta secção sobre o Alcorão, o leitor pode estar interessado em saber que muitas das histórias e relatos encontrados no Alcorão são reconhecíveis (atribuíveis a) histórias muito semelhantes (algumas vezes quase idênticas) encontradas em escritos pré-islâmicos. Recomendaríamos ao leitor o clássico de Clair-Tisdall "The Sources of Islam", do Ver. W. Goldsack, "The Origins of the Qur'na", e de Samuel M. Zwemer Islam: "A Challenge of Faith". Também seria importante a leitura do livro "Esperanza para los Musulmanes" de Don McCurry, Editorial UNILIT - Miami - Flórida.

XII - OUTROS ELEMENTOS QUE DEVEMOS SABER PARA COMPARTILHAR O EVANGELHO COM OS MUÇULMANOS

A evangelização dos muçulmanos é um dos maiores desafios da Igreja, isso porque nenhuma religião do mundo odeia tanto a cruz de Cristo como o Islamismo; e, além disso, ensinam seus adeptos a opor-se ao Cristianismo. Alguns muçulmanos, principalmente do MAGREB (Norte da África) não fazem distinção alguma entre fé cristã e cultura européia. Evangelizar os muçulmanos é entrar num verdadeiro campo de batalha, por isso requer-se dos missionários a eles enviados um preparo especial.

O Problema Cultural

Um grande número de muçulmanos vive em antigas colônias. Podem ser muito suscetíveis ao racismo ou a atitudes paternalistas. Podem manifestar para com os cristãos (os ocidentais) muita desconfiança e hostilidade, que encorajam e reforçam a ignorância e o analfabetismo. As várias formas de pensamento variam através do mundo muçulmano e estão freqüentemente em profundo contraste com o pensamento ocidental. É muito importante estudar a cultura islâmica, para que esses obstáculos sejam ultrapassados.

O Problema Psicológico

A sociedade muçulmana exige uma conformidade estrita da parte dos seus cidadãos. A opinião do indivíduo conta pouco. O que a comunidade pensa é muito mais importante. O comportamento de um indivíduo é controlado de tal maneira pela sociedade que quase não resta espaço para uma ação independente. Daí resulte que o muçulmano não está habituado a tomar decisões pessoais, como aceitar o Evangelho.

Há um provérbio árabe que diz: *num país em que ninguém te conhece podes fazer o que te apetece.* É apenas fora de seu país que um muçulmano fica livre das restrições da sua religião e da sociedade. Mas mesmo fora de seu país, a influência psicológica da religião e da sociedade é muito forte e um muçulmano tem dificuldade em agir de forma independente e em aceitar a fé cristã.

O Problema da Comunicação

A cultura islâmica e a língua árabe determinam a forma de pensamento. Muitas vezes cristãos e muçulmanos atribuem significados diferentes à mesma palavra, por exemplo: (pecado, oração, fé, Filho de Deus). Quem deseja partilhar sua fé com um muçulmano deve procurar utilizar termos simples e defini-los de forma a assegurar que foram bem compreendidos.

12.1 - Três Requisitos Prévios

Há três áreas, portanto, que são simples, porém de capital importância, que devem ser examinadas antes de movermos a outros temas teológicos que estão também incluídos.

a - Ser Cheio do Espírito Santo

Um dos pontos mais críticos ao testificar a um muçulmano é que devo estar cheio do Espírito Santo. Jesus disse em João 15.26-27: *Mas quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito de verdade, que procede do Pai, ele testificará de mim. E vós também testificareis, pois estivestes comigo desde o princípio.* O sucesso em testificar consiste simplesmente em compartilhar, no poder do Espírito Santo, deixando os resultados a Deus. Deus é soberano e pode operar apesar das nossas imperfeições. Satanás gosta de colocar na mente de quem está pregando que essas pessoas estão longe do Reino de Deus, e que não vale a pena continuar. Para vencer esse pensamento e continuar perseverando devemos ser cheio do Espírito Santo.

b - Orar em Todo Tempo

Devemos orar pedindo que um muçulmano possa entrar no Reino de Deus, se não o fazemos, não vale a pena nem sequer começar. O Islã está baseado numa pressuposição: O Cristianismo é falso. O muçulmano declara que sua religião existe porque o Cristianismo tem se corrompido, e se ele aceita que o Cristianismo é a verdade, ele deverá admitir que o Islã não tem razão de existir.

Os muçulmanos são as pessoas mais difíceis de evangelizar e haverá momentos que você se sentirá desanimado e terá a tentação de abandonar totalmente. Não desanime! Pare um momento, clame ao Senhor em oração e continue avante com suas forças.

O Islamismo ensina que o muçulmano não deve duvidar em perseguir e ainda matar a uma pessoa que deixe o Islão e se converta ao Cristianismo. Quatro ex-muçulmanos no Egito foram processados na corte como traidores ao Islão e receberam condenação entre cinco e dez anos de prisão. A corte citou uma lei que proíbe a difamação de qualquer das três religiões: Cristianismo, Islamismo e Judaísmo, portanto eles foram acusados de difamar o Islão para converter-se ao Cristianismo. Por exemplo, os assassinos de Sadat, o anterior presidente do Egito, diziam que seu tratado de paz era uma afronta ao Islamismo. É por esse tipo de hostilidade, não contra nós pessoalmente, mas contra a fé cristã, que o muçulmano cresce. Portanto, não se pode evangelizar um muçulmano sem estar cheio do Espírito Santo e sem ter orado previamente.

c - Demonstrar Amor

A mídia no Ocidente tem feito um excelente trabalho para fazer crer que os muçulmanos são odiados. Quando a maioria das pessoas pensa nos muçulmanos geralmente os relaciona com Khomeini, e com os petrodólares. Em geral, não existe compaixão nem interesse para que eles conheçam a Cristo, e tampouco existe consciência de que eles estão perdidos.

Muitas vezes eles são vistos como os terroristas muçulmanos. Mas temos direito de afirmar que cerca de um bilhão da população mundial possa ser todo terrorista? E, ainda que isto fosse

verdade, como crentes não podemos odiá-los. Necessitamos do amor cristão para combater essas idéias equivocadas e restaurar nossa luta por aqueles que estão perdidos sem Cristo.

A segunda razão, pela qual necessitamos demonstrar amor, é que somente o amor nos preservará de desanimarmos quando um muçulmano rejeita a Cristo. Sem amor é tão fácil parar de orar por eles, ou deixar de encontrar-se com eles. Os muçulmanos sentem pena dos cristãos, eles nos consideram uns blasfemos que têm perdido o rumo. Eles crêem que estão pregando a Deus, e querem levar-nos à verdade, se necessário até por força. Mas através do amor, eles podem conhecer a Cristo.

Uma terceira razão pela qual necessitamos amor é porque é a única coisa que o muçulmano não pode argumentar. Você pode falar de Iraque e de Irã, duas nações muçulmanas que lutaram entre si por oito anos e eles podem dizer: e o que acontece na Irlanda entre católicos e protestantes? Se você mostrar argumentos da Bíblia eles lhe mostrarão argumentos do Alcorão. Você argumenta sobre Cristo e eles sobre Maomé. Tome qualquer argumento que você quiser e o muçulmano terá uma resposta para contradizê-lo. Mas faça a obra com amor incondicional e aceitação, e verá que eles não poderão fazer nada para devolver-lhe este amor.

Essas três coisas, ser cheio do Espírito Santo, oração e amor são muitíssimo mais importantes do que conhecer tudo sobre o Islamismo ou o Alcorão, se bem que é verdade que nós podemos conhecer mais coisas sobre os muçulmanos. Duvido que alguém possa levar um muçulmano a Cristo, se não estiver cheio do Espírito, sem oração e amor. De modo que estas três coisas serão uma evidência para eles.

XIII -BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Abdalla, Rachid K. - "Islamismo o Maior Desafio em Todo Mundo!" a.D. Santos Editora - 1998.
Bertuzzi, Federico A. - "Latinos no Mundo Muçulmano" - Editora Sepal - 1980.
"Bíblia Apologética" - ICP - 2000.
Esther e Sangster, Gulshan e Thelma - "O Véu Rasgado" - Ed. Vida - 1994.
George, Ron - "Ide e Fazei Discípulos entre os Muçulmanos" - Ed. Vida - 1999.
Giordani, Mário Curtis - "História do Mundo Árabe" - Ed. Vozes, 1985.
McCurry, Don — "Esperanza para Los Musulmanes" - Editorial UNILIT - 1996.
McCurry e Glasser, Don e Carol A. - "A Cruz e a Mesquita" - Patrocínio - MG - 1983.
McDowell e Stewart, Josh e Don - "Entendendo as Religiões não Cristãs" - Ed. Candeia - 1982.
Nehls, Gerhard - "Evangelização entre Muçulmanos" -Gráfica Aleluia Ltda., 1997, Arapongas, PR.
Sheikh, Belquis - "Atrevi-me a Chamar-lhe-Pai" - Ed. Vida - 1995.
Tostes, Silas "Islamismo, Desafio à Fé Cristã" - ICP -Revista "Defesa da Fé" - n°. 9.

NOTAS

[1] Eles acreditam que o Alcorão refere-se a isso na *Surata* 7.157.
[2] Hazrat Mirza Bashir-Ud-Din Mahmud Ahmad, *Introduction to the Study of theHoly Quran* (London: The London Mosque, 1949), pp 84-94. Também cf. Ulfat Aziz-Us-Samad, *Islam and Christianity* (Karachi, Pakistan: Begum Aisha Bauany Wakf, 1974), p. 96.
[3] Abdu 'L-Ahad Dauud, *Muhammad in the Bible* (Kuala Lumpur: Pustaka Antara, 1979).
[4] Também cf. Jo 7.16; 8.28.
[5] Também cf. Mt 13.57; 21.11; Lc 7.16; Jo 4.19; 6.14; 7.40; 9.17.
[6] Cf. Êx. 33.11.
[7] Cf. Alcorão 6.37; 6.109.
[8] Cf. Alcorão 5.110.

[9] Ainda cf. Lc 24.27.
[10] Abdullah Yusuf Ali, op. cit., p. 1540. (Também cf. p. 144).
[11] A cópia mais antiga do Evangelho de João é o Papiro 75, datado entre 175-225 a.D. Veja que a palavra ali encontrada é "Paracletos" e não "pariclytos" como querem os muçulmanos.
[12] A palavra grega "Paracletos" pode ser traduzida como "Confortador, Conselheiro, Advogado ou Ajudante"
[13] Cf. Alcorão 33.40.
[14] Blaise Pascal, "Pensées", números 599.
[15] Suzanne Haneef. *What Everyone Should Know Islam and Muslims* (Chicago: Kazi Publications, 1979), p. 18.
[16] Esta era a população islâmica aproximada quando este livro foi publicado em 1921. Hoje a população muçulmana está estimada entre um bilhão e duzentos milhões.
[17] Maulvi Muhammad Ali, *Muhammad and Christ* (Lahore, índia: The Ahmadiyya Anjuman-i-Ishaat-i-Islam, 1921), p. 7.
[18] Mohammed Marmaduke Pickthall, *The Meaning of the Glorious Koran* (New York: New American Library, 1963), p. xxviii.
[19] Hazrat Mirza Bashir-Ud-Din Mahmud Ahmad, *Introduction to the Study of the Holy Quran* (London: The London Mosque, 1949), pp 84-94. Também cf. Ulfat Aziz-Us-Samad, *Islam and Christianity* (Karachi, Pakistan: Begum Aisha Bauany Wakf, 1974), p. 96. Bucaille, op. cit., p. 130.
[20] L. Bevan Jones, *The People of the Mosque* (London: Student Christian Movement Press, 1932), p. 62.
[21] Abdullah Yusuf Ali, THE HOLY QUR-AN: Text, *Trans-lation and Commentary* (Qatar: Qatar National Printing Press, 1946), p.401.
[22] Haneef, op. cit., p. 30.
[23] Devido à falta de espaço este argumento não pode ser prosseguido aqui. O leitor poderá escrever para o autor aos cuidados do ICP para maiores informações sobre este assunto.
[24] John Warwick Montgomery, *Faith Foundedon Fact* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1978), p. 94.
[25] Alcorão 3.12; 41.53; 14.13-14.
[26] Maulana Muhammad Ali, *The Religion of Islam* (Lahore, Pakistan: The Ahmadiyyah Anjuman Ishaat Islam, 1950), p. 249.
[27] Também de acordo com o Alcorão 4.47.
[zº] Maurice Bucaille, *A Bíblia, o Alcorão e a Ciência,* ed. revista e adaptada Samir El Hayek (S. Bernardo do Campo, Junta de Assistência Social Islâmica Brasileira, s.d.) p. 152.
[29] Bucaille, op. cit, p. 151.

SANTO DAIME

I - INTRODUÇÃO

São bem oportunas as palavras bíblicas de Romanos 1.22: *Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos,* quando nos propomos a falar sobre o grupo religioso Santo Daime. Dizemos isso porque, nesse grupo religioso, aparentemente desconhecido, existem celebridades da TV que já se pronunciaram publicamente como membros dele. E não é só isso, até o pastor Nehemias Marien já fez parte de reuniões religiosas onde o chá foi bebido. Conta ele: *Concentrado no culto, cantei, com o mais vivo entusiasmo, todas as canções de louvor, mas sempre muito atento às mínimas ocorrências envolvendo os circunstantes. Vi nocauteada a resistência de muitos que se entregavam relaxados nos colchonetes e poltronas espalhados pela sala. Vi outros se transfigurarem, em êxtase, os olhos vítreos esbugalhados. Um jovem tomou-me a mão, como um náufrago perdido no mar e, literalmente, urrava como leão. Muitos vomitavam, enquanto outros corriam ao banheiro. Um outro virou uma estátua vibrante, o tempo todo em obediência a seus chacras, segundo disse. Então, após o segundo cálice, comecei a sentir as mãos frouxas e uma ligeira cãibra nas pernas, dando-me a impressão de desmaio, embora em momento algum me sentisse tenso. Procurei cantar com mais entusiasmo, mas logo percebi ser melhor procurar o sofá, no qual o meu corpo caiu pesado. Foi nesse instante que, relaxado, rendi-me ao Daime, sem alucinações, mas com a consciência da purificação espiritual centrada em Jesus... Creio que, também, pelo Santo Daime, pode-se contemplar a luz divina e alcançar a purificação do espírito e a cura interior* ('JESUS, A Luz da Nova Era", Pr Nehemias Marien, Editora Record, pp. 120-121).

Pode haver maior apostasia do que essa, um pastor afirmar que contemplou a luz divina e alcançou a purificação do espírito e cura interior depois que tomou o chá? A luz divina, como lemos na Bíblia, é Jesus Cristo, veja a declaração de João: *Ali estava a luz verdadeira, que alumia a todo o homem que vem ao mundo* (Jo 1.9). Purificação do espírito se faz pelo sangue de Jesus e não por tomar-se um chá - No dia seguinte João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: *Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo* (Jo 1.29). E cura interior alcançamos quando atendemos ao convite de Jesus, em Mt 11.28-29 lemos: *Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.*

II - EFEITOS DO CHÁ

A bebida é preparada com o cozimento de dois vegetais da floresta amazônica: o cipó jagube (Banisteriopsis caspi) e a folha chacrona (Psychotria veridis). É conhecida como ayahuasca ou, abreviadamente, OASCA. É ingerida para proporcionar vidências, comunicação com espíritos, alívio físico e psíquico, curas, etc. É uma porta aberta para os estados alterados de consciência. Produz um desarranjo intestinal tão violento que a pessoa que o bebe sente necessidade de ter ao seu lado um vomitório móvel porque não dá tempo de ir ao banheiro comum.

III - O NOME DAIME

DAIME - dizem - vem do verbo dar, no imperativo. Daime paz, Daime saúde, Daime felicidade - é a aspiração dos membros da entidade. É um tipo de seita eclética, uma mistura de espiritismo, cultos afro-brasileiros e catolicismo romano, resultantes de três culturas (a branca, a

negra e a indígena). O livro sagrado que adotam é o seu hinário. As letras dos hinos constituem a diretriz para os seguidores. Todos os ensinamentos são ministrados por hinos naquele estado alterado de consciência proporcionado pelo Daime, encontrando-se neles suas crenças básicas. A principal característica do Santo Daime é o canto. São conhecidos também como Povo de Juramidam, expressão composta de Jura (pai) e Midam (filho). Esse é o nome que o iniciador da seita diz ter recebido das entidades divinas. Juramidam representa a segunda volta de Jesus à Terra, sendo assim o povo de Juramidam o povo de Jesus Cristo. Impossível para um cristão que conhece a Bíblia ler sobre um tipo de culto envolvido com práticas mediúnicas, idolatria e feitiçaria, admitir que seja povo de Jesus. O próprio Jesus declara ser a luz do mundo e que aquele que o segue não andará em trevas (Jo 8.12). Em nenhuma passagem bíblica se encontra qualquer ensino de Cristo que se assemelhe a um ensino que envolva espiritismo, feitiçaria e idolatria.

IV - O FUNDADOR

O fundador, Raimundo Irineu Serra, nasceu em 1892, no Maranhão, e morreu em 1971. Aos 20 anos de idade, integrou um movimento migratório de nordestinos para trabalhar na extração de látex. Na floresta amazônica, Irineu e seus companheiros foram misturando a sua cultura à dos índios e aprenderam a preparar a bebida, que lhes provocava visões. Numa dessas visões apareceu a Irineu uma mulher chamada Clara, que se dizia Nossa Senhora da Conceição, a rainha da floresta. Ela falou-lhe: *Quem é que tu achas que eu sou?* Ele olhou e disse: *Para mim a senhora é uma deusa universal. Tu tens coragem de me chamar de Satanás, isso ou aquilo outro? Não, a senhora é uma deusa universal. Tu achas que o que estás vendo agora, alguém já viu?* O mestre Irineu refletiu e achou que alguém já podia ter visto, e havia tantos que faziam a bebida que ele podia estar vendo o resto. A senhora então disse: *O que estás vendo agora ninguém jamais viu, só tu. E eu vou te entregar esse mundo para governar. Agora tu vais te preparar, porque eu não vou te entregar agora. Vais ter uma preparação para ver se tu podes merecer verdadeiramente: tu vais passar oito dias comendo só macaxeira (mandioca) cozida, com água e mais nada.*

Relatou Irineu que foi ela quem deu o nome de Santo Daime à bebida e ditou normas para a realização do ritual. Ele adquiriu poderes extra-sensoriais e aí passou a ter vidência e a comunicar-se com os mortos. Nas reuniões, evocam Jesus Cristo e os santos católicos como Nossa Senhora da Conceição, São João Batista, São José. Paralelamente, evocam entidades indígenas como Tuperci, Ripi Iaiá, Currupipipiraguá, Equior, Tucum, Barum, Marum Papai Paxá, B. G., Rei Titango, Rei Agarrube, Rei Tintuma, Princesa Soloína, Princesa Janaína e Marachimbé.

V - HISTÓRIA

Em 1945, Mestre Irineu fundou o Centro de Iluminação Cristã Luz Universal, que chegou a congregar 500 membros efetivos. Um discípulo de Irineu, o seringueiro padrinho Sebastião, fundou outra comunidade, a *Colônia Cinco Mil,* também no Estado do Acre, que no foro civil foi registrada como entidade filantrópica, tendo o nome de *Cefluris* (Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra). Depois da morte do fundador em 1971, o padrinho Sebastião o substituiu na direção da entidade, vindo a morrer em 1990. O filho de Sebastião, o padrinho Alfredo Gregório de Melo, está na liderança do movimento Santo Daime que, atualmente, conta com 30 núcleos e mais de cinco mil adeptos.

VI - FESTIVIDADES

Quase na totalidade seguem as festividades dos dias santos do catolicismo, juntando mais uma festa extra na data do nascimento do fundador (15 de dezembro). O ano religioso começa em 6 de

janeiro, em homenagem aos Três Reis do Oriente, seguindo-se as datas de 20 de janeiro (São Sebastião), Sexta-feira Santa, 24 de junho (São João Batista), 2 de novembro (Finados), 8 de dezembro (Nossa Senhora da Conceição, padroeira dos trabalhos).

VII - DOUTRINAS E REFUTAÇÕES

7.1 RITUAL

Dentro do ritual encontramos práticas religiosas ligadas à idolatria, à feitiçaria e às cerimônias católicas.

a) Idolatria e Feitiçaria:

O Estatuto da *Cefluris* declara seguir a orientação implantada pelo mestre Irineu, fundamentada no Ritual do Ecletismo Evolutivo, ou seja, de várias correntes religiosas que se interpenetram, tendo como ponto de partida o Cristianismo ("Pergunte e respondemos", Editora Lumen Christi. Edição Encadernada. Ano XXXI, setembro 1990, p. 425).

Resposta Apologética:

O Santo Daime é formado por várias correntes religiosas como catolicismo, cultos afro-brasileiros e indígenas. Ora, o ecletismo religioso é uma abominação aos olhos de Deus. Apontamos como exemplo o povo israelita no deserto, acampado junto ao Monte Sinai. Enquanto Moisés estava no Monte Sinai, o povo embaixo resolveu prestar um culto a Deus, criando um ídolo na forma de um bezerro de ouro. Depois de pronto instituíram uma festividade e a justificaram com os seguintes dizeres: *E ele os tomou das suas mãos, e trabalhou o ouro com um buril, e fez dele um bezerro de fundição. Então disseram: Este é teu Deus ó Israel, que te tirou da terra do Egito. E Arão, vendo isto, edificou um altar diante dele; e apregoou Arão, e disse: Amanhã será festa ao Senhor* (Êx 32.4-5). Como Deus viu uma festividade eclética entre Ele e o bezerro de ouro? Disse Deus a Moisés, no Monte Sinai: *Vai, desce; porque o teu povo, que fizeste subir do Egito, se tem corrompido. E depressa se tem desviado do caminho que eu lhes tinha ordenado; eles fizeram para si um bezerro de fundição, e perante ele se inclinaram, e ofereceram-lhe, e disseram; Este é o teu deus, ó Israel, que te tirou da terra do Egito* (Êx 32.7-8). As práticas ligadas à idolatria foram mais tarde condenadas pelos profetas: *Eu sou o Senhor; este é o meu nome; a minha glória, pois, a outrem não darei, nem o meu louvor às imagens de escultura* (Is 42.8). *Eu anunciei, e eu salvei, e eu o fiz ouvir, e deus estranho não houve entre vós, pois vós sois as minhas testemunhas, diz o Senhor; eu sou Deus* (Is 43.12).

Sabemos que os cultos afro-brasileiros tributam louvores a entidades também conhecidas como orixás, que pensam ser os intermediários entre o deus Olorum e os homens. Ora, sabemos que tais entidades espirituais, embora sejam chamadas santos, na verdade são espíritos demoníacos que povoam os ares como afirma o apóstolo Paulo em Efésios 6.12: *Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais.* Afirmamos: o que consta do estatuto nada tem a ver com o Cristianismo. Quando há genuína conversão a Deus, há o abandono dos ídolos e de todo o ecletismo. Jesus foi enfático ao dizer: *Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamon* (Mt 6.24).

b) Ritual da bebida:

O cipó é cortado em pedaços de 20 cm de comprimento. A partir das duas horas da madrugada, realiza-se a bateção. Turmas de 12 homens revezam-se de duas em duas horas no trabalho de esmagar os pedaços de jagube sobre troncos de árvores frxos no solo, utilizando marretas de cumaru, pau tirco ou bálsamo, sendo que o ritmo é acompanhado por hinos adequados. A bateção significa purificação em si e serve para o sujeito se disciplinar. O cozimento do cipó macerado e das folhas se dá na proporção de duas medidas de cipó para uma das folhas de chacrona e é uma das etapas mais delicadas do ritual. Não se deve conversar com a pessoa encarregada, pois ela controla o ponto de fervura da bebida, que é indicado por uma entidade do Santo Daime presente no plano astral, a qual se manifesta no momento em que se completa o cozimento para que a panela seja retirada da fornalha. Todos são avisados desse procedimento através de uma campainha acionada pelo encarregado.

Essa entidade, que desce e se manifesta no momento em que é completado o cozimento, é uma das manifestações malignas, embora possa ser chamada por nomes indígenas como Tuperci, Ripi laiá, Currupipipiraguá, Equior, Tucum, Bvarum, Marum Papai Paxá, B. G. , Rei Titango, Rei Agarrube, Rei Tintuma, Princesa Soloína, Princesa Janaína e Marachimbé.

c) Cerimônias católicas

Durante o ritual, rezam missa em favor dos mortos e cantam dez hinos sem instrumentos musicais, sem bailados. Reza-se um terço, ficando o Salve Rainha para o término da sessão. Essa prática é ligada à Igreja Católica.

Resposta Apologética:

Não se deve celebrar missas aos mortos, porque elas são inúteis. Jesus afirmou que se alguém morrer sem crer nele como único e suficiente Salvador nunca poderá ir para onde Ele foi. Jesus foi para o céu de onde virá para buscar o seu povo (Jo 8.21-24; Jo 14.2-3). O ritual do Santo Daime é ritual pagão, impróprio e condenado pela Bíblia em Deuteronômio 18.9-12.

VIII - A APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Relata o Mestre Irineu que recebeu uma visão de uma senhora divina que ele pensou ser uma deusa universal, identificando-a até como se fosse Satanás. Entretanto, posteriormente, na própria visão, foi esclarecido de que se tratava de Nossa Senhora da Conceição.

Resposta Apologética:

Os que têm a Bíblia e a consideram como autoridade maior no campo religioso devem ter presentes as palavras de Paulo, que afirmam: *Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema. Assim como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo. Se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema* (Gl 1.8-9). Ora, se esse grupo religioso tem como princípio básico e fundamental o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo como reza o item 2 do Estatuto, deveria saber que o Evangelho que Jesus pregou incluía o arrependimento e fé na sua pessoa (Mc 1.15), pois sem arrependimento ninguém poderia salvar-se (Lc 13.3); e que afirmava a necessidade da sua morte, sepultamento e ressurreição como meio de salvação (Mt 16.21-23; 20.28).

Jesus nada ensinou sobre ecletismo, mas foi incisivo ao afirmar que existem duas portas e dois caminhos que levam a dois fins distintos. Ensinou Jesus: *Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; e porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem* (Mt 7.13-14).

IX - UM CULTO ABSURDO

É tão absurdo esse culto do Santo Daime que se declara: Há quem vomite e quem seja cometido de desarranjos intestinais, ou as duas coisas juntas. E com que objetivo? Ocorrendo a ânsia de vômitos e a diarréia depois que se toma o chá é que a pessoa está passando por uma espécie de limpeza espiritual. Ou seja, de alguma maneira está se livrando de tudo aquilo que a impede de estar em comunhão com Deus. É esse um culto racional? Paulo recomenda que apresentemos os nossos corpos como um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o nosso culto racional (Rm 12.1).

* * *

Este e-book foi digitalizado pela equipe do Semeadores da Palavra e-books evangélicos.

Se não encontrou essa informação na 2ª página, então você o baixou de um site desonesto, que não respeita o trabalho dos outros, e retirou os créditos.

Venha se abastecer de literatura evangélica diretamente da fonte:

www.semeadores.net/blog

Fórum (para pedidos e trocas de idéias):

www.semeadoresdapalavra.top-forum.net

Mas o livro ainda não acabou.

Continue na página seguinte!

IGREJA SEICHO-NO-IE

I - HISTÓRIA

O fundador da Seicho-No-Ie, Masaharu Taniguchi, nasceu na vila de Karasuhara, no município de Kobe, Japão, no dia 22 de novembro de 1893. Como é comum a quase todos os fundadores de movimentos religiosos, teve a primeira revelação do seu chamado religioso em 13 de dezembro de 1929, quando começou a escrever uma revista com o próprio título do atual grupo religioso, e com o lançamento do primeiro número da revista, em I^{o} de março de 1930, deu-se a fundação desse movimento religioso no Japão. A palavra japonesa Seicho-No-Ie (lê-se: seitiô-no-iê) quer dizer Lar do Progredir Infinito.

A obra principal da sua filosofia se encontra no livro "A Verdade da Vida".

II - COMPARAÇÃO DE TANIGUCHI COM JESUS CRISTO

A admiração que os adeptos da Seicho-No-Ie têm pelo seu fundador é tal que fazem dele um ser onipresente, igual a Jesus (Mt 18.20; 28.20), dizendo: *em todas as partes, assim como Jesus está vivo eternamente em todas as partes considero o Dr. Taniguchi não como um ser carnal, mas um ser espiritual que foi enviado por Deus para nos transmitir a Verdade, para libertar realmente o ser humano das garras do materialismo* ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 3, 1967, nº 7, p. 40). Embora seja fantástica essa declaração sobre Taniguchi, o certo é que ele morreu em 17 de junho de 1985, em Nakasaki, Japão, aos 92 anos de idade, e, até onde sabemos, seus seguidores não falam de sua ressurreição dos mortos, ao passo que Jesus ressuscitou e está vivo no céu (Ap 1.17-18). Nessa cidade se localiza a sede mundial da Seicho-No-Ie. O sucessor e atual supremo presidente mundial é Seicho Taniguchi, que nasceu em 23 de outubro de 1920, em Hiroshima, Japão. Casou-se com a filha do fundador Emiko Taniguchi, tornando-se assim membro da família Taniguchi.

III - FUNDAÇÃO NO BRASIL

A Seicho-No-Ie chegou ao Brasil por intermédio de suas publicações, em 1930, data da publicação da primeira revista Seicho-No-Ie e foi organizada em 1º de agosto de 1952. Aqui no Brasil foi registrada com o título de Igreja Seicho-No-Ie do Brasil, cuja sede nacional se localiza no Jabaquara, na cidade de São Paulo. Os primeiros conhecedores da Seicho-No-Ie no Brasil foram os irmãos Daijiro Matsuda e Miyoshi Matsuda (Principal Orador na América Latina) ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 2, 1966, nº 4, pp. 43-44).

IV - FONTE DE AUTORIDADE RELIGIOSA

Leiamos a seguinte declaração: A Seicho-No-Ie não é nenhuma seita religiosa e, com o sentido de dar vida a todas religiões, faz conferências baseadas em escrituras do Budismo, em textos da antigüidade japonesa, e, também, na Bíblia ("A Verdade da Vida", Vol II. Sociedade Religiosa Seicho-No-Ie no Brasil. Masaharu Taniguchi, p. 13).

Os propagandistas da Seicho-No-Ie afirmam que não pregam uma religião, mas apenas uma filosofia, embora tenham todas as características de uma religião. Assim, a Seicho-No-Ie possui:

igrejas, ritos, preces e preceitos. Logo, trata-se de uma religião e, como veremos por meio de seus ensinos, é uma religião falsa sem apoio bíblico.

V - EMBLEMA

Como identidade visual, a Seicho-No-Ie utiliza o emblema do Sol, símbolo do xintoísmo; da Lua, símbolo do budismo; e da estrela, símbolo do Cristianismo. É a união de três religiões: o xintoísmo, o budismo e o Cristianismo. É uma religião sincretista.

Observemos quais são os livros sagrados que a Seicho-No-Ie utiliza para divulgar os seus ensinos: escrituras do budismo, textos da antigüidade japonesa e a Bíblia. Freqüentemente a Bíblia é citada fora do seu contexto, como declara Pedro: *Falando disto, como em todas as suas epístolas, entre as quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem, e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição* (2 Pe 3.16). Leia outros textos sobre a autoridade da Bíblia como autoridade única: (Pv 30.5-6; Ap 22.18-19; Jr 23.29-31).

5.1 - EVANGELHO DE JOÃO BATISTA

Falando do que desconhece, pois a Seicho-No-Ie é de origem japonesa e não está familiarizada com o Novo Testamento, declara que o evangelho de João foi escrito por João Batista quando, na verdade, foi escrito por João, o evangelista, autor de mais três epístolas e do Apocalipse.

Assim se expressa a Seicho-No-Ie: O evangelho de João Batista é uma obra literária mais espiritual entre os evangelhos de Jesus Cristo... Devemos ler o evangelho de João Batista milhares e milhares de vezes, até sentirmo-nos a vida de Jesus Cristo ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 1, 1965, nº 1, p. 20). Indo mais além, a Seicho-No-Ie declara: O evangelho de São João ensina a mesma filosofia da Seicho-No-Ie ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 2, 1966, nº 2, p. 30).

VI - PUBLICAÇÕES

As publicações pelas quais divulgam seus ensinamentos são as seguintes:

Livro Principal - "A Verdade da Vida", com mais de 40 volumes. Esse livro pode ser considerado sua bíblia.

Sutras Sagradas:

Louvor aos Apóstolos da Missão Sagrada

Chuva de Néctar da Verdade

Palavras do Anjo

Contínua Chuva de Néctar da Verdade

Revistas Sagradas:

Fonte de Luz (substituiu a revista Acendedor)

Pomba Branca (para mulheres)

O Mundo Ideal

O Querubim (jornal para crianças)

Shinsokan e outras orações.

Periodicamente são ministrados seminários nas denominadas academias: Academia Sul-americana de Treinamento Espiritual de Ibiúna (SP); Academia de Treinamento Espiritual de Santa Tecla (RS); Academia de Treinamento Espiritual de Santa Fé (BA).

VII - SEUS ENSINOS

7.1 - A REVELAÇÃO DO ANJO

Masaharu Taniguchi declara que seu ensino fundamental foi recebido por intermédio de um anjo, na hierarquia de Querubim. *Disse o anjo: Tendo assim pregado o Anjo, torna o Querubim a indagar: Mestre, esclarecei a natureza real do homem.*

Responde o Anjo:

O homem não é um ser material,

O homem na realidade, não é a sua existência corpórea;

Nem as células cerebrais são a sua essência,

nem as células nervosas, nem os glóbulos,

nem o soro, nem as células musculares,

não é também a soma de todos eles

("O Santo Sutra da Seicho-No-Ie", Educação Divina e Treinamento Espiritual Para a Humanidade. Masaharu Taniguchi. Sociedade Religiosa Seicho-No-Ie no Brasil, 3ª edição, p. 302).

Quem ousaria exclamar: Pecadores, Pecadores!?

Deus jamais criou pecadores,

Assim, não poderia existir nesta terra,

Um único homem realmente pecador;

("Sutras Sagradas", A Verdade da Vida. Masaharu Taniguchi. Sociedade Religiosa Seicho-No-Ie no Brasil, 1965, p. 213).

Como bem o sabeis, freqüentemente muitas pessoas,

Têm se curado das suas doenças

Pela mera leitura do periódico Seicho-No-Ie;

Simplesmente porque o seu primeiro sonho,

Do homem mortal, foi destruído.

("O Santo Sutra da Seicho-No-Ie", Educação Divina e Treinamento Espiritual Para a Humanidade. Masaharu Taniguchi. Sociedade Religiosa Seicho-No-Ie no Brasil, 3ª edição, p. 304).

7.2 - A INEFICÁCIA DA MORTE DE CRISTO

Esse mesmo Querubim declarou mais o seguinte: Pecado, doença e morte, porque não são criações de Deus, são irrealidades, são falsidades, embora usem a máscara da Realidade. Vim para arrancar essa máscara e mostrar a irrealidade do pecado, da doença e da morte. No passado, veio

Sakyamuni com essa mesma finalidade; Jesus Cristo também veio com essa finalidade. Se os pecados tivessem existência real, mesmo a pregação da verdade de Buda em todas as esferas não poderia destruí-los; a crucificação de Cristo também teria sido ineficaz para destruí-los ("Sutras Sagradas", A Verdade da Vida. Masaharu Taniguchi. Sociedade Religiosa Seicho-No-Ie no Brasil, 1965, p. 210).

Resposta Apologética:

a) Paulo, escrevendo sua carta aos Gálatas, admoesta que tenhamos cuidado com as mensagens trazidas por anjos, notadamente, na hierarquia de Querubim, quando sua mensagem não se ajusta ao Evangelho genuíno de Jesus *Cristo. Diz ele: Mas ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema* (Gl 1.8).

b) O evangelho pregado por Paulo, acerca do qual disse ser o poder de Deus para a salvação de todo o que crer (Rm 1.16), é revelado com as seguintes palavras: *Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras* (1 Co 15.3). Ora, se lemos que Jesus morreu por causa dos nossos pecados e o Querubim da Seicho-No-Ie revelou a Masaharu Taniguchi que o pecado não existe, então que necessidade haveria de Cristo ter vindo ao mundo para morrer por nossos pecados se eles não existem? Nisso está o erro fundamental da Seicho-No-Ie. Procura negar a queda do homem, admitindo como ensino central que o homem é filho de Deus, incapaz de pecar, e conseqüentemente nunca se deve dizer que o homem é pecador. Sabemos que o Diabo é o pai da mentira, declaração essa feita por Jesus (Jo 8.44). Se um ensino religioso enfatiza não existir pecado, está ensinando uma mentira religiosa. Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós (1 Jo 1.8). É enfática também a declaração de Paulo sobre o pecado: *Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus* (Rm 3.23). *Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus Nosso Senhor* (Rm 6.23).

c) O homem foi criado com duas naturezas: uma material e outra espiritual. Então, não se pode negar que o homem é matéria, é uma realidade, originalmente isento de pecado, dado que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, e Deus viu que tudo quanto tinha feito era muito bom: *E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra* (Gn 1.26). E depois de ter concluído toda a obra da criação diz o texto bíblico: *E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom; e foi a tarde e a manhã, o dia sexto (Gn 1.31).* Essa declaração é reiterada em Ec 7.29: *Eis aqui, o que tão-somente achei: que Deus fez ao homem reto, porém eles buscaram muitas astúcias.*

d) Não se deve, porém, negar que o homem, abusando de sua liberdade de escolha, optou por desobedecer a Deus, comendo do fruto proibido e assim tornou-se pecador. É o que lemos em Rm 5.12: *Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram.*

O que dizer dos noticiários sobre abortos provocados, infidelidade conjugal, latrocínios, seqüestros, acidentes, guerras etc?

Dizem: *Muitos cristãos pregam que o homem é filho do pecado, mas será isto verdade?* ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 3, 1966, nº 3, p. 36).

Como aceitar como corretas estas afirmações: *Não pronuncies: Pecadores, pecadores. Todos são filhos de Deus. Não existe nenhum pecador* ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 9, 1967, nº 3, p. 41).

Com todos esses ensinamentos contrários ao Cristianismo histórico e ortodoxo, afirmam que a Seicho-No-Ie é um movimento de iluminação espiritual dizendo: *Acredito piamente de que este pensamento de iluminação da Seicho-No-Ie é a Verdade absoluta que realmente salva o homem e toda a humanidade. Esta mesma Verdade foi pregada pelo Jesus Cristo há dois mil anos.* ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 2,1966, nº 2, p. 28).

Resposta Apologética:

Jesus jamais ensinou que o homem não fosse pecador. Ensinou que nós, seres humanos, deveríamos orar: *E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos os nossos devedores* (Mt 6.12), o que significa que todos pecamos. Disse mais, que o mal está no coração do homem e é isso que contamina o homem (Mt 15.18-19). Disse que o homem, sendo mau, sabe dar boas dádivas aos filhos (Lc 11.13). Ensinou que sua missão seria a de salvar os pecadores (Lc 19.10). Várias de suas parábolas ilustram essa situação comum a todos os homens. Em Lucas 15 encontramos três parábolas (a da ovelha perdida, a da dracma perdida e a do Filho Pródigo) todas ilustradoras dessa condição comum a todos nós, pecadores. Depois de tantos ensinos contrários à Bíblia, jactam-se de representar o verdadeiro Cristianismo.

VIII - IDENTIFICA-SE COM O CRISTIANISMO?

A Seicho-No-Ie afirma que representa o autêntico ensinamento de Jesus, dizendo: As pessoas que seguem o Cristianismo deverão ultrapassar as formalidades e deslumbrar diante da Verdade da Seicho-No-Ie que explica a realidade dos ensinamentos de Jesus Cristo, abrindo os olhos para o real Cristianismo ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 2, 1966, nº 3, p. 38).

8.1 - ENSINOS DETURPADORES SOBRE JESUS

8.1.1 - JESUS FEZ JEJUM E PRATICAS ASCÉTICAS PARA ALCANÇAR A VERDADE:

Jesus fez jejum e outras práticas ascéticas durante quarenta dias e quarenta noites à beira do rio Jordão para alcançar a Verdade, mas aqueles que ouvem os seus ensinamentos podem ceifar sem maiores esforços e sem passar por aqueles sofrimentos. A semente do Homem Filho de Deus foi conseguida a custo através de jejum e outros sacrifícios ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 3, 1967, nº 9, p. 49).

Resposta Apologética:

Imaginemos se é bíblico o ensino da Seicho-No-Ie em afirmar que Jesus fez jejum e práticas ascéticas para alcançar a verdade. Em João 1.9 se declara ser Ele a verdadeira luz que, vinda ao mundo, ilumina a todo o homem. Jesus declarou ser o caminho; a

verdade e a vida e não que praticou ascetismo para alcançar a verdade (Jo 14.6). Disse que: *quem o segue não anda em trevas, mas tem a luz da vida* (Jo 8.12).

8.1.2 - JESUS NÃO PROPAGOU UMA RELIGIÃO ESTRITA

Nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai. Jesus não propagou uma religião estrita. Ele disse que o homem éfilho do Deus único e pode orar de onde e como quiser. Assim como Jesus disse, surgiu o ensinamento da Seicho-no-Ie que faz adorar o único Deus através de todas as religiões ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 3, 1967, n° 8, p. 50).

Resposta Apologética:

Ora, Jesus afirmou que existem apenas duas portas e dois caminhos. Um desses caminhos leva à vida, o outro leva à perdição (Mt 7.13-14). Conseqüentemente, é impossível admitir que Jesus tivesse ensinado adorar o Deus único através de todas as religiões, porque nem todas as religiões são monoteístas, sendo algumas delas politeístas e panteístas, como é o caso da Seicho-No-Ie que ensina: *A mão é uma, porém dela saem cinco dedos, cada qual com diferentes funções. Do mesmo modo, de um Deus único manifestam-se vários deuses com suas respectivas funções* ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 9, 1973, nº 52, p. 25). Isso é politeísmo. O hinduísmo é politeísta.

8.1.3 - O HOMEM E DEUS

Diz mais a Seicho-No-Ie: *O homem é o próprio Deus e por isso possui tudo dentro de si* ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 9, 1973, nº 55, p. 8). Outra declaração comprometedora: Deus é o todo em tudo ("Acendedor", Associação dos moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 3, 1967, nº 9, p. 7). Isso é panteísmo, ensino segundo o qual tudo é Deus. O panteísmo pregado pela Seicho-No-Ie é visto ainda na seguinte declaração: *A maior entre todas as descobertas é a descoberta do verdadeiro eu. O verdadeiro eu é o Deus onipotente* ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 3, 1967, nº 8, p. 10). *Filho de Deus não significa ser ele menos do que Deus* ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 3, 1967, nº 9, p. 7).

Resposta Apologética:

Nesse ensino a criatura é identificada como o próprio Criador. O verdadeiro eu (o subconsciente) é o próprio Deus. Homem e Deus são um.

Isso é panteísmo. O taoísmo e o budismo são panteístas; logo temos religiões diferentes com diferentes deuses.

A Bíblia condena tanto o politeísmo como o panteísmo. Apresenta o conceito de um Deus pessoal que criou o universo (Gn 1.1). Embora esteja presente em todos os lugares, dado que é onipresente (Jr 23.23-24), tem sua existência separada das obras por Ele criadas ou da própria natureza. Ele transcende a sua criação e não se mistura com a natureza (At 17.24-29). Lemos ainda em Isaías 43.10: *Vós sois as minhas testemunhas, diz o Senhor, o meu servo, a quem escolhi; para que o saibais, e me creiais e entendais que sou eu mesmo, e que antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá.* Ainda lemos em Deuteronômio 5.7: *Não terás outros deuses diante de mim.*

Isaías 44.24: Assim diz o Senhor, teu redentor, o que te formou desde o ventre: Eu sou o Senhor que faço tudo, que sozinho estendo os céus, e espraio a terra por mim mesmo.

8.1.4 - Todos os Homens São Filhos de Deus

Essa afirmação é feita da seguinte maneira: Todos os homens são filhos de Deus, assim Jesus não é o filho unigênito. E, nenhum homem consciente iria abrandar a própria cólera fazendo sofrer e matando o seu filho único pelos pecados cometidos por outras pessoas. Ademais, Deus, que é perfeito amor, não iria fazer isto ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 3, 1967, nº 8, p. 13). (Destaque nosso).

Resposta Apologética:

Quando lemos essas palavras de Taniguchi, não podemos deixar de concluir que ele não passa de um homem natural e, como tal, não entende das coisas de Deus, realmente (1 Co 2.14). Os homens tornam-se filhos de Deus quando aceitam Jesus como seu Salvador pessoal. *Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que crêem no seu nome* (Jo 1.12).

8.1.5 - Jesus e Nós Somos o Verbo e Unigênitos de Deus

A Seicho-No-Ie estende a divindade de Jesus para todos os seres humanos, dizendo: Quem nasceu de Deus, Deus será. É o Verbo que se faz carne, e habitou entre nós. E vimos a sua glória, como a glória do unigênito do pai, cheio de graça e de verdade. Aqui diz: o verbo se fez carne e habitou em nós. Preste atenção na aplicação do plural. O verbo não habitou somente em Jesus Cristo. Todos nós somos unigênitos de Deus. Há muitos unigênitos. Quem não compreende o que é unigênito, vive iludido, écomo um filho pródigo que parte para uma viagem sem destino ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 2, 1966, n° 2, p. 34).

Resposta Apologética:

Em Jo 1.1 encontramos uma declaração solene da divindade absoluta de Jesus. Diz o texto: *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.* O texto, formado por três sentenças, não deixa dúvidas sobre três aspectos da pessoa de Jesus. Quando lemos: 1) No princípio era o Verbo: encontramos uma declaração sobre a eternidade de Jesus. O Verbo sempre existiu co-eternamente com Deus, o Pai (Mq 5.2; Jo 8.58); 2) e o Verbo estava com Deus: esta cláusula fala da distinção de pessoas. O Verbo co-existia lado a lado, frente a frente com Deus, o Pai; e por fim: 3) e o Verbo era Deus: O que indica que o Verbo era, em sua natureza divina, o que Deus era, Deus na sua plenitude (Cl 2.9).

O texto de Jo 1.14 não diz que o verbo se fez carne e habitou em nós, porém, que habitou entre nós. E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade. Jesus habitou entre nós - repetindo - e não em nós. Não temos a natureza de Jesus, mas temos comunhão com Jesus (1 Jo 1.3).

8.1.6 - A Negação da Ressurreição Corporal de Jesus

Diz a Seicho-No-Ie sobre a ressurreição de Jesus: Quem considera a ressurreição de Jesus como um mero aparecimento de seu corpo astral perante os discípulos não conhece o profundo significadoda mesma ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 3, 1967, nº 8, p. 19).

Continua a negação da ressurreição corporal de Jesus, e a Seicho-No-Ie ensina: Jesus ressuscitou em espírito. O verdadeiro significado da ressurreição de Jesus após a morte na cruz é: ressuscitar no fundo do subconsciente de toda a humanidade a convicção de que o homem é filho de Deus, após anular a consciência do filho do pecado através do sofrimento de Jesus. Não é a ressurreição de somente uma pessoa, mas a ressurreição de toda humanidade ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 3, 1967, nº 8, p. 20, junho de 1967).

Resposta Apologética:

Ora, a ressurreição corporal de Jesus é assunto muito importante na Bíblia, como lemos em 1 Co 15.1-6,14-17. Não se trata de uma ressurreição espiritual, pois, não tendo Jesus pecado, não precisava ressuscitar espiritualmente, que é um sentido figurado de quem, sendo pecador, nasce de novo, ou se torna nova criatura, quando aceita a Cristo como Salvador (2 Co 5.17; Ef 2.1-3; Cl 3.1-5). Jesus ressuscitou corporalmente dentre os mortos. No primeiro dia da semana, muito de madrugada, foram elas ao sepulcro, levando as especiarias que tinham preparado, e algumas outras com elas. E acharam a pedra revolvida do sepulcro. E, entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus (Lc 24.1-3). O restante de Lucas 24.36-43 declara que essa ressurreição de Jesus foi corporal. Ainda quando Tomé duvidou da ressurreição física de Jesus, Jesus permitiu que Tomé lhe tocasse: Depois disse a Tomé: *Põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; e chega a tua mão, e põe-na no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente. E Tomé respondeu e disse-lhe: Senhor meu, e Deus meu!* (Jo 20.27-28). Isso é ensino fundamental da Bíblia.

8.1.7 - JESUS É IGUAL A BUDA

Ensinam: *Sakia Muni (Buda) e Jesus foram máximos entre os mestres* ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 2,1966, nº 2, p. 33).

Resposta Apologética:

Buda foi considerado mestre iluminado quando descobriu a razão do sofrimento humano. Admitiu que sua iluminação se deu quando definiu que o sofrimento humano era resultado do desejo. Jesus afirmou que o sofrimento era conseqüência do pecado, usando o seu direito de livre-arbítrio (Gn 2.16-17; 3.1-9; Rm 5.12) e para eliminar o sofrimento do homem morreu por nós no Calvário (Mt 16.21-23; 26.26-28).

8.2 - FALSOS MILAGRES

8.2.1 - SALVO DA MORTE

São atribuídos milagres à leitura das publicações, notadamente as sutras sagradas e a Shinsokan. Lemos de alguns milagres atribuídos a tais publicações: *Durante a guerra também houve um soldado que foi salvo pelo KANRO NO HOOU, que contém as palavras da Verdade. A bala inimiga dirigida para ele acertou e ficou retida no KANRO NO HOOU, que carregava*

consigo e ele saiu ileso ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 9, 1973, nº 52, p. 37).

8.2.2 - Sono de Crianças

Fazer a criança dormir ouvindo a leitura do KANRO NO HOOU, que fala sobre o homem-filho de Deus e Perfeito, é também um bom método ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 9, 1973, nº 51, p. 21).

8.2.3 - Mosquitos e Percevejos São Beneficiados pela Shinsokan

O Sr. Endo, pela leitura do livro "A Verdade da Vida" e a sutra sagrada KANRO NO HOOU, compreendeu a Verdade de que o homem é filho de Deus e que todos os seres vivos são irmãos. E concentrando o pensamento em Deus, que é a origem do filho de Deus, os mosquitos, que são seus irmãos, ficaram fazendo o shinsokan em harmonia com ele, sem lhe sugar o sangue ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 9, 1973, nº 52, p.35).

O homem é filho de Deus, e irmão de todos os seres, até os percevejos, que parecem ter nascido para sugar o homem, passam a não ferir mais o homem ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 9, 1973, nº 52, pp.34-36).

Resposta Apologética:

Jesus profetizou o surgimento de falsos profetas e falsos cristos que fariam sinais e prodígios que, se possível, enganariam até os escolhidos: *Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos* (Mt 24.24). Uma pergunta deve ser respondida pelos adeptos da Seicho-No-Ie: quando um mosquito ou percevejo suga o seu sangue, terá ele coragem de matar seu irmão?

8.2.4 - O Câncer Não Existe

Na seção Perguntas e Respostas, lemos:

Pergunta: Tive câncer de mama, e a mama esquerda foi retirada. Realizei tratamentos radioterápicos e quimioterápicos, mas o câncer tornou a manifestar-se no mesmo local. Eu acredito na Seicho-No-Ie, pratico a Meditação Shinsokan, realizo o culto aos antepassados, faço a oração do perdão e leio as sutras sagradas. Apesar de tudo, por que houve a recidiva do câncer? Desde a primeira cirurgia, tenho praticado o que a Seicho-No-Ie ensina.

Resposta: A Seicho-No-Ie ensina que o homem é filho de Deus, o câncer não existe originariamente, o câncer manifestado é projeção da mente. Por que um filho de Deus originariamente saudável manifesta doenças? A causa está na mente e nos atos condizentes com seu estado mental. As práticas religiosas da Seicho-No-Ie não são realizadas com o fim de curar doenças. O seu ponto fundamental é agradecer aos antepassados, aos pais, aos irmãos, a todas as pessoas, a todas as coisas e a todos os fatos ("Fonte de Luz", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 29, 1993, nº 277, pp. 36-37).

Resposta Apologética:

Quantas mortes tem provocado esse ensino que leva os doentes com câncer a negar a realidade da enfermidade durante o período em que ainda se poderiam tomar pro-

vidências médicas que viessem contribuir para a saúde do paciente. Param os adeptos da Seicho-No-Ie de reconhecer a existência da enfermidade apenas quando estão nos caixões mortuários e já não podem gritar: Não estou doente! Não estou doente, pois a doença não existe. Tudo é apenas uma miragem da nossa mente.

IX - OUTROS ENSINOS PECULIARES

9.1- CULTO AOS ANTEPASSADOS

As doenças dos ossos, sobretudo as da coluna, têm como causa o problema de relacionamento com os antepassados. Deve efetuar culto aos antepassados com sincera dedicação. É fundamental que o culto aos antepassados seja feito com sincero sentimento de gratidão ("Fonte de Luz", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 29, 1993, nº 278, p. 37).

Recomenda a Seicho-No-Ie: Cultuemos também os filhos ou netos que morreram precocemente, oferecendo-lhes diariamente a leitura da Sutra Sagrada, Chuva de Néctar da Verdade ou Palavras do Anjo. Se possível, devemos determinar um horário fixo para, diante dos espíritos dos antepassados (em frente a um oratório), evocá-los ("Fonte de Luz", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 29, 1993, nº 286, p. 9). A Seicho-No-Ie recomenda então o seguinte: Quando a família for constituída por um casal e filhos, deve-se evocar os antepassados de quatro famílias: primeiramente, evocam-se os antepassados das famílias do pai e da mãe do marido: Ó almas dos antepassados da Família; Ó almas dos antepassados da Família. A seguir, evocam-se os antepassados das famílias do pai e da mãe da esposa. Depois, deve-se pronunciar, um por um, o nome dos parentes mortos há menos de 50 anos. Deve-se, então, chamando pelo nome essas pessoas mortas, dizer: Ó alma de fulano de tal ("Fonte de Luz", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 29, 1993, nº 286, p. 10).

Resposta Apologética:

Pela Bíblia, sabemos que os mortos não se comunicam com os vivos. Quando, pois, vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os adivinhos, que chilreiam e murmuram: Porventura não consultará o povo a seu Deus? A Lei e ao Testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra é porque não há luz neles (Is 8.19-20). Têm os mortos consciência do que ocorre em torno deles no lugar onde estão: os cristãos ficam com Cristo no céu (2 Co 5.6-8; Fp 1.21-23); os descrentes ficam no Hades até o dia do Juízo Final, quando de lá sairão para o lago de fogo ou Geena (Lc 16.22-25; Ap 20.11-15). Nada sabem do que ocorre na terra (Hb 9.27). Devemos ter respeito pelos nossos parentes enquanto vivos, mas não há possibilidade de que eles nos ajudem ou prejudiquem depois da morte.

9.2 - CARMA

Ensinam: Se uma criança nasce com algum problema, a causa não está somente na criança, mas também no carma dos pais. Os espíritos procuram eliminar os pecados através dos sofrimentos ("Fonte de Luz", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 29, 1993, nº 284, p. 36).

Efetue diariamente o culto aos antepassados, acreditando que com isso o seu carma do passado se extinguirá ("Fonte de Luz", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 29, 1993, nº 278, p. 37).

Resposta Apologética:

Queremos que nossos filhos e netos mostrem respeito e admiração por nós enquanto vivemos, mas nada valem homenagens prestadas após a nossa morte (Ef 6.2-3; Pv 23.22; 1 Tm 5.4). Devemos prestar culto a Deus e a Jesus Cristo, Seu Filho (Ap 5.11-13).

9.3- Pessoas Más Não Existem

Ensinam: *E então poderemos perceber que neste mundo criado por Deus jamais existem pessoas más* ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 9, 1973, nº 31, p. 9).

Resposta Apologética:

Dizer isso é ignorar a história dos grandes criminosos como Nero, Hitler, Stalin e outros que se notabilizaram pelas suas crueldades. Parece incrível! Diante de tanta maldade humana hoje existente, e muito mais à medida que a vinda de Cristo se avizinha que ouse alguém afirmar que não existem pessoas más. Isso é ridículo! Como está escrito: *Não há um justo, nem um sequer. Não há ninguém que entenda; não há ninguém que busque a Deus. Todos se extraviaram, e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só* (Rm 3.10-12; Mt 24.12,37-39; 2 Tm 3.1-6).

9.4- Satanás (ou diabo) e Inferno Não Existem

Ensina a Seicho-No-Ie:

PERGUNTA: Na doutrina da Seicho-No-Ie existe Satanás, diabo ou inferno?

Resposta: Satanás ou diabo e inferno não são existências verdadeiras, porque Deus não os criou. Como poderia Deus criar o diabo ou o inferno? Ele não faria isso ("Fonte de Luz", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 28, 1992, nº 275, p. 39).

Resposta Apologética:

Na realidade, quando Deus criou o mundo e todas as coisas, Ele viu que tudo quanto tinha feito era muito bom (Gn 1.31), mas, o homem, por livre-arbítrio, escolheu dar ouvidos à voz da serpente e caiu em pecado. Pelo pecado a morte passou a todos os homens porque todos pecaram (Rm 5.12). A solução para o pecado do homem veio com Jesus Cristo, que, sendo Deus (Jo 1.1) se fez homem (Jo 1.14) e para nos livrar da condenação morreu por nós trazendo-nos a salvação (Tt 2.11-14). O homem é responsável por aceitar ou recusar a salvação gratuita na pessoa de Jesus Cristo. Quem crer em Cristo e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado (Mc 16.15-16). Jesus falou do céu (Jo 14.2-3), mas também falou do inferno como lugar preparado para o Diabo e seus anjos (Mt 25.41). No entanto, o homem ao ir para o inferno, vai para um lugar que não lhe foi destinado. Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: *Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna* (Mt 25.41,46). Como lemos o inferno foi preparado para o Diabo e seus anjos. Se o homem vai para lá é por vontade pessoal.

A ironia da Seicho-No-Ie é tanta, que, zombando do inferno, assim se pronuncia: *Quem prega: Pecadores, vós cai-reis no inferno, ele próprio cairá no inferno* ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie no Brasil. Ano 6, 1967, nº 3, p. 38). Ora, como alguém cairá num lugar, que, segundo a Seicho-No-Ie, não existe? Deus não criou um diabo, mas criou um querubim de grande poder e ele se ensoberbeceu e sofreu a queda, pela qual se tornou Satanás (Is 14.12-14; Ez 28.14-16). E depois de tudo o que de mal aconteceu no mundo pelo pecado insuflado de Satanás, outro Querubim - o da Seicho-No-Ie está causando grandes males no mundo com seus ensinos falsos e absurdos.

X - CONCLUSÃO

A Seicho-No-Ie é um movimento que procura estar bem com todas as religiões mundiais. Isso se observa a partir das citações contidas em suas publicações, que freqüentemente fazem citações da Bíblia e de outros livros de religiões orientais.

A Seicho-No-Ie e o Cristianismo originariamente são unos, e a sua ideologia básica é a Verdade do homem FILHO DE DEUS, originalmente perfeito, donde surgem todos os bens reinantes. É neste ponto que a Seicho-No-Ie e o Cristianismo se unem perfeitamente ("Acendedor", Associação dos Moços da Seicho-No-Ie. Ano 5, 1966, nº 2, p. 43).

O leitor diria que essa última declaração corresponde à verdade? A resposta só pode ser uma: NÃO!

* * *

Este e-book foi digitalizado pela equipe do Semeadores da Palavra e-books evangélicos.

Se não encontrou essa informação na 2ª página, então você o baixou de um site desonesto, que não respeita o trabalho dos outros, e retirou os créditos.

Venha se abastecer de literatura evangélica diretamente da fonte:

www.semeadores.net/blog

Fórum (para pedidos e trocas de idéias):

www.semeadoresdapalavra.top-forum.net

Mas o livro ainda não acabou.

Continue na página seguinte!

ADEPTOS DO NOME YEHOSHUA E SUAS VARIANTES

I - INTRODUÇÃO

Os Adeptos do Nome Yehoshua e Suas Variantes (ASNYV) surgiram no Brasil por volta de 1987 aproximadamente. Esse movimento não é propriamente dito uma heresia ou seita de origem brasileira, já que existem similares nos Estados Unidos e em outros lugares. Embora seja relativamente novo no Brasil, esse movimento experimentou um incrível fracionamento. Entre os adeptos do nome Yehoshua há muita divisão e ramificações, tanto doutrinária quanto institucional. Há grupos que negam a doutrina bíblica da Trindade, outros são sabatistas, ou seja, defendem a guarda do sábado, outros crêem ainda em duas categorias de salvos: os cristãos que habitarão no céu e os judeus, assírios e egípcios, que embora possam ser salvos, herdarão a terra. Outros, ainda crêem na totalidade dessas idéias. São exclusivistas, ostentando assim o monopólio da salvação. Alguns grupos são denominados de as Testemunhas de Yehoshua, Gideões de Yehoshua Hamashiach, Igreja do Deus Yehoshua etc. Alguns dos seus líderes e escritores no Brasil são: José Cláudio Pinheiro, Josué B. Paulino, Ivo Santos de Camargo etc.

II - O NOME YEHOSHUA

Os Adeptos do Nome Yehoshua e Suas Variantes declaram que o nome Yehoshua é de origem divina e significa Deus Salvador (YEHO = SENHOR + SHUAH = SALVAÇÃO). Falam que o nome Jesus é de origem pagã e significa Deus-cavalo (YE = DEUS + SUS = CAVALO).[1] Vão mais além na sua obstinação contra o nome Jesus, comparando-o com Esus — deus mitológico dos celtas, que aparece segurando serpentes com cabeça de carneiro. Concluindo precipitadamente que os cristãos adoram a serpente, ao invés do Cordeiro de Deus. Admitem ainda que o Senhor Jesus seja o portador do misterioso número 666.

Gostaríamos de iniciar nossa breve consideração aos Adeptos do Nome Yehoshua e Suas Variantes (ASNYV), partindo da perspectiva de que a complexidade do Nome de Deus יהוה (YHWH), conforme nos é apresentada em Êx 3.13-15, é uma e a insistência de que somente a pronúncia Yehoshua (hebraico יהושע), para o nome de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo deve ser outra.

Nossa intenção não é desprezar, nem muito menos ridicularizar, mas apenas fazer a apologia cristã das questões concernentes aos argumentos apresentados por eles.

Concordamos inteiramente com os ASNYV que o estudo de diversas línguas é importante e de muito proveito. Discordamos, porém, dos exemplos que eles oferecem para apoiar suas doutrinas.

A diferença entre hipótese e fato comprovado desempenhará um papel importante em nossa argumentação, pois somos cientes de que há uma tendência no ser humano para confundir esses dois conceitos. Confusão esta que se encontra sedimentada em fatores de ordem subjetiva, assumindo, muitas vezes, um aspecto passional.

Dizem os ASNYV que nome próprio não deve ser traduzido, mas apenas transliterado. Será que realmente este princípio deverá ser sempre observado? Se a resposta for afirmativa, o que podemos concluir acerca de tais nomes próprios: Simão, João, Pedro, José, Judas, Jacó, Maria, Isabel, Débora, Moisés, Elias, Obadias etc? Todos esses nomes próprios, dentre outros, são transliterações, traduções ou equivalentes (formas) portugueses de nomes próprios hebraicos?

Nomes como *rabi, messias, dracma, sábado, pentecostes, e siclo,* são traduções, transliterações ou equivalentes portugueses de nomes hebraicos?

Para esclarecer o significado de transliteração, tradução e equivalente, partiremos de um texto do Evangelho de João (1.38,41-42)·. E Jesus, voltando-se e vendo que o seguiam, disse-lhes: Que buscais? Disseram-lhe: Rabi (que, traduzido, quer dizer mestre), onde moras? ... Este achou primeiro a seu irmão Simão e disse-lhe: Achamos o Messias (que, traduzido, é o Cristo). E levou-o a Jesus. E, olhando Jesus para ele, disse: Tu és Simão, filho de Jonas; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro).

Os nomes *Jesus, Rabi, Mestre, Simão, Messias, Cristo, Jonas (João)* e *Pedro* são escritos respectivamente da seguinte forma no original grego: Ιησους (*Iesous*), Ραββι *(rabbi),* Διδασκαλος *(didáskalos),* Σιμων *(Símon),* Μεσσίας *(Messias),* Χρίστος (*Khristós*), υιος (*hyiós*), Ιωαννης (*Ioánnes*), Κηφας (*Kephâs*) e Πετρος (*Pétros*).

Uma vez que todos os manuscritos do Novo Testamento grego estão escritos em grego *Koiné,* não seria sensato insistirmos em argumentos que partem da hipótese de que os autógrafos, ou seja, os escritos elaborados por seus próprios autores, teriam sido escritos em hebraico ou aramaico e depois traduzidos para o grego. Por isso, o critério máximo de autoridade em termos de exegese e hermenêutica do Novo Testamento será o texto grego, ainda que sejam admitidos os problemas de variantes textuais.

A tabela abaixo será útil para iniciarmos as nossas considerações:

Português	Hebraico	Aramaico	Equivalente Grego	Tradução Grega
Jesus	עשוהי	....	Ιησους	....
Rabi	ריב	....	Ραββι	Διδασκαλος
Simão	ועמש	....	Σιμων	....
Messias	חישמ	....	Μεσσιας	Χριστος
Filho	....	בר	....	υιος
João	ונחוי	....	Ιωαννης	....
Cefas	....	אפיכ	Κηφας	Πετρος

Em todos estes nomes não encontramos a transliteração de nomes próprios. Ιησους (*Iesous*), Σιμων (*Símon*), ונחוי (*Ioánnes*) e Κηφας (*Kephâs*), não são transliterações do hebraico e aramaico, são apenas equivalentes gregos de nomes próprios provenientes do hebraico e aramaico. Ραββι (*rabbi*) e Μεσσιας (*Messias*) são equivalentes do hebraico ריב (*rabbi*) e חישמ (*Mashiach*). Κηφας (*kephâs*) é um equivalente grego do aramaico אפיכ (*keypha*). Διδασκαλος (*didáskalos*), Χριστος (*Khristós*), υιος (*hyiós*) e Πετρος (*Pétros*) são traduções gregas do hebraico e aramaico. Como podemos perceber, não há nestas palavras nenhum exemplo de transliteração de nomes hebraicos e aramaicos.

Os ASNYV não percebem a inconsistência de insistir somente na transliteração de עשוהי (*YEHOSHUA*). Partem da hipótese de um exemplo bíblico de transliteração, contido em Lc 23.38. Afirmam que a transliteração de עשוהי (*YEHOSHUA*) em letras gregas seria Ιεηοξυα (*Ieêoksya*). Em letras latinas seria Yehoshua[1]. Lembremos ao prezado leitor que transliterar significa reduzir um sistema de escrita por outro, letra por letra, observando-se as leis fonéticas pertencentes a ambos os sistemas. Duas observações merecem destaques nesta hipótese:

1ª) Nem todos os manuscritos gregos apresentam a leitura: em letras gregas, latinas (romanas) e hebraicas. O *Novum Testamentum Graecae* (NA 27), de suma importância para a crítica textual, não aceita esta citação. Seria menos problemático o texto de João 19.20;

2ª) A transliteração Ιεηοξυα (*Yeêoksya*) apresentada pelos ASNYV não é plena. O Sh'váh sonoro (:) é representado por ε (*epsylon*). O Π (*he*) consonantal é representado pela vogal longa η (*eta*), a vocalização ו (*cholem*) é representada por o (*omikron*), o ש (*shin*), uma consoante fricativa palatal, que soa como ch na palavra portuguesa *achar*, é representada pela consoante dupla ξ (*ksi*) = κ (*káppa*) + σ (*sigma*). A letra grega ξ soa em português como *x* na palavra *táxi*. Percebemos, então, que ela não é o equivalente pleno da consoante hebraica ש (*shin*). A vocalização (*quibbúts*) é representada por υ (*hypsilón*).

Daremos ao leitor o nome hebraico ou aramaico, a transliteração latina, o equivalente grego, o equivalente latino, a tradução grega, a tradução latina, o equivalente português e a tradução portuguesa, quando possível, destes nomes em questão:

Nome Hebraico ou Aramaico	Transliteração Latina	Equivalenle Grego (forma)	Equivalente Latino	Tradução Grega	Tradução Latina	Equivalente Português (forma)	Tradução Portuguesa
עשוהי	Yehoshua	Ιησους	Iesus	....	....	Jesus	....
יבר	Rabbiy	Ραββι	Rabbi	Διδασκαλος	Magister	Rabi	Mestre
ווענש	Shime'on	Σιμων	Simon	....	....	Simão	....
חישמ	Mashiach	Μεσσιας	Messias	Χριστος	Christus	Messias	(Ungido)
בר	Bar	(Βαρ)	Bar	υιος	Filius	....	(Filho)
ווחנ	Yochanan	Ιωαννης	loannes	....	....	João	....
אפיכ	(Keypha)	Κηφας	Cephas	Πετρος	Petrus	Pedro	(Pedra)

Podemos concluir facilmente que:

a) Jesus, Simão e João são equivalentes portugueses dos nomes próprios Ιησους (*Iesous*), Σιμων (*Símon*) e Ιωαννης (*Ioánnes*), que são equivalentes gregos dos nomes próprios hebraicos עשוהי (*YEHOSHUA*), ווענש (*Shimeon*) e ווחנ (*Yochana*n);

b) Messias e Rabi são equivalentes portugueses de Μεσσιας (*Messias*) e Ραββι (*rabbi*), equivalentes gregos dos substantivos hebraicos חישמ (*Mashiach*) e יכר (*rabbi*);

c) Cristo é o equivalente português de Χριστος (*Khristós*), tradução grega do hebraico חישמ (*Mashiach*);

d) Filho é a tradução do aramaico רכ (*bar*), traduzido em grego por υιος (*hyiós*) e em latim por *filius*;

e) Mestre é a tradução portuguesa do hebraico יכר (*rabbi*), que em grego é Διδασκαλος (*didáskalos*);

f) Cefas é o equivalente português de Κηφας (*Kephâs*), equivalente grego do aramaico אפיכ (*keypha*);

g) Pedro é o equivalente português da tradução grega Πετρος (*Pétros*), que é a tradução do aramaico אפיכ (*keypha*).

Obs.: Não houve transliteração alguma, segundo o critério adotado pelos ASNYV.

Josué B. Paulino, referindo-se ao texto abordado por nós, declara o seguinte: Por isso nós vemos as Escrituras repletas de textos "parafraseados", e frases espúrias acrescentadas entre ( ), como por exemplo João 1.41-42; 4;25, onde aparece entre ( ) acréscimos espúrios deturpando o sentido do texto sagrado.[3] Examinemos, então, prezado leitor, as referências citadas por ele, na edição Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida: Este achou primeiro a seu irmão Simão e disse-lhe: Achamos o Messias (que, traduzido, é o Cristo). E levou-o a Jesus. E, olhando Jesus para ele, disse: Tu és Simão, filho de Jonas; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro), e: A mulher disse-lhe: Eu sei que o Messias (que se chama o Cristo) vem; quando ele vier, nos anunciará tudo. Sabemos que os parênteses servem para isolar explicações, indicações ou comentários acessórios. As frases que os ASNYV chamam de espúrias: (que, traduzido, é Cristo), (que quer dizer Pedro) e (que se chama o Cristo), encontram-se no texto grego sem parênteses. Como podem ser espúrias se aparecem no texto grego? No grego o εστιν μεθερμηνευομενον χριστος (ho estin methermeneuómenon Khristós), o ερμηνευεται πετρος (ho hermeneúetai Pétros) e o λεγομενος χριστος (ho legómenos khristós). Temos três verbos:

1) o verbo μεθερμηνευω (methermeneúo), composto da preposição μετα (metá) + ερμηνευω (ermeneúo), cujo significado é traduzir (para outra língua ou idioma);

2) ερμηνευω (ermeneúo), cujo sentido é interpretar e

3) λεγω (lego), que pode ser lido aqui como chamar (por um nome).

Nem todas as traduções são unânimes em utilizar os sinais de pontuação, pois sabemos que os critérios variam de tradutor para tradutor. Discutamos os critérios de pontuação em destaque, mas não os coloquemos no mesmo nível do texto grego. Deduzimos facilmente que estas frases são consideradas espúrias pelos ASNYV devido ao fato de elas apoiarem a tradução de nomes próprios, o que seria um problema para os ASNYV, uma vez que eles insistem em que nome próprio não se traduz, apenas se translitera.[4]

Josué B. Paulino apresenta-se como profeta da restauração do verdadeiro e único NOME do Senhor. Vejam a conclamação sugerida por ele:... *Diante do exposto, sem nenhum insulto ou afronta fraternalmente CONVIDAMOS a todos os Ministros Evangélicos, presbíteros, diáconos, obreiros e a comunidade evangélica em geral; bem como toda a população para participarem de um amplo e profundo DEBATE sobre tradução ou transliteração do nome sagrado Yehoshua nas Escrituras Sagradas. Todos, devem participar desse debate inédito inclusive telefonando para a Comissão de Tradução, Revisão e Consulta da SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. Fone (011) 421 6711, Barueri - SP; COBRANDO deles a edição de uma Bíblia corrigida com o Nome verdadeiro do Filho de Deus em lugar do pseudônimo Jesus*...[5]

Seria um absurdo cobrar da Sociedade Bíblica do Brasil uma edição da Bíblia corrigida com o nome verdadeiro Yehoshua, sempre que no Novo Testamento aparecer o pseudônimo Jesus, e Mashiach sempre que aparecer a suposta deturpação fonética Cristo. Acreditar nesta edição seria não levar em conta a contribuição de três ciências que se opõem às idéias dos ASNYV:

1) a lingüística;

2) a hermenêutica;

3) a apologética.

A lingüística porque os ASNYV não levam em consideração o estudo histórico e comparativo das línguas, chegando a ponto de afirmar que Ιησους é uma palavra grega, que, em hebraico significa deus-cavalo.[6] Se a palavra é grega, como podemos dar o seu significado em hebraico? Para tal falácia, desmembram Ιησους em Ιη (Ie) = Deus (hebraico?) mais σους (sus) = סוס (cavalo em hebraico).

A hermenêutica porque desconsideram os problemas concernentes à interpretação, chegando a afirmar que trocaram a palavra hebraica Messias pelo Cristo grego, assim como Yehoshua foi trocado por Jesus, também dos gregos.[1] Lembremos que Μεσσιας (Messias) está para o hebraico חישמ (Mashiach) assim como Ιησους (Iesous) está para עשוהי (Yehoshua). Assim sendo, podemos afirmar que חישמה עשוהי (Yehoshua hamashiach) encontra o equivalente grego Ιησους ο Μεσσιας (Iesous ho Messias). Ιησους ο Χριστος (Iesous ho Khristós) é a tradução grega sem a tradução do nome עשוהי (Yehoshua), Iesus Christus é o equivalente latino, Jesus Cristo é o equivalente português e Jesus o Ungido é a tradução portuguesa de חישמה עשוהי (Yehoshua hamashiach).

A apologética porque por trás da insistência dos ASNYV na transliteração, a doutrina da Trindade é negada. Eles chegam a afirmar que Yehoshua é o imutável NOME do Pai, Filho e Espírito Santo....[8]

Analisando agora Atos 26.14-15: E, caindo nós todos por terra, ouvi uma voz que me falava e, em língua hebraica, dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa te é recalcitrar contra os aguilhões. E disse eu: Quem és, Senhor? E ele respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Dizem os ASNYV que se o próprio Jesus falou seu nome em língua hebraica — no texto grego τη Εβραιδι (tê hebraídí) — como poderemos, então, pronunciá-lo de outra forma? Seu sistema doutrinário os obriga a ignorar um dado muito importante: a autoridade do texto de Lucas encontra-se primeiramente em sua língua original, o grego, apesar de estar escrito em grego que Jesus falou com Paulo em hebraico. É óbvio que עשוהי (Yehoshua) é o nome hebraico de Ιησους (Iesous), seu equivalente grego. Já demonstramos que Iehoxua (Ieêoksya) não é a transliteração de עשוהי (Yehoshua). Veja, prezado leitor, que seria difícil acreditar na hipótese de que pelo menos um manuscrito grego apresentasse a transliteração sugerida pelos ASNYV. Hipoteticamente, deveria ser assim o texto grego: Εγω ειμι Ιεηοξυα ον συ διωκεις (ego eimi Ieêoksya hon syDiokeis). Nesse caso, teria acontecido uma conspiração lingüística muito bem estruturada pelos gregos e romanos que a lingüística moderna parece ignorar. Assim como as Testemunhas de Jeová inseriram o nome Jeová na Tradução do Novo Mundo no Novo Testamento, sem a autorização de pelo menos um manuscrito grego, assim também querem fazer os ASNYV, inserindo o nome Yehoshua. Se levássemos em consideração apenas o Antigo Testamento, poderíamos aceitar a discutibilidade de tal projeto; tratando-se, porém, do Novo Testamento, não há base lingüística alguma que o justifique. Gostaríamos de salientar ainda que os Nominna Sacra (os nomes sagrados) estão relacionados a diversas ciências, tais como, a semântica, a hermenêutica, a exegese, a teologia, a filologia e a apologética.

Se a lingüística já descarta tal hipótese, o que esperar, então, dessas outras ciências em relação ao projeto dos ASNYV? Façamos um breve retrospecto do Nome Jesus: Jesus é proveniente do hebraico עשוהי (*Yehoshua*), cuja transliteração é Yehoshua — Josué. Sua tradução é YHWH (והוי) é salvação. Josué era chamado de עשוה ןב ון (*Hoshea ben Nun*). Oséias, filho de Num (Nm 13.8; Dt 32.44) é a sua tradução. Em Nm 13.16 Moisés mudou o nome עשוה (*Hoshe'a*) para עשוהי (*Yehoshua*). Após o cativeiro babilônico, עשוהי (*Yehoshua*) tornou-se עושי (*Yeshua*). O sumo sacerdote Jesua é chamado em hebraico tanto עשוהי (*Yehoshua*) (Ag 1.1,12,14; 2.2,4; Zc 3.1,3,6,8,9; 6.11) quanto עושי (*Yeshua*) (Ed 3.2,8; 4.3; 5.2; Ne 7.7). A Septuaginta usou Ιησους (*Iesous*) tanto para עשוהי (*Yehoshua*) como para עושי (Yeshua). Concluímos, portanto, que Ιησους (*Iesous*) e seu equivalente latino Iesus é o nome do nosso Senhor e Salvador. Jesus é o equivalente português do עושי / עשוהי (*Yehoshua / Yeshua*).

Acreditam os ASNYV que o Novo Testamento, com exceção das cartas de Paulo, foram escritos em aramaico e posteriormente copiados para o grego. Os manuscritos mais antigos do Novo Testamento são datados do ano 340 a.D. os Codex Vaticanus. Esses Codex são escritos em grego. Não são os originais escritos pelos apóstolos, mas são cópias posteriores.[9] Em primeiro lugar, devemos diferenciar a evidência da hipótese. Josué B. Paulino não distingue o hebraico do aramaico, pois em determinado momento ele afirma: Sabemos com certeza que pelo menos o Evangelho de Mateus foi escrito em aramaico...[10] Logo em seguida, afirma: Visto que Mateus escreveu em hebraico, é inconcebível que ao relatar a anunciação do Anjo em Mateus 1.21, ele não

tenha escrito Yehoshua.[11] Hebraico ou aramaico? Sabemos com certeza que ambas as línguas são semíticas, mas a dúvida permanece, pois são línguas distintas. Gostaríamos de lembrar ao prezado leitor que os papiros Bodmerianos 66, 75 e 76, à disposição de pesquisadores na Biblioteca Bodmer, em Geneve, Suíça, apresentam a abreviação IS ou IC para Ιησους (*Iesus*). No papiro 75 encontramos os evangelhos de Lucas e João. Sua datação é dada como provável entre 175 e 225 a.D., sendo bem anterior a Jerônimo, o responsável, segundo os ASNYV pela criação do nome blasfemo, unindo o *J* de Júpiter, o equivalente romano da suprema divindade Zeus dos gregos, à divindade dos celtas (gauleses) Esus. O nome Jesus para os ASNYV seria, então, a união de Júpiter e Esus. Seria importante lembrarmos que o י (*Yod*) hebraico pode representar a vogai *i* ou a consoante *y*. Pierre de la Ramée difundiu, na Renascença, as letras *J* e *V* como equivalentes consonantais para o *i* e *u* latinos (romanos). Temos, portanto, dois fortes argumentos contra os ASNYV para a explicação da origem do nome blasfemo: o papiro 75 (p 75), anterior a Jerônimo, e Pierre de La Ramée, posterior a Jerônimo.

Algo que parece ser digno de destaque é a incrível afirmação de Haroeh José Cláudio Pinheiro, outro difusor das idéias dos ASNYV — [Haroeh é a transliteração do hebraico הערה (Haroeh), que traduzido é o pastor] — em sua apostila declara: Durante todo o tempo da história da humanidade, o homem procurou interpretar o tetragrama YHWH = YEHOSHUA. Nomes como Jeová, Iavé, Javé, Yawé, Yahweh foram apresentados como sendo a transliteração do nome Sagrado do eterno Deus. Onde encontramos na tradução "SEPTUAGINTA" (tradução feita dos originais hebraicos para o grego por 70 judeus) o nome "SENHOR", na verdade se encontra nos originais hebraicos o tetragrama "YHWH" que significa transliterado literalmente "YEHOSHUA" ou "YHWH TSIDKENU" (O eterno é a salvação, ou O Senhor é a Salvação). Mais tarde, o nome Yehoshua foi substituído por "KY" e "KC" forma abreviada da palavra grega "Kyrios" (SENHOR).[12] E ainda prossegue, citando Êx 6.3, e dando sua explicação para a pronúncia do tetragrama, estabelecendo uma equivalência com Yehoshua: *Apareci a Abraão, a Isaque, e a Jacó, como o Deus Todo-Poderoso, mas pelo meu nome, o Senhor* (YHWH = YEHOSHUA), *não lhes fui conhecido* ÊXODO 6.3. [13] O que nos chama a atenção é o fato dos ASNYV não se preocuparem com a transliteração dos nomes destes três patriarcas citados! Se nome próprio não se traduz, perguntamos mais uma vez: Abraão, Isaque e Jacó são transliterações, traduções ou equivalentes portugueses de nomes próprios hebraicos? Além do mais, duas observações, pelo menos, merecem destaque:

1ª) A significação independe de uma transliteração literal, uma vez que a questão do sentido das palavras pertence ao domínio da semântica, ciência que estuda a significação das palavras e da hermenêutica, ciência que tem a interpretação como objeto essencial de análise;

2ª) Yehoshua (hebraico עשוהי) jamais poderá ser o equivalente de YHWH, em hebraico הוהי. Percebemos que as duas letras ש e ע (*shin* e *ayin*) não estão presentes no tetragrama הוהי (*YHWH*). A questão referente ao nome de Deus em Êxodo 3.15 não deve, em hipótese alguma, estar associada à questão do nome Yehoshua. A incerteza da pronúncia do tetragrama leva em consideração somente as possibilidades vocálicas. As duas letras hebraicas ש e ע (*shin* e *ayin*) apresentam problemas vocálicos e consonantais.

Josué B. Paulino nos apresenta um relato para fortalecer a crença na pronúncia do nome Yehoshua: Em maio de 1995, a minha filha Miriã teve um sonho e assim me relatou: 'Sonhei que havia terminado de assistir a um estudo bíblico sobre o nome de Yehoshua e havia ficado preocupada com o significado desse nome. Então eu estava lendo um livro e nesse livro aparecia a inscrição: INRI, esse nome brilhava e clareava todo o quarto onde eu estava e eu sentia um grande poder; sentia como que uma voz dizia: INRI significa YEHOSHUA NAZARENUS REXIUDEAEROUM em latim e hebraico éYEHOSHUA HANOZRI WUMELECK HAYCHUDIM (YHWH) e em português é YEHOSHUA NAZARENO REI DOS JUDEUS... .[14]

Uma dúvida surge, subitamente, em nosso interior após a leitura do relato desse sonho: por que não foi dado o significado em grego? Será que poderíamos levantar uma hipótese para explicar

tal omissão? A omissão, talvez, seja devido ao fato de que o texto grego de João 19.19 não possa apoiar esta revelação, pois seria desta forma: Ιησους ο Ναζωραιος ο βασιλευς των Ιουδαιων (*Iesous ho Nadzoraios ho basileús tôn loudaion*). Como encontrar no grego o equivalente do hebraico? Já demonstramos que Iesus é o equivalente latino de עשוהי (*Yehoshua*) e Ιησους (*Iesous*), seu equivalente grego. O significado em hebraico dado pela filha de J. B. Paulino não corresponde à índole do idioma hebraico, pois deveria ser Yehoshu'a hánotsri mélekh (ou mélech) hayehudim. Wumeleck não é aceitável, pois não há presença de ו (*waw*) conjuntivo na inscrição em hebraico. ו (*waw*) surge, então, para corresponder ao ו (*waw*) do tetragrama יהוה (*YHWH*).

Valem-se ainda os ASNYV de um esquema criptográfico conhecido como gematria, para afirmar que Jesus Cristo é o portador do famigerado número 666,[15] sendo, portanto, o nome da besta citada em Apocalipse 13.18. Demonstram isso da seguinte maneira:

IESUS CRISTVS FILII DEI

1+ 5 + 100 + 1 + 5 + 1 + 50 + 2 + 500 + 1 = 666

Em primeiro lugar, gostaríamos de lembrar que IESVS CRISTVS FILII DEI é IESVS CRISTVS + FILII DEI.

Em segundo lugar, IESVS CRISTVS sozinho equivale a 112.

Em terceiro lugar, FILII (genitivo masculino singular) deveria ser FILIVS (nominativo masculino singular).

Assim sendo, teríamos:

FILIVS DEI

1 + 50 + 1 + 5 + 500 + 1 = 558

IESUS CRISTVS = 112 + FILIVS DEI = 558 = 670

670 é diferente de 666

Percebemos, portanto, a necessidade da presença de títulos ou apostos — sem contar com a presença de FILII, em vez da forma correta FILIVS — para se chegar ao número 666.

Os ASNYV, para caracterizar sua exclusividade, acreditam na evidência da confirmação de sua doutrina fonética por meio de sonhos, visões, revelações e consultas ao Senhor através da caixinha da promessa. Eis algumas de suas evidências:.. E o Senhor nosso Deus vem confirmando a Mensagem através de diversos Sonhos, Visões e Revelações, concedidos a muitos irmãos e irmãs conforme as Promessas de Sua Palavra (Joel 2.28-32; Ap 11.3-6).[16]

...Eu, irmã Guinoral M. Paulino, tive um sonho, no qual estávamos nos preparando para a grande tribulação...[17]

...Então, eu orava a Deus (no sonho) e consultava ao Senhor através da caixinha de promessas. Porém, quando abri a caixa de promessa, constatei que não havia nenhuma mensagem dentro da caixa, no entanto havia uma CANETA, que parecia do tipo tinteiro; a qual era extremamente pesada e bonita. E estava escrito horizontalmente na mesma caneta, como se fosse uma dedicatória: "Eu te constituí profeta entre as nações".[18]

Veja, caro leitor, que não nos parece razoável acreditar em sistemas doutrinários que tenham outra fonte de revelação além da Bíblia, a Palavra de Deus. A subjetividade pode, muitas vezes, fornecer subsídios para o dogmatismo político, religioso ou cultural. Por esse motivo, devemos ter cuidado com as pessoas que se julgam exclusivamente detentoras ou portadoras da verdade, como é o caso dos ASNYV. Acrescentamos também que não podemos aceitar a idéia do aspecto duvidoso do Evangelho de Mateus, uma vez que os ASNYV acreditam na autografia hebraica ou aramaica. Conclusões forçadas ou precipitadas sobre os textos Sagrados em suas línguas originais são, pelo menos, um indício de predisposição ao sectarismo ou à heresia (2 Pe 2.1-2).

III - CREDO DOS ADEPTOS DO NOME YEHOSHUA E SUAS VARIANTES

1. Alguns negam a inspiração do Evangelho de Mateus, sob alegação de que é um livro apócrifo;

2. Ensinam que o nome correto de Jesus é *Yehoshua* e que Jesus significa deus-cavalo;

3. Fazem ligação entre Jesus (no grego *Iesous)* com *Esus,* um deus celta, pretendendo com isso afirmar que os cristãos são pagãos;

4. Ensinam que o número 666 (número da Besta de Ap 13.6,18) se enquadra no nome de Jesus;

5. Negam o nascimento virginal de Jesus, ensinando ser Ele filho de José e Maria;

6. Negam a doutrina da Trindade, afirmando que o Pai é o Filho e o Filho, o Pai (Unicismo);

7. O batismo é realizado em *nome* de *Yehoshua-Mashiach,*

8. Crêem em duas classes de pessoas: os cristãos, que vão para o céu; e os judeus, assírios e egípcios, que irão herdar a terra;

9. Negam a salvação de quem invoca o nome de Jesus. Só há salvação para quem invoca o nome *Yehoshua;*

10. Ensinam a guarda do sábado como fator necessário à salvação.

IV - AS INOVAÇÕES

Ultimamente tem havido inúmeras inovações no meio do povo de Deus. Tanto fora da Igreja como no seio dela surgem as heresias. O apóstolo Paulo disse que Deus permite que isso aconteça para provar os fiéis (1 Co 11.19). É verdade que cada ser humano tem a liberdade de expressar seus pensamentos, por mais exóticos que sejam, porém causa-nos estranheza o fato de os agentes dessas idéias excêntricas encontrarem adeptos, acharem quem acredite nessas invenções.

Os fundadores das seitas costumam dizer que receberam revelação direta de Deus. Geralmente essas revelações contradizem a Bíblia. Seus adeptos, muitas vezes, deixam a Bíblia para seguir seus líderes. Isso aconteceu com Joseph Smith Jr., fundador do mormonismo; William Miller, depois Ellen Gould White, com o adventismo do sétimo dia; Charles Taze Russell, fundador das Testemunhas de Jeová etc, e agora, Ivo dos Santos Camargo, José Cláudio Pinheiro, Josué B. Paulino com as Testemunhas de Iehoshua.

Todo líder que procura impor uma inovação com base em suas supostas revelações, como doutrina básica de sua religião, deve ser rejeitado.

Como alerta aos crentes em Jesus que não conhecem as línguas originais e deixaram se levar por heresias e dúvidas dos ASNYV, apresentamos a exortação do apóstolo Paulo: *Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos sentidos, e se apartem da simplicidade que há em Cristo. Porque, se alguém for pregar-vos outro Jesus que nós não temos pregado, ou se recebeis outro espírito que não recebestes, ou outro evangelho que não abraçastes, com razão o sofrereis* (2 Co 11.3-4).

V - GLOSSÁRIO

Anátema: Maldito.

Apócrifo: Obra sem autenticidade comprovada.
Apologia: Defesa.
Celtas: Povos de raça indo-germânica, que já na Idade do Bronze chegaram às ilhas britânicas.
Criptogáfico: Relativo à criptografia, *arte* de atribuir valor numérico aos vocábulos.
Exegese: Comentário para esclarecimento ou interpretação de um texto ou de uma palavra.
Falácia: Engano.
Famigerado: Famoso
Gauleses: Natural ou habitante da Gália.
Hipótese: Acontecimento incerto, suposição.
Koiné: Língua comum, fundamentada no dialeto ático.
Pseudônimo: Nome suposto ou falso, geralmente adotado por artista ou escritor.
Septuaginta: Tradução do Antigo Testamento hebraico e aramaico para o grego.
TNM: Tradução do Novo Mundo, a Bíblia das Testemunhas de Jeová.
Variantes Textuais: Formas ou possibilidades de leitura do mesmo texto ou vocábulo.

NOTAS:

1 *Sai Dela Povo Meu.* Autor: Haroeh José Cláudio Pinheiro, p. 22.
2 A Mensagem Para os Últimos Dias. Autor: Josué B. Paulino, p. 2.
3 *Um Desafio ao Cristianismo.* Autor: Josué B. Paulino. p. 17.
4 Mesmo livro citado, p. 2.
5 Mesmo livro citado, p. 3.
6 Mesmo livro citado, p. 47.
7 Mesmo livro citado, p. 24.
8 Mesmo livro citado, p. 23.
9 Mesmo livro citado, p. 15.
10 Mesmo livro citado, p. 20.
11 Mesmo livro citado, p. 20.
12 *Sai Dela Povo Meu.* Autor: Haroeh José Cláudio Pinheiro, pp. 19-20.
13 Mesmo livro citado, p. 20.
14 *Um Desafio ao Cristianismo.* Autor: Josué B. Paulino, p. 40.
15 Mesmo livro citado, p. 5.
16 Mesmo livro citado, p. 37.
17 Mesmo livro citado, p. 38.
18 Mesmo livro citado, pp. 38-39.

FIM